



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**ESCOLA DE DANÇA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA -**  
**PRODAN**

**GEÓRGIA RITA PALOMINO**

**AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE**  
**MAKUNAIMA- REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO**  
**DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE**  
**ARARAQUARA.**

**SALVADOR**

**2024**

**GEÓRGIA RITA PALOMINO**

**AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE  
MAKUNAIMA- REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO  
DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE  
ARARAQUARA.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Programa de Pós-  
Graduação Profissional em Dança, da  
Universidade Federal da Bahia, como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestra em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sofia Villas-  
Bôas Guimarães

SALVADOR

2024

Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Palomino, Geórgia Rita.

Ações artístico-educacionais na criação de Makunaima: reflorestando mentes: espetáculo de dança da Escola Municipal de Dança de Araraquara / Geórgia Rita Palomino. - 2024.  
179 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Sofia Villas-Bôas Guimarães.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2024.

1. Arte na educação. 2. Dança na educação. 3. Dança - Estudo e ensino - Araraquara (SP). 4. Criação (Literária, artística etc.). 5. Pedagogia culturalmente relevante. 6. Escola Municipal de Dança (Araraquara, SP). I. Guimarães, Maria Sofia Villas-Bôas. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793.3098161

CDU - 793.3(815.6)


**GEÓRGIA RITA PALOMINO**

**AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-  
REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL  
DE DANÇA DE ARARAQUARA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Bahia (UFBA), Escola de Dança, Salvador, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Dança.


Salvador, 26 de abril de 2024

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 **MARIA SOFIA VILLAS BOAS GUIMARAES**  
Data: 21/01/2025 11:52:06-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Profa. Dra. Maria Sofia Villas-Bôas Guimarães Universidade  
Federal da Bahia – UFBA

Documento assinado digitalmente  
 **LUCAS VALENTIM ROCHA**  
Data: 02/01/2025 11:17:26-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Lucas Valentim Rocha Universidade  
Federal da Bahia – UFBA

Documento assinado digitalmente  
 **KATHYA MARIA AYRES DE GODOY**  
Data: 21/01/2025 12:32:29-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Dra. Kathya Maria Ayres de Godoy Universidade  
Estadual Paulista - UNESP

Dedico este trabalho aos meus pais Mirna e Joaquim (*in memoriam*), à minha mãe de coração Neusa (Tata), às minhas avós Edith e Adma e a todas as crianças e jovens que tanto me ensinam dia a dia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à vida e aos encontros

Agradeço à dança

Agradeço ser filha de quem sou

Agradeço a todas aquelas que vieram antes de mim rompendo barreiras para que eu chegasse aonde estou/sou

Agradeço à rede de amigas/irmãs, Patrícia Anzini, Inaiá Braghini, Monica Cadeira, Mônica Lira, Camila Saraiva, Cristiane Pinho, Rosana Silva, Suzane Rossan, Ana Paula Picco, Giulliana Santiago, Juliana Leite, Flávia Bregge, Celina Gai Höhr, Elisamara Elimiano e Fabiana Vírgilio, que me ensinaram/ensinam o verdadeiro significado da palavra sororidade

Agradeço à Profa. Dra. Maria Sofia VB Guimarães (Suki) por ter me acolhido no meio dessa jornada

Agradeço à Escola de Dança da UFBA por me proporcionar outros moveres

Agradeço a todas as pessoas do PRODAN e aos amigos que lá fiz, Geraldo de Lima Lopes, Érica Ocke, Mayanna Martins, Betinha Scaldaferrri, Vera Passos, Rose Bárbara da Silva, Íris Almeida, Lucas de Gal, Rose Mary Silva e Aline Carvalho, que me transpassaram e me fizeram transbordar

Agradeço aos meus colegas de trabalho na Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” pelas partilhas nas nossas lutas diárias

E principalmente agradeço às crianças que me ensinam diariamente o valor dos afetos e do encantamento.

“Eu fico com a pureza da resposta das  
crianças”

(Gonzaguinha, 1982)

## RESUMO

Com o presente Trabalho de Conclusão de Curso do Mestrado Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia – PRODA/UFBA, apresento os processos e resultados da pesquisa: **Ações artístico-educacionais na criação de Makunaima Reflorestando mentes: espetáculo de dança da Escola Municipal de Dança de Araraquara/SP**. O ensejo deste trabalho foi propor reflexões sobre estratégias artístico-educacionais no contexto da escola pública para uma educação emancipatória pela/para/em Arte/Dança, que preza a formação de pessoas cidadãos mais cientes e comprometidas com as transformações sociopolíticas-culturais, condições essas tão urgentes à emancipação social. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Dança – EMD de Araraquara, São Paulo, entre os anos de 2022 e 2023, a partir dos processos de criação e resultados do espetáculo Makunaima-**Reflorestando Mentes**. A abordagem metodológica qualitativa, de natureza implicada (Rangel *et al.*, 2021), orientou o seu desenvolvimento. As questões apresentadas na Crítica de Processos (Salles, 2006) e iconográfica (Oliveira; Nunes, 2010) e na Bricolagem da pesquisa em educação (Rodrigues *et al.*, 2016) possibilitaram a articulação e a reflexão sobre as relações entre os vestígios documentais do processo, os testemunhos e registros de experiências das pessoas participantes da comunidade escolar e as referências teóricas do ensino-aprendizagem das Artes/Dança. A base conceitual dessa pesquisa fez-se a partir de autores e pesquisadores das áreas de arte e educação, incluindo Martins (2021), Marques (2020), Brandão (2014, 2021), Rufino (2019), Silva (2019), Hooks (2013), Bondía (2002) e Freire (1967). Neste TCC, apresento a revista digital **Makunaima: Reflorestando Mentes, um espetáculo de dança**, o produto tecno-tecnológico resultante da pesquisa. Nele, entrelaço reflexões com relatos, fotos e desenhos das pessoas participantes numa perspectiva iconográfica (Oliveira; Nunes, 2010). Em seguida, apresento o artigo: **Ações artístico-educacionais na criação de Makunaima- Reflorestando Mentes: espetáculo de dança da Escola Municipal de Dança de Araraquara** (aguardando publicação) e o relato de experiência **Implicações de processos artístico-pedagógicos na criação de dois espetáculos de dança no contexto escolar**, publicado em 2021 nos anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança (ANDA). Como Apêndices, encontram-se dois documentos: 1. o Memorial da Pesquisa, intitulado **Reflorestar**, que demonstra os caminhos percorridos na pesquisa e que foram fonte para a elaboração do produto tecno-tecnológico, já mencionado, e 2. documentos que integraram esses processos. Como Anexos, encontram-se registros produzidos pela EMD complementares às produções da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação em Dança; Escola Pública; Processos artístico-pedagógicos; Espetáculo; Emancipação.

## ABSTRACT

This work for the master's degree in dance at the Federal University of Bahia - PRODA/UFBA presents processes and results of the **Artistic-educational actions in the creation of Makunaima-reforesting minds: the dance show at the Municipal Dance School of Araraquara/SP**. The purpose of this work was to propose reflections on artistic-educational strategies in the context of public schools, for an emancipatory education through/for/in Art/Dance, which values the formation of citizens who are more aware of and committed to socio-political-cultural transformations, conditions these, so urgent for social emancipation. The research was carried out at the Municipal Dance School of Araraquara/SP (*Escola Municipal de Dança*) - EDM, between the years 2022 and 2023, based on traces of the creation processes and results of the show Makunaima- **Reforesting Minds**. The methodological, qualitative approach, of an implied nature (Rangel *et al.*, 2021), was the guiding notion for its development. The questions presented in the Process Criticism (Salles, 2006) and iconography (Oliveira; Nunes, 2010) and in the Bricolage of research in education (Rodrigues *et al.*, 2016) made it possible to articulate and reflect relationships between the documentary traces of the process, testimony and records of experiences of participating people, the school community and theoretical references for teaching and learning Arts/Dance. Authors and researchers from the areas of art and education also formed the conceptual basis of this research, such as Martins (2021), Marques (2020), Brandão (2014, 2021), Rufino (2019), Silva (2019), Hooks (2013), Bondía (2002), and Freire (1967). In this TCC I present the techno-technological product, in the format of a digital magazine, entitled **Makunaima: reforesting minds, a dance show**, where I intertwine reflections with reports, photos, drawings of the people participating in an iconographic perspective (Oliveira, Nunes, 2010). Next, I present the article: **Artistic-educational actions in the creation Makunaima-reforesting minds: the dance show at the Municipal Scholl Dance of Araraquara** (awaiting publication) and the Experience Report **Implications of artistic-pedagogical processes in the creation of two dance shows in the context school**, published in 2021 in the proceedings of the 6th National Scientific Congress of Dance Researchers (ANDA). In the Appendix are the Research Memorial, entitled Reflorestar, which demonstrates the paths taken in the research and which was a source for the elaboration of the techno-technological products, already mentioned, in addition to documents that integrated these processes. The ANNEX contains records produced by EDM that are complementary to the research productions.

**KEYWORDS:** Dance Education; Public school; Artistic-pedagogical processes; Show; Emancipation.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Minhas danças na sala de casa.....	13
Imagem 2 – Foto da fachada da sede da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”.....	72
Imagem 3 – Pintura da Obra “Re-antropofagia”, de Denilson Baniwa (2018).....	76
Imagem 4 – Desenho da Chácara Sapucaia, realizado por estudante.....	77
Imagem 5 – Desenho de Mário de Andrade, por Maria Clara de Souza.....	77
Imagem 6 – Desenho de Jaider Esbell e releitura de sua obra “Makunaima”.....	78
Imagem 7 – Foto do painel espiralar ou mapa artístico.....	79
Imagem 8 – Iconograma mostrando os temas-conceitos serpenteados para a construção do roteiro do espetáculo.....	79
Imagem 9 – Fotos do laboratório de tingimento do figurino no barro, com Muca Rangeu e estudantes do 4ºII e 5ºII.....	81
Imagem 10 – Cena de Macunaíma na cobra de metal.....	85
Imagem 11 – Coreografia “Makunaima” de Renata Pestana.....	86

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EMD	Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”
FUNDART	Fundação de Arte e Cultura do Município de Araraquara- SP
PRODAN	Programa de Pós-Graduação em Dança
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESP	Universidade Estadual do Estado de São Paulo

## SUMÁRIO

AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA.....	1
AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA.....	1
AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA.....	2
AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA.....	2
APRESENTAÇÃO.....	12
APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	15
INTRODUÇÃO.....	15
PARTE I – REVISTA.....	18
PARTE I – REVISTA.....	18
2 REFLORESTAR: UM PROCESSO.....	32
2 REFLORESTAR: UM PROCESSO.....	32
2.1 O encontro de Macunaíma e Makunaima.....	32
2.1 O encontro de Macunaíma e Makunaima.....	32
2.2 A EMD ecoa o Modernismo aos filhos e netos de Makunaimã – Desfile cívico de 22 de agosto.....	47
2.2 A EMD ecoa o Modernismo aos filhos e netos de Makunaimã – Desfile cívico de 22 de agosto.....	47
3 A CIRANDA DA CRIAÇÃO.....	49
3 A CIRANDA DA CRIAÇÃO.....	49
3.1 Processos colaborativos na criação das oficinas e cenas.....	51
3.1 Processos colaborativos na criação das oficinas e cenas.....	51
3.2 Materializando o espetáculo.....	53

3.2 Materializando o espetáculo.....	53
4 OS FRUTOS DE MAKUNAIMA.....	61
4 OS FRUTOS DE MAKUNAIMA.....	61
REFERÊNCIAS.....	63
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXO A – ROTEIRO DO ESPETÁCULO <i>MAKUNAIMA – REFLORESTANDO MENTES</i> .....	64
ANEXO A – ROTEIRO DO ESPETÁCULO <i>MAKUNAIMA – REFLORESTANDO MENTES</i> .....	64
PARTE II – PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	67
PARTE II – PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS.....	67
2.1 ARTIGO: AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA-SP.....	67
2.1 ARTIGO: AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA-REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA-SP.....	67
REFERÊNCIAS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	99
REFERÊNCIAS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	99
APÊNDICE A – MEMORIAL DA PESQUISA: REFLORESTAR.....	104
APÊNDICE A – MEMORIAL DA PESQUISA: REFLORESTAR.....	104
ANEXO A – DISCURSO DA ORADORA DA TURMA, POLIANA JACOB DE ALMEIDA, NA FORMATURA, EM DEZEMBRO DE 2022.....	145
ANEXO A – DISCURSO DA ORADORA DA TURMA, POLIANA JACOB DE ALMEIDA, NA FORMATURA, EM DEZEMBRO DE 2022.....	145
ANEXO B – PLANO ANUAL 2022- EMD “Iracema Nogueira”.....	147
ANEXO B – PLANO ANUAL 2022- EMD “Iracema Nogueira”.....	147
ANEXO C- LISTA DE EVENTOS, OFICINAS EXTRACURRICULARES E APRESENTAÇÕES DOS QUAIS ESTUDANTES E EDUCADORES DA EMD PARTICIPARAM E QUE FORAM FUNDAMENTAIS PARA O PROCESSO.....	169
ANEXO C- LISTA DE EVENTOS, OFICINAS EXTRACURRICULARES E APRESENTAÇÕES DOS QUAIS ESTUDANTES E EDUCADORES DA EMD PARTICIPARAM E QUE FORAM FUNDAMENTAIS PARA O PROCESSO.....	169

ANEXO D – <i>CLIPPING</i> DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA EMD NO PERÍODO DE FEVEREIRO A DEZEMBRO DE 2022.....	172
ANEXO D – <i>CLIPPING</i> DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA EMD NO PERÍODO DE FEVEREIRO A DEZEMBRO DE 2022.....	172
ANEXO E – FOTOS DA AVALIAÇÃO DAS/DOS ESTUDANTES AO LADO DAS WAZAKAS (ÁRVORES DA VIDA) POR ELAS/ELES CONSTRUÍDAS (NOV. 2022)	174
ANEXO E – FOTOS DA AVALIAÇÃO DAS/DOS ESTUDANTES AO LADO DAS WAZAKAS (ÁRVORES DA VIDA) POR ELAS/ELES CONSTRUÍDAS (NOV. 2022)	174
ANEXO F – PROGRAMA DO ESPETÁCULO: <i>MAKUNAIMA: REFLORESTADO MENTES</i> .....	176
ANEXO F – PROGRAMA DO ESPETÁCULO: <i>MAKUNAIMA: REFLORESTADO MENTES</i> .....	176

## APRESENTAÇÃO

### Gira-saia<sup>1</sup>

O giro da saia revelava pezinhos pelados em sincopadas palmas, no meio da nossa sala...  
 rodopios, risos, leveza de criança, liberdade de inocência.  
 Diziam: É talento!  
 Mas qual corpo, não é?  
 Geração que dita sonhos genéricos:  
 Vai ser bailarina!

Saia que não gira, surgiu aquela postura rígida, o pé era rosa. A síncope ficou cada vez mais sincopada. Mas os risos continuavam  
 Diziam: É esforçada  
 Mas qual corpo não pode ser?  
 Talvez seja bailarina!

O corpinho que era só movimento, foi movim, foi mov, foi mo.  
 A saia que gira do figurino na síncope da coreografia a perna era rosa.  
 Os giros da sala giravam nos palcos.  
 E a liberdade de inocência?  
 Diziam: precisa de técnica, mas que corpos podem tê-la?  
 Giros de rodas vivas elegiam alguns corpos e muitos outros não.  
 Mas qual corpo não merece?

Ela queria que todos os corpos vivessem a dança e que os giros fizessem sentido, se assim não fosse, não ia mais entrar na roda.  
 Vá ser professora!

Mas aquele corpo dançado não conseguiu descolá-lo.  
 E a partir de então, a História dança com a dança e a dança com a História e a dança começou a então a dançar com o todo.  
 Mas qual dança não dança com o todo?

O corpo que era corpinho, foi corpaço, corpou, foi corpão, corporizou.  
 Lá no chão da escola que os giros começaram a fazer sentido e uma grande roda viva de transformação.

A dança não era só para os palcos, era para a vida!  
 Diziam: É uma sonhadora!  
 Mas qual corpo que dança, não é?

Gira, gira, gira, gira, gira e revelam-se diversos outros pés, cada um no seu sincopado no meio de nossas salas, quadradinhos entre risos e choros, não mais numa liberdade de inocência, mas de consciente resistência.  
 Dizem: Idealistas!

Somos sim, somos corpos plurais que existem, resistem e dançam.

---

<sup>1</sup> Poesia de minha autoria que descreve minha trajetória na dança. Trabalho realizado para o componente “Abordagens e estratégias para pesquisa em processos educacionais em Dança” no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança- UFBA, realizado no formato de áudio. Usei esse recurso inspirada pela nossa colega de turma Moira Braga, que é portadora de deficiência visual, e pelos diversos diálogos que tivemos sobre acessibilidade nas Artes/Dança.

**Imagem 1** – Minhas danças na sala de casa



**Fonte:** arquivo pessoal (1980).

Sou uma mulher com 47 anos, cis branca, nascida em Araraquara, São Paulo, artista da dança, historiadora, *performer*, pesquisadora e educadora há 29 anos. Filha do Senhor Joaquim Palomino Rodrigues, *in memoriam*, hoteleiro, que teve a sua formação no hall do hotel em que trabalhou por 54 anos, e da Dona Mirna Campos Palomino, bancária, que se formou em Direito criando 4 filhos. Ambos foram criados na área rural do interior do Estado de São Paulo, de forma simples e por vezes desafiadoras. Os dois trabalharam em demasia para que tanto eu como os meus irmãos pudéssemos ter tudo o que eles próprios não tiveram e eram/são os meus maiores incentivadores.

Sou movida por desafios e pela minha paixão: a dança-educação. Os meus primeiros passos na dança começaram muito cedo aos 4 anos de idade. A minha formação em dança se deu em vários espaços não formais, como academias de dança, cursos livres, *workshops* e a participação em vários festivais de dança. Somente em 2019, pude realizar a minha primeira formação acadêmica na área

específica da dança: a especialização em Estudos Contemporâneos em Dança na Universidade Federal da Bahia – UFBA.

As minhas experiências profissionais como docente no ensino-aprendizagem em dança se deram em academias de dança, clubes e projetos sociais em diversas cidades, tais como: Franca-SP, São Paulo-SP, Santos-SP, Praia Grande-SP e Araraquara-SP. Todavia, sempre me inquietou a forma com que o ensino de dança se desenvolvia, sobretudo nos espaços privados, onde a dança não era reconhecida como uma atividade educacional relevante, fato que me fez refletir sobre o papel da dança e sobre o meu lugar enquanto artista/educadora na sociedade.

O meu ingresso no âmbito da educação pública ocorreu em 2017 ao assumir o cargo de professora de educação básica do ensino fundamental II, na rede de Ensino Integral do Município de Araraquara, como professora especialista em balé clássico na Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, a EMD. Tal início me possibilitou um espaço para novas perspectivas de práxis pela/para/em dança e me oportunizou fazer/pensar Arte/Dança efetivamente como ferramenta de transformação sociopolítico-cultural.

Assim, diversos horizontes abriram-se, não somente pelas novas perspectivas de vivências dentro da escola pública, como também pelas oportunidades de formação que passei a obter – pude, por exemplo, participar de diversas formações pelo Festival Internacional de Dança de Araraquara, realizar a especialização em Estudos Contemporâneos em Dança na UFBA em 2019 e, finalmente, ingressar no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN – UFBA) em 2021.

O Mestrado no PRODAN/UFBA possibilitou um mergulho nessa experiência profissional docente e, mais efetivamente, no ensino-aprendizado da Dança no âmbito da Educação Pública. Aqui compartilho, no intuito de contribuir para o contexto da docência em arte e em Dança, meu atual campo de atuação.

## INTRODUÇÃO

Como mencionado, ingressei no PRODAN em 2021 em plena crise sanitária mundial, devido à Pandemia do COVID-19, e, por estarmos no ápice do isolamento social, não pude vivenciar presencialmente as aulas, o contato com a universidade e com meus colegas. Embora não tenha sido um cenário ideal para cursar o mestrado, percebi que de certo modo foi possibilitado o ingresso de estudantes de vários Estados do Brasil, o que proporcionou valioso intercâmbio de diversas realidades e experiências profissionais.

Essas trocas com colegas e com o programa foram fundamentais para o surgimento da minha pesquisa, que tem o recorte temporal do período de 2021 e 2022 e que se deu do imbricamento entre o PRODAN e a EMD no período em que estive coordenadora técnica/artística da EMD e conseqüentemente diretora artística do espetáculo de encerramento do ano letivo de 2022. A partir de então, desenvolvi minha pesquisa com o objetivo de propor reflexões sobre as estratégias artístico-educacionais realizadas no processo de ensino e aprendizagem pela/para/em Arte/Dança na EMD, que culminou na criação e produção coletiva do espetáculo de dança **MAKUNAIMA<sup>2</sup>: Reflorestando mentes** (2022).

Esse espetáculo foi o produto artístico resultante de diversos estudos e pesquisas teórico-práticas desenvolvidos ao longo do ano letivo de 2022 na escola que teve como mote o Tema Anual da EMD: **Inverso-reverso – Reverberações do Modernismo na Contemporaneidade**. Este tema gerador decorreu das comemorações do Centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo<sup>3</sup> e nos aproximou de questões indígenas, na medida em que houve o cruzamento de dois artistas e de suas obras: **Macunaíma – o herói sem nenhum caráter** (1928), de Mário de Andrade<sup>4</sup> (Andrade, 2022), e **Makunaima, o meu avô em mim!** (2018), de Jaider Esbell<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Makunaima com k é a grafia correta do nome do mito indígena e possui três tipos de pronúncia a depender da etnia indígena e/ou da região, são elas: *Makunaimã*, *Makunaimii* e *Makunaíma*. Macunaíma, personagem do livro de Mário de Andrade, foi erroneamente escrito e acentuado pelo escritor, pois este extraiu o nome do livro em alemão *Von Roraima zum Orinoco* (1924) do etnólogo Theodor Koch-Grümborg.

<sup>3</sup> Foi uma manifestação artístico-cultural também conhecida como **Semana de 22**, ocorrida no Theatro Municipal de São Paulo entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922.

<sup>4</sup> Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945), paulista, foi um poeta, escritor, cronista, ensaísta, musicólogo, historiador da arte e um dos principais nomes do movimento modernista no Brasil.

<sup>5</sup> Jaider Esbell (1979-2021) foi um arte-ativista indígena da etnia Macuxi nascido em Normandia, no estado de Roraima. Foi um artista visual, escritor, arte-educador, geógrafo e curador que alcançou

Durante o ano letivo de 2022, reuni um vasto material documental dos processos artísticos/pedagógicos da EMD, tais como: vídeos, fotos, relatos e trabalhos artísticos das/dos estudantes. A partir de então, iniciei reflexões através de diálogos entre esses materiais e as bibliografias de pensadores e pesquisadores da área de Educação, das Artes/Dança e de minhas próprias vivências dentro do PRODAN. Assim, dei início ao desenvolvimento da minha pesquisa através do memorial de pesquisa **reflorestar**.

O memorial foi imprescindível para apontar caminhos para a escrita do artigo: **Reflorestando Corpomentes<sup>6</sup>: ações artístico-educacionais na criação do espetáculo de dança na Escola Municipal de Dança de Araraquara-SP**. Apresento essa produção textual na segunda parte deste trabalho, que propõe um mergulho nas várias nuances e rastros do processo experienciado pela EMD, no sentido de demonstrar a possibilidade de estratégias de ensino e aprendizagem pela/para/ em Dança que sejam mais horizontalizadas, dialógicas, colaborativas intermultitransdisciplinar, numa perspectiva decolonial, dentro do contexto da escola básica pública. Ademais, demonstra que tais estratégias são eficazes para o envolvimento e o engajamento das pessoas participantes e potencializam seus protagonismos, revelando a promoção de uma educação emancipatória.

A partir do artigo e com o intuito de compartilhar a experiência com outras pessoas educadoras ou em formação profissional, numa linguagem menos formal, desenvolvi um material pedagógico, em formato de revista digital intitulada: **Makunaima: Reflorestando mentes – um espetáculo de dança**, que compõe o a primeira parte deste trabalho. A revista propõe uma articulação das argumentações contidas no artigo com outras referências visuais e textuais, tais como: fotos<sup>7</sup>, relatos de pessoas da comunidade escolar e da cidade, trabalhos artísticos das/dos estudantes e outras imagens, além de sua própria constituição estética. Portanto, a revista apresenta outra faceta de minha pesquisa, através das abordagens metodológicas da Crítica do Processo (Salles, 2006) e imagética (Oliveira; Nunes,

---

grande notoriedade nacional e internacional com suas obras de arte. Foi um grande ativista das causas indígenas. Jaider foi nosso artista homenageado do espetáculo de 2022.

<sup>6</sup> A terminologia corpomentes é fundada no conceito corpo-mídia de Christine Greiner e Helena Katz (2001), que desmantela o conceito dicotômico e cartesiano de pensar o corpo separado da mente.

<sup>7</sup> Todas as fotos são do Arquivo da EMD, que foram gentilmente cedidas para esta pesquisa. O uso das imagens das/dos estudantes está devidamente autorizado pelos seus responsáveis, que o fazem no ato da matrícula na EMD. As fotos são registro da fotógrafa Inaiá Braghini, que é educadora do componente socioemocional da EMD.

2010), que possibilitam outros entendimentos sobre as ações artístico-educacionais do cotidiano escolar e na ação de criação do espetáculo na EMD e suas conseqüentes reverberações nas pessoas implicadas.

Ensejo que essas produções possibilitem a estudantes, educadores e pesquisadores na área de Artes/Dança e Educação reconhecer, através da experiência da EMD, as Artes/Dança como Tecnologia Educacional capaz de propor estratégias artístico-educacionais que corroborem uma educação emancipatória. Educação essa que seja munida de práxis artístico-pedagógicas em redes de conexões e que busque o engajamento das pessoas implicadas no desenvolvimento da solidariedade, possibilitando, assim, a formação de pessoas cidadãs mais cientes e comprometidas com as transformações sociopolítico-culturais da nossa sociedade.

Quiçá a EMD seja inspiração para muitas outras escolas!

PARTE I - REVISTA

# MAKUNAIMA: REFLORESTANDO MENTES

UM ESPETÁCULO  
DE DANÇA

AÇÕES ARTÍSTICO-  
EDUCACIONAIS



Revista on-line  
Acesse:



<https://online.fliphtml5.com/trbsq/nlwy/>

Imagem1

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA - UFBA



Imagem 2

# Sumário

	<b>carta de apresentação</b> .....	22
<b>1</b>	<b>A escola que dança</b> .....	24
	<b>1.1</b> Início de um novo ciclo - Plano Pedagógico Anual de 2022 .....	27
<b>2</b>	<b>Reflorestar: um processo</b> .....	
	<b>2.1</b> O encontro de Macunaima e Makunaima .....	30
	• Mapa artístico .....	34
	• Oficinas e encontros.....	40
	• Passeios pedagógicos .....	42
	<b>2.2</b> A EMD ecoa o modernismo aos filhos e netos de Makunaimã.....	45
<b>3</b>	<b>A ciranda da criação</b> .....	47
	<b>3.1</b> Processos colaborativos na criação das coreografias e cenas.....	49
	<b>3.2</b> Materializando o espetáculo.....	51
<b>4</b>	<b>Os frutos de Makunaima</b> .....	59
<b>5</b>	<b>Referências bibliográficas</b> .....	61
<b>6</b>	<b>Anexos</b> .....	62

**Texto**  
Geórgia Rita Palomino

**Fotografias**  
Inaiá Braghini

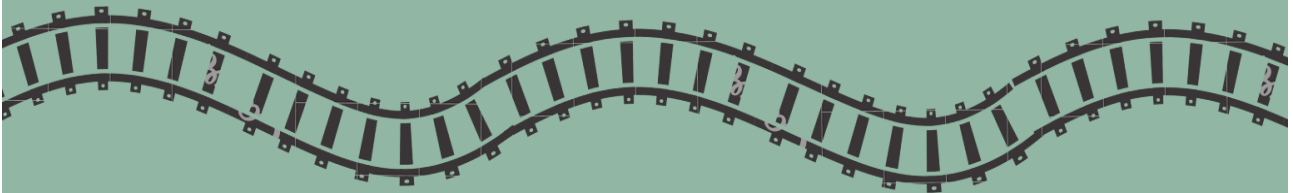
**Fontes das imagens**  
Arquivo da EMD "Iracema Nogueira"

As imagens, fotos da escola e das/dos estudantes e seus trabalhos utilizadas neste catálogo pertencem ao acervo da Escola Municipal de Dança "Iracema Nogueira" e são devidamente autorizadas pelos seus responsáveis.

# Índice de imagens

Imagem 1 - Desenho Makunaima.....	20
Imagem 2 - Foto sala de aula.....	22
Imagem 3 - Foto Apresentação Cirandas dos sonhos: Historiografias dançadas. ....	26
Imagem 4 - Foto fachada da escola.....	27
Imagem 5 - Foto Vivência Semana Indígena.....	28
Imagem 6 - Foto Vivência Semana Indígena.....	28
Imagem 7 - Foto Apresentação Cirandas dos sonhos: Historiografias dançadas.....	29
Imagem 8 - Foto dos pés das estudantes na aula de socioemocional.....	30
Imagem 9 - Foto do espetáculo Travessias .....	32
Imagem 10 - Foto dos pés das estudantes na aula de socioemocional.....	34
Imagem 11 - Foto Macunaímas espetáculo Makunaima: Reflorestando Mentes.....	35
Imagem 12 - Pintura Re-anthropofagia de Denilson Baniwa.....	36
Imagem 13 - Desenho de estudante da Chácara Sapucaia.....	37
Imagem 14 - Desenho de estudante do Mário de Andrade.....	38
Imagem 15 - Desenho de estudante de Jaider Esbell.....	38
Imagem 16 - Foto da exposição Amazônia, de Sebastião Salgado, do Monte Roraima.....	38
Imagem 17 - Desenho de estudante Wazaká.....	39
Imagem 18 - Foto do mapa artístico.....	39
Imagem 19 - Desenho de estudante releitura da obra de Tarsila do Amaral “Abaporu”.....	40
Imagem 20 - Desenho de estudante releitura da obra de Tarsila do Amaral “São Paulo”.....	40
Imagem 21 - Desenho de estudante: Macunaíma.....	40
Imagem 22 - Desenho de estudante: Mário de Andrade.....	40
Imagem 23 - Desenho de estudante: Macunaíma.....	40
Imagem 24 - Desenho de estudante: Macunaíma fogo/água.....	40
Imagem 25 - Desenho de estudante releitura da obra de Jaider Esbell “Makunaima”.....	41
Imagem 26 - Desenho de estudante: Makunaima e Wazaká.....	41
Imagem 27 - Desenho de estudante: Wazaká.....	41
Imagem 28 - Desenho de estudante releitura da obra de Denilson Baniwa “Mona Lisa cunhã”.....	41
Imagem 29 - Desenho de estudante: Serpente.....	41
Imagem 30 - Desenho de estudante: Anotações do Aulão.....	41
Imagem 31 - Desenho de estudante Realidade X Expectativa.....	42
Imagem 32 - Organograma das referências percorridas .....	42
Imagem 33 - Foto crianças dançando na oficina de Muca Rangeu.....	43
Imagem 34 - Foto crianças na oficina de Muca Rangeu.....	43
Imagem 35 - Foto vivência de tingimento de figurino no barro.....	44
Imagem 36 - Foto vivência de tingimento de figurino no barro.....	44
Imagem 37 - Foto vivência de tingimento de figurino no barro.....	44
Imagem 38 - Foto vivência de tingimento de figurino no barro.....	44
Imagem 39 - Foto no pátio com estudantes na oficina de Vera Passos.....	45
Imagem 40 - Foto na sala de aula com estudantes na oficina de Vera Passos.....	45
Imagem 41 - Foto na sala de aula com estudantes na oficina de Rose Bárbara.....	45
Imagem 42 - Foto na sala de aula com estudantes na oficina de Alisson Lima.....	45
Imagem 43 - Foto dos educadores na exposição do Gabinete de Mário de Andrade.....	47
Imagem 44 - Foto dos estudantes no Território das Artes.....	47
Imagem 45 - Foto dos estudantes no Theatro São Pedro de São Paulo.....	47
Imagem 46 - Foto dos estudantes na Chácara Sapucaia.....	47
Imagem 47 - Foto dos estudantes no Museu Pedagógico “Voluntários da Pátria”.....	47
Imagem 48 - Foto dos estudantes no Encontro Sesc de Capoeira.....	48
Imagem 49 - Foto dos estudantes no Bate-papo com Cristino Wapichana.....	48
Imagem 50 - Foto dos estudantes no Bate-papo com Cristino Wapichana.....	48

Imagem 51 - Cartaz exposição fotográfica “Amazônia” Sebastião Salgado.....	49
Imagem 52 - Capa do livro Makunaima: o mito através do tempo.....	49
Imagem 53 - Pintura da obra Makunaima II de Jaider Esbell.....	49
Imagem 54 - Cartaz exposição “It was Amazon” de Jaider Esbell.....	49
Imagem 55 - Foto Desfile 22 de agosto - Porta Estandarte.....	50
Imagem 56 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala urutu.....	50
Imagem 57 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala recostura.....	50
Imagem 58 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala Makunaimas.....	50
Imagem 59 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala Macunaíma- Mário de Andrade.....	51
Imagem 60 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala Macunaíma.....	51
Imagem 61 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala Icamiabas.....	51
Imagem 62 - Foto Desfile 22 de agosto - Ala Piaimã.....	51
Imagem 63 - Ala Makunaima, releitura da obra de Jaider Esbell.....	51
Imagem 64 - Cartaz II Marcha das mulheres indígenas.....	52
Imagem 65 - Programa do Espetáculo - Prólogo.....	52
Imagem 66 - Foto Espetáculo - Cena da abertura.....	53
Imagem 67 - Foto Espetáculo - Cena Enchente.....	54
Imagem 68 - Foto Espetáculo - Cena Enchente.....	54
Imagem 69 - Foto Espetáculo - Cena Desmatamento.....	55
Imagem 70 - Foto Espetáculo - Cena Desmatamento.....	55
Imagem 71 - Foto Espetáculo - Cena Sonho de Mário.....	56
Imagem 72 - Organograma ciranda criativa.....	56
Imagem 73 - Foto Espetáculo - Cena Invisíveis.....	57
Imagem 74 - Foto Espetáculo - Cena Nascimento Macunaíma.....	57
Imagem 75 - Foto Espetáculo - Cena Quanto vale?.....	58
Imagem 76 - Foto Espetáculo - Cena Demarcação já.....	58
Imagem 77 - Foto Espetáculo - Cena Makunaima.....	59
Imagem 78 - Foto Espetáculo - Cena Macunaíma.....	60
Imagem 79 - Foto Espetáculo - Cena Makunaima.....	61
Imagem 80 - Foto Espetáculo - Cena Transmutação de Macunaíma.....	62
Imagem 81 - Foto Espetáculo - Cena Florescer.....	62
Imagem 82 - Foto Espetáculo - Apoteose.....	63
Imagem 83 - Foto de parte da equipe da EMD.....	87



## Carta de apresentação

Esta revista apresenta um registro histórico e aborda reflexões sobre minha pesquisa de abordagem implicada (Rangel, et al. 2021) inspirada na Crítica do Processo (Salles, 2006), que engloba os processos artísticos/pedagógicos e as redes estabelecidas na criação do espetáculo de dança **Makunaima: Reflorestando Mentes** (2022), desenvolvidos no ano letivo de 2022, na Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” (EMD) na cidade de Araraquara - SP. A pesquisa foi desenvolvida no período que estive como mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança (PRODAN- UFBA) (2021-2024) e como coordenadora técnica/artística da EMD (2022-2023).

Busquei, dessa forma, demonstrar durante tais processos as estratégias e as ações artístico-educacionais utilizadas como forma de reconhecer o ensino e a aprendizagem em Arte/Dança como tecnologia educacional capaz de promover, através da transversalidade educacional e das redes, as transformações conceituais, procedimentais e atitudinais das pessoas implicadas e consequentemente da tessitura social que as envolve (Rangel, 2014).

As estratégias mencionadas acima urgiram com as necessidades e os desejos da equipe da EMD de envolver e convocar as/os estudantes a experienciar, de modo integral e colaborativo, o processo de ensino-aprendizagem na criação do espetáculo. Para isso, almejávamos abordagens educacionais inter-multi-transdisciplinar com a formação de redes de conexões com outras instituições educacionais e culturais e com artistas independentes, que denominei de “ciranda da criação”, para reflorestar corpóreas [1]

Para que essas abordagens coadunassem com questões pertinentes da sociedade brasileira, usamos como mote o centenário da “Semana de Arte Moderna” [2], seus desdobramentos e influências, nos aspectos artísticos, sociopolíticos, culturais e ambientais. Além disso, devido à estreita relação da cidade de Araraquara com o escritor modernista Mário de Andrade [3] e com sua obra ícone **Macunaíma: um herói sem nenhum caráter** (1928), fez-se o elo com o herói dos povos originários Makunaima para conduzirmos nossas ações artístico-educacionais para a criação do espetáculo. Tais ações, em diversos contextos educacionais, artísticos e sociais, proporcionaram importantes diálogos com o tema do espetáculo, nos aproximando das culturas de alguns povos originários e da riqueza de suas filosofias. Assim, por meio do encontro dos netos de Makunaima e Macunaíma, foi possível abordar questões identitárias, ambientais e comunitárias que nos permitiram o (re)conhecimento e a recontar a nossa história com posicionamentos críticos e políticos, revelados no palco da escola. Dessa forma, compactuo com Jaider Esbell [4] quando este afirma que Makunaima é um estrategista e acredito que ele achou meios de estar conosco na EMD, para que, com a sua energia transformadora, semeasse novas ideias e novos modos de pensar/ser/estar no mundo. Tal qual Makunaima que permeia tudo e que espirala no tempo e transpõe mundos, a EMD, com suas ações artístico-educacionais, transpassa o chão da escola e chega a lugares muito além dos imagináveis. Por isso, é importante que espaços como a EMD sejam ampliados e conservados através de políticas públicas culturais,

1 Utilizo essa denominação Corpóreas para convergir com um pensamento não dicotômico, e ocidental, que separa o corpo da mente.

2 2022 é o Ano do Centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo

3 Mário de Andrade (1893-1945): paulista, foi um poeta, contista, cronista, romancista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro.

4 Jaider Esbell (1979-2021): roraimense, foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas.

para garantir a cidadania cultural tão necessária às transformações sociopolíticas no Brasil.

Dito isso, a EMD demonstra a possibilidade de realização de processos artísticos-pedagógicos, aqui caracterizados na experiência do espetáculo **Makunaima: Reflorestando Mentes**, que visam as práxis artísticas-educacionais numa perspectiva coletiva, solidária e emancipatória. Dessa forma, o ensino-aprendizagem pela/para/em Artes/Dança evidencia protagonismos e proporciona significativas transformações político-crítico-estéticas nas pessoas envolvidas no processo e conseqüentemente nas suas percepções de mundo.

Por fim, a grande encruzilhada de convergências de várias vozes, de fricções de saberes e ignorâncias e os desafios e as reviravoltas que encaramos ao longo de todo o processo não poderiam resultar senão num chamamento à revelação coletiva, ao ápice do reencontro, do encantamento, e esperamos que tenham semeado nas mentes/corações das pessoas a necessidade de transformação das mentalidades/ações para novos modos de ser/estar no mundo para podermos vislumbrar futuros possíveis.

Nesse sentido, os velhos trilhos dos trens silenciosos que ainda recortam o chão da nossa escola tornam-se um monumento histórico que nos instiga a analogamente pensarmos na impermanência das coisas e na necessidade de então buscar outros moveres, outros destinos, nos impulsionando a encontrar novos modos de ser/estar no mundo, para não estagnarmos. E, assim como nós da EMD, que cotidianamente abrimos os janelões do barracão aspirando iniciar novos caminhos através da Arte/Dança que permitam que as pessoas possam ser protagonistas de suas trajetórias, sejam exemplo para muitas outras. Caras leitoras e caros leitores, convido-os a embarcar nessa jornada conosco, explorando caminhos através de diálogos, imagens, encantamentos visuais, manuscritos e obras das/dos estudantes e testemunhos dos corações/mentes imersos em cada etapa, nuance, rastro e ressonância nessa encruzilhada de caminhos estabelecida durante a criação, produção e apresentação do espetáculo da EMD.

Sejam bem-vindas e bem-vindos!

*Geórgia Palomino*



Imagem 3



Imagem 4

# 1 A escola que dança

Na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, há um núcleo importante de monumentos históricos os quais são o marco do desenvolvimento urbano e econômico da cidade e integram alguns de seus cartões-postais: a antiga estação da Estrada de Ferro da Ferrovia Paulista S/A (FEPASA), a Igreja Matriz de São Bento e o antigo barracão da FEPASA, o “rapa”, que era um mercado para seus funcionários. Hoje este último cartão-postal revela a sede da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”<sup>[5]</sup> (EMD), que segue transformando histórias e vidas.

A EMD surgiu em 2002 de um projeto de

política público-cultural, de autoria da artista da dança araraquarense professora Dra. Gilsamara Moura. Esse projeto propõe cinco anos de formação para crianças <sup>[5]</sup>, com diferencial de uma educação não hegemônica em/para/pela Arte/Dança, prezando pautas e questões importantes da contemporaneidade e objetivando assim a construção de uma cidadania cultural.

Por esses propósitos serem inovadores, frente ao modelo de educação tradicional de não valorização da arte/dança enquanto processo educacional vigente em Araraquara até

então, houve na cidade um movimento conservador que criou grandes obstáculos para sua viabilização.

Apesar disso, e após muita luta (Pires, 2008), foi instituída, sob a lei nº 5.899 de 09 de setembro de 2002 (Araraquara, 2002), a criação da EMD como um órgão vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e à Fundação de Arte e Cultura do Município (FUNDART), sendo transferida em 2006 para a Secretaria Municipal da Educação, na qual permanece até a atualidade como parte do Programa de Educação Integral.

<sup>5</sup> A partir da conquista da reforma do barracão da FEPASA pela comunidade escolar na plenária do Orçamento Participativo Municipal, que foi inaugurada em 09 de abril de 2010.

<sup>6</sup> Ingressam na EMD crianças matriculadas no 4º e 5º anos do Ensino Fundamental II.





Imagem 5

Hoje, a Escola Municipal de Dança - EMD é uma das unidades dos Centros Educacionais, voltada ao ensino e à aprendizagem das Artes, com ênfase na Dança como principal área de conhecimento. Seu currículo é diferenciado, com componentes em áreas e linguagens artísticas, tais como: dança contemporânea, balé clássico, sapateado, videodança, capoeira, teatro, música, artes visuais, processo de pesquisa e criação e socioemocional. Seu espaço físico é adaptado ao ensino de Artes/Dança e desde 2022 o corpo docente da escola é constituído por professores especialistas na área de Artes.

Outra característica importante da EMD é que seu atendimento ocorre no contraturno da escola regular, sendo possível o ingresso de estudantes de qualquer segmento educacional, tanto público quanto privado. Destacam-se as diversidades socioeconômicas, culturais e educacionais [7] na sua população e o fato de a maior parte dos estudantes ser predominantemente formada por pessoas advindas do ensino público municipal e das periferias de Araraquara, de acordo com o Programa Municipal Territórios em Rede, que afirma os propósitos iniciais da EMD de democratização às Artes.



Imagem 6

**Para saber mais  
acesse:**



7 Segundo o diagnóstico do Projeto Político Pedagógico de 2022-2004 (EMD, 2022, p. 7), 52% dos estudantes são oriundos do ensino regular de escolas estaduais, 38% de escolas municipais e 9,5% de escolas particulares.



Imagem 7

*"Existe um lugar, além da linha do trem, que efetivamente concretiza muitos sonhos: é bonito, diverso, alegre, com acessibilidade, movimento, criação, consciência social e política, liberdade de ser e estar. Falo da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira de Araraquara.*

*Nasceu da vontade de democratização das artes, contra os conservadorismos de uma cidade que entendia dança apenas para a elite que por ela poderia pagar, afinal, para estes senhores, 'dança não é política pública, dança não é educação, dança não emancipa ninguém, dança é só entretenimento'. A EMU nasce para desconstruir tudo isso e desconstrói há 21 anos e em cada processo de criação e apresentação de espetáculo de conclusão do ano. A escola tem a dança como carro-chefe, mas traz aos estudantes oficinas das mais diferentes linguagens artísticas, ampliando o repertório cultural de crianças e jovens que levarão maior sensibilidade para a vida. Já formou artistas renomados, mas também deu ao mundo profissionais das mais diferentes áreas (concluindo curso superior ou não), com a capacidade de olhar para o mundo com empatia, solidariedade esta de que estamos todos precisando."*

*Rafaela Pucca  
Atriz, cientista social, mestre em estudos literários e educadora*





Imagem 8

*Sobre este chão pisa uma diversidade de pés, de muitos tamanhos, cores e histórias. Os passos dados transformam os caminhos, os destinos e os próprios pés. Adentram calcando 33-34 e saem outros, maiores, crescentes almejam calçar outros sapatos e talvez até pisar sem eles.*



E por falar em diversidade, o planejamento e os parâmetros educacionais na EMD favorecem a liberdade das pessoas educadoras, que têm autonomia para garantir suas escolhas metodológicas no ensino e na aprendizagem e nas criações artísticas na escola. Isso é refletido indubitavelmente por suas formações, experiências, crenças e no modo como pensar/sentir/fazer Arte/Dança de cada uma (Marques, 2004). Sendo assim, por meio da equipe heterogênea e diversa da escola, observa-se que alguns educadores se aproximam de uma práxis emancipatória, enquanto outros têm suas práticas pedagógicas e artísticas estabelecidas num pensamento mais tradicional e hierárquico.



*Viver a história dessa escola é viver o sonho desses alunos, desses professores e dessa cidade. É fazer parte de uma resistência e um respiro numa arte que se sufoca em egos e ambivalências.*

*Beatriz Borghi  
Artista da dança e educadora*

*"Ailton Krenak nos desafia quando nos impõe a tônica para refletir sobre "Ideias para adiar o fim do mundo", e a primeira certeza é que a Escola Iracema Nogueira ADIA O FIM DO MUNDO!*

*Em tempos de desassossego e de inconstância coletiva, a Iracema Nogueira se alicerça como premissa basilar do direito à vida plena e abundante. É nela que todas as inquietudes e desassossegos são deixados para fora dos portões da escola, e o que existe dentro são corações pulsantes, criatividade ativa e livre fruição de nossas existências, questões épicas para adiar o fim do mundo, e que, ano após ano, se reinventa."*

*Fabiana Virgílio  
Artriz, advogada e veradora*

Essa diversidade da equipe é bastante instigante e contribui para a ação artístico-educacional ganhar complexidade em discussões, proposições e criações, que fazem parte do dia a dia escolar e de seus projetos. Porém também é desafiadora no sentido do movimento de alinhar e engajar todos, já que nem sempre há compatibilidade nas relações interpessoais, nas escolhas ético-estético-políticas, nos propósitos e nas ideias. Mas, apesar dessas diferenças, há diálogo e comprometimento de toda a equipe educacional com os propósitos da Escola Municipal de Dança - EMD.

Dessa forma, há, no âmbito dos artistas-docentes e da gestão da EMD, desde sua concepção até hoje, a ânsia de ressignificar histórias e fatos, quebrando o que era dito oficial e problematizando as verdades absolutas e as histórias contadas em uma única versão (Adichie, 2019). Buscam-se práxis educacionais que possibilitem borrar fronteiras, transpor o fixo e os absolutos, para modos diferentes de fazer/sentir/pensar através da Arte/Dança por uma "pedagogia transgressora" (Hooks, 2013) e, como acreditava Paulo Freire, por uma "educação como prática de liberdade" (Freire, 1967).



"A EMD Iracema Nogueira é um Espaço/Território/Chão/Terreiro/Pátio/Palco de profundos processos de construção da Pessoa Humana. Quem se sintoniza com a proposta de criação artística vive um tempo de ressignificação da própria existência; vive conflitos de relacionamento e superação de si e da ação coletiva. A busca de soluções individuais fortalece o repertório de subjetividades de cada um e também constrói um corpo. Esse corpo se desenvolve e cresce inspirado na dança da vida e dos passos específicos. Todo esse processo de aprender a ser e viver a dança e as outras artes é imprescindível para o desenvolvimento do nosso Ser no Mundo. São tantas as pessoas que passam, ficam e vão que as marcas deixadas são compreendidas de muitas formas. Algumas são esquecidas, outras vão preenchendo o inconsciente coletivo, individual e familiar, outras representam um apego apaixonado, um caminho que chegou e ficou pra se tornar uma jornada e trajetória de vida, outras tantas foram vividas no calor do momento, tantas frias na barriga, tantas inseguranças, tantos desejos de potência e coragem, tantas decisões pra Ser no palco o melhor que pudessem ser. Tantas poucas coisas. É a vida acontecendo em sua Potência Máxima de crescimento. A EMD é um tempo de crescimento, sustentação, vividos em constante decisão.

... Saber da existência de uma escola pública de dança e de todas as condições de acesso e permanência oferecidas pelo poder público é realmente incrível, necessário e revolucionário. Saber de cada Ser responsável por criar arte com crianças e adolescentes é todo um universo particular e coletivo. Cada adulto/profissional com suas dores, traumas, expectativas, visões de mundo, Potência intelectual e Estética, amadurecimento nas relações é também a representação das complexidades da existência. As propostas artísticas da EMD ressoam muito em mim. Eu acredito na Escola e a dinâmica de rotatividade de propostas é um ganho. É só na e pela diversidade que podemos ser versões melhores de nós mesmos e do país."

Rosana Silva

Atriz, cientista social, mestra em antropologia e educadora

Para assistir ao  
vídeo  
institucional dos  
20 anos da EMD,  
acesse:



Imagem 9

## 1.1 Início de um novo ciclo - Plano Pedagógico Anual de 2022



Foi com base nesses ideais que sugeri à equipe, logo que assumi o cargo de coordenadora técnica/artística da EMD, estratégias para a criação do espetáculo de dança “Makunaima: Reflorestando Mentes”, que encerrou o ano letivo em 2022, pois, assim como aponta Izabel Marques (2010, p. 224): “criar é justamente a possibilidade de (re)inventar processos, de (re)configurar estruturas, de (re)ordenar o já conhecido, de (re)fazer e de

(re)contextualizar situações”. Buscamos, então, que essa criação fosse realizada ao longo de todo o processo educacional e que ela possibilitasse um processo educacional de forma, pluricultural, colaborativa, horizontal e dialógica (Rufino, 2019) para a promoção de uma educação emancipatória pela/para/em Arte/Dança.

Dito isso, a ideia central do espetáculo foi ganhando contorno na retroalimentação conforme foi se desenvolvendo

o processo artístico/pedagógico na escola, que teve como mote o tema do Plano Anual da EMD [8]:

**Inverso-reverso-Reverberações do Modernismo na Contemporaneidade**, vindo a convergir com o tema proposto pela Educação Integral do Município de Araraquara [9]: **Tecendo Horizontes: fazer-sentir-pensar para reencantar o mundo**. Assim, elaboramos o Plano Pedagógico, como pode ser visto na tabela abaixo:

Módulos	Meses	Objetivos Específicos
Módulo I:  “Traços do modernismo nas identidades”	Mar.; abr.; mai.; e jun.	<ul style="list-style-type: none"> <li>① Pesquisar e desenvolver painel de tempo espiralar;</li> <li>① Desenvolver noções prático/teóricas de Corpo-lugar-memória;</li> <li>① Identificar traços modernistas ao longo da História;</li> <li>① Relativizar cultura erudita, popular e de massa;</li> <li>① Relacionar e problematizar movimentos artísticos/culturais, vanguardistas (legitimados) e periféricos (invisibilizados);</li> <li>① Identificar apagamentos históricos nos movimentos artísticos/culturais;</li> <li>① Problematicar a visibilidade, valorização e reconhecimento de artistas, sob uma perspectiva étnico-racial e de gênero;</li> <li>① Definir conceito de representatividade.</li> </ul>
Módulo II:  “(Re) Antropofagia”	Ago.; set.; out.; nov.	<ul style="list-style-type: none"> <li>① Continuar a desenvolver o painel de tempo espiralar;</li> <li>① Desenvolver de modo prático/teórico e criativo, percepções sobre o conceito de antropofagia;</li> <li>① Identificar traços do modernismo na atualidade;</li> <li>① Promover através do fazer/pensar/sentir processos criativos, na perspectiva de (re)antropofagia.</li> <li>① Criar e produzir espetáculo, coletivo, colaborativo de maneira, dialógica e horizontal;</li> <li>① Avaliar o processo artístico/pedagógico de ensino/aprendizagem no constructo de novos saberes.</li> </ul>

8 O Plano Anual Pedagógico da unidade escolar é um documento que registra o planejamento didático-metodológico das ações artístico-educacionais que são desenvolvidas no ano letivo, além de apresentar dados e diagnósticos sobre metas e objetivos educacionais da unidade.

9 O tema da Educação Integral foi elaborado coletivamente pelos coordenadores das unidades escolares com o objetivo de direcionar os processos pedagógicos nas unidades escolares e tem vigência de 2 anos



Por meio da observação dos objetivos almejados pela equipe da EMD inseridos nessa tabela, verificamos vários conceitos que vão além do conteúdo pretendido quando abordamos temas pertinentes aos sujeitos implicados e a questões da sociedade contemporânea: há também um chamamento a ações colaborativas com as/os estudantes, buscando engajamento, alteridade e solidariedade, visando principalmente seus protagonismos.

Imagem 10

# 2 Reflorestar: um processo

## 2.1 O encontro de Macunaima e Makunaima

Borbulharam pelo Brasil em 2022 eventos e atividades comemorativas em vários âmbitos culturais, educacionais e sociopolíticos que procuravam trazer à tona novos entendimentos sobre dois marcos históricos: os 200 anos da Independência do Brasil e os 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo e suas reverberações. Dessas atividades, destacamos os “contraeventos” de comemoração do

do Centenário da Semana de Arte Moderna que foram realizados por movimentos de artistas negros e indígenas, os quais reivindicam constantemente seus protagonismos e reconhecimentos nas Artes ao realizarem ações que nos alertam sobre a necessidade e urgência de reposicionamentos da sociedade diante da catástrofe colonial e cultural (Rufino, 2017), para que possamos romper com nossa herança colonial.



Imagem 11

Coadunando com a proposta de uma educação decolonial, seguimos buscando por “outras presenças, conhecimentos e gramáticas” (Rufino, 2017, p. 262), por novas perspectivas antirracistas e decoloniais, convergindo com a lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 [10]. Encontramos, assim, na obra do artista ativista indígena Denilson Baniwa, pistas para os caminhos para desenvolvermos nossa temática, citada anteriormente. Denilson, na pintura *Re-antropofagia* (2018), deixa um bilhete ao lado da cabeça decepada de Mário de Andrade/Grande Otelo com a seguinte mensagem:

*Aqui jaz o simulacro Macunaíma, jazem juntos a ideia de povo brasileiro e a antropofagia temperada com bordeaux e paxi mongólica. Que desta longa digestão renasça Makunaimi e a antropofagia originária que pertence a nós, indígenas”. (BANIWA, 2018, p. 278 apud DINATO, 2019).*



Imagem 12 - Pintura da Obra “Re-antropofagia”, de Denilson Baniwa, de 2018. Técnica mista. Fonte: Germano, 2021.

Essa obra de Denilson Baniwa foi um chamado à desconstrução de pensamento sobre o Modernismo que estava na figura de Mário de Andrade e, mais do que isso, revelou um ponto de partida, um “tema gerador” que aproximava e inseria as/os estudantes nesse universo temático, tornando-as/os sujeitos implicados na ação de modo dialógico para uma educação como prática de liberdade, ideias tão caras a Paulo Freire (1967).

10 A Lei nº 11.645 de 2008 (Brasil, 2008) altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

Foi dessa maneira que se deu o encontro entre os netos de Makunaima, na figura de Jaider Esbell, modo como ele denominava todos os descendentes do mito do Monte Roraima, com os netos descendentes de Macunaima de Mário de Andrade, nós aqui de Araraquara. Assim como surgiu esse mote para a criação do espetáculo, muitas outras pistas e contribuições derivaram das experiências coletivas realizadas por meio das ações artístico-educacionais e da grande rede de conhecimentos inter-multi-transdisciplinares que foi construída a partir dela. Segundo Ana Elizabeth Simões Brandão (2014, p. 19), tais ações são essenciais como “elemento ‘convocante’” para o trabalho coletivo e colaborativo que vise uma educação integral das pessoas dele participantes.

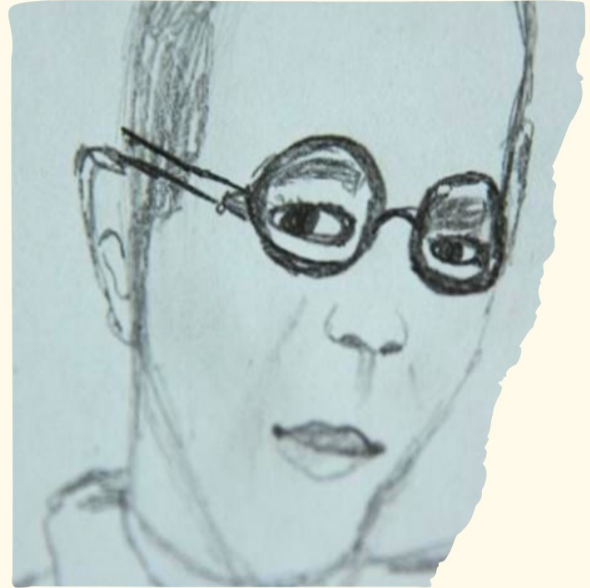


Imagem 14



Imagem 15



Imagem 16

## Mapa artístico

Essa referida rede foi criada a partir de diversas atividades teórico-práticas dentro e fora da escola, como passeios pedagógicos a exposições e a apresentações teatrais e de dança e intercâmbios com artistas, palestras e oficinas. Tais ações criaram um movimento dialógico que veio a contribuir para o engajamento e o envolvimento das/dos estudantes e da equipe da EMD, ao mesmo tempo que serviu como inspiração e contribuição para a criação do espetáculo. Um desses movimentos resultou no que chamamos de “painel espiralar”, ou mapa artístico, que foi realizado com trabalhos sobre as impressões das/dos estudantes depois das aulas coletivas sobre o tema do espetáculo, como pode ser visto na figura abaixo:



Imagem 17



Imagem 18

Apresentamos alguns dos trabalhos que compõem o mapa artístico e que foram importantes para a concepção do espetáculo:

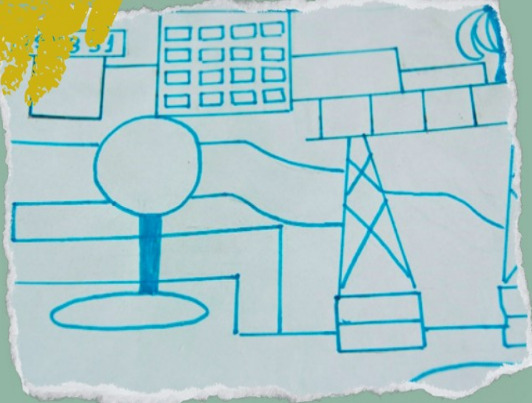


Imagem 20



Imagem 19



Imagem 21



Imagem 22



Imagem 24



Imagem 23



Imagem 25



Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28

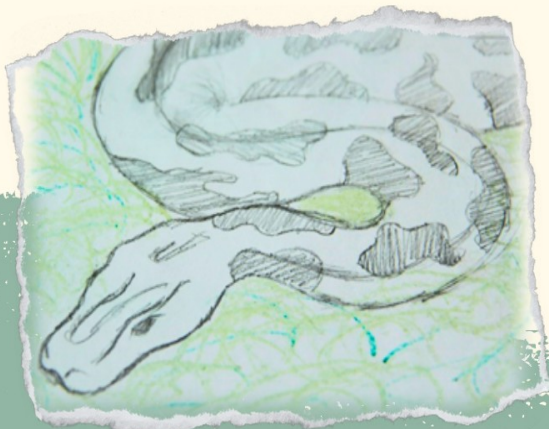


Imagem 29

A história começa com estenótipos, e o problema com estenótipos não é que sejam mentiras, mas que são incompletas.

**macuima**

ela não é uma direção de novo países para seu mundo

- Lima Passado
- Animaguinha
- Os 8 Babulos
- como Quader

"a Estrela do novo rumo"

Imagem 30



Imagem 31

O mapa artístico e os desenhos – que o compuseram nos apontaram caminhos para a criação do espetáculo na medida em que apresentavam em suas ilustrações e escritos personagens e questões como

a exclusão de negros, indígenas e mulheres das artes e a emergência ambiental. Dessa forma, observamos, num primeiro momento, a efetiva participação das/dos estudantes no processo criativo,

uma vez que o espetáculo trouxe essas temáticas para a construção do seu roteiro. Em seguida, foi esboçada uma trajetória para a elaboração do roteiro do espetáculo, definida pelo ideograma a seguir:



Imagem 32

Outro ponto importante da ação colaborativa foi a concepção do figurino, processo mediado pelo multiartista convidado Muca Rangel [12], que, em oficinas e vivências com a equipe e as/os estudantes, desenvolveu os figurinos coletivamente, como um enorme laboratório criativo. Uma dessas vivências foi particularmente marcante, pois impactou as relações interpessoais das turmas envolvidas, assim como observa o educador Rodrigo Canela [13] em relato colhido em março de 2023:



Imagem 33



Imagem 34

*[...] as 2 turmas não tinham uma ligação muito forte entre elas. O processo da composição de figurino foi maravilhoso. Eu acho que foi um start. Nós fizemos um laboratório na lã, onde a gente tingiu os figurinos, e aí virou brincadeira, a gente rolou na lã. O que surgiu bastante forte é que, ao fazermos nosso figurino ali, essa interação causou uma transformação muito grande, principalmente nas turmas do 4º ano. Porque eles eram uma turma com a autoestima muito baixa, e essa experiência os despertou. Eles estão muito diferentes, ali foi o ponto de mudança do comportamento deles, para se sentirem capazes de estarem presentes, independente de corpos, de técnica, de padrões... Me marcou muito esse processo... mais até do que qualquer resultado cênico, apesar de ter sido muito bonito. Marcou muito essa transformação de atitude das turmas. E isso me chamou muita atenção. Eu gravo isso e vou gravar por um bom tempo. Acredito que eles também*

12 Muca Rangel é figurinista, artista visual e arte-educadore de Araraquara. É graduade em Design de Moda pela Universidade de Araraquara (Uniar), especializade em Cenografia e Figurino pela SP Escola de Teatro e CEO da marca de ecodesign e diversidades têxteis @dircefashion.eco, na qual desenvolve pluralidades manuais a partir de práticas que interseccionam criações plásticas e transmutação têxtil.

13 Rodrigo Canela é educador físico formado pela Universidade de Araraquara (Uniar) e professor de Capoeira na EMD.

Essa parte do processo criativo, realizada de forma coletiva e lúdica, além das transformações interpessoais, proporcionou aos estudantes seus protagonismos, uma vez que eles foram convocados e inseridos numa etapa que até então ficava a cargo dos educadores e figurinistas. Para além disso, no fazer/pensar/sentir que a imersão propôs, houve uma maior compreensão da proposta do tema que a turma iria abordar, pois, segundo Leda Maria Martins (2020, p. 23), as “inscrições oral e corporal [são] grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também episteme”. As imagens a seguir mostram parte dessa imersão criativa, que foi sem dúvidas agregadora e transformadora:



Imagem 38

## • Oficinas e encontros

Várias outras ações como essa foram realizadas, as quais resultaram em uma tessitura criativa que trouxe outras grafias, moveres e narrativas para a escola, de modo a possibilitarem reflexões sobre identidades como quebra de estereótipos e de referências, pois nos empenhamos “na busca por epistemologias que irrompem com um *continuum* marcado pela colonialidade” (Silva, 2019, p. 92).

Assim, trouxemos outros corpos e outras danças e também uma perspectiva de pesquisas afrorreferenciadas, as quais infelizmente não temos no nosso currículo escolar, tais como: Técnica Silvestre [14] com Vera Passos [15]; Danças Afro-brasileiras com Rose Bárbara [16] e Chão de capoeira com Alisson Lima [17].



Imagem 39



Imagem 40



Imagem 41



Imagem 42



14 A Técnica Silvestre de Dança foi criada pela artista da Dança Rosângela Silvestre, Salvador – BA.

15 Vera Passos é artista da dança baiana, mestranda em Dança pelo PRODAN (UFBA). Licenciada em Dança (UFBA), é diretora do Silvestre Link Bahia e do Centro Cultural Somovimento.

16 Rose Bárbara é artista da dança baiana, mestra em Dança pelo PRODAN (UFBA). Licenciada em Dança (UFBA), é também especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Faculdade Olga Metting.

17 Alisson Lima é artista pernambucano, bailarino, capoeirista, multi-instrumentista e pesquisador nas áreas de Dança-Educação e culturas populares. Atualmente é educador do Instituto Brincante SP.

# SAIBA MAIS:

## Oficina Vera Passos



Matéria do site da Prefeitura Municipal de Araraquara



Vídeo da Oficina



## Oficina Rose Bárbara



Matéria do site da Prefeitura Municipal de Araraquara



Vídeo da Oficina



## Oficina Alisson Lima



Matéria do site da Prefeitura Municipal de Araraquara



## • Passeios pedagógicos

Nessa encruzilhada de possibilidades, serpentamos diversas referências por meio desses e de outros encontros e entrelaçamentos:

Educadores e estudantes visitam a exposição: “Gabinete Modernista - a passagem de Mário de Andrade por Araraquara”, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Araraquara/SP, fev./mar. 2022.  
Para saber mais:



Imagem 43



Imagem 44

Estudantes no passeio pedagógico à exposição do 19º Território da Arte “À Procura da Muyrakytã”. Araraquara/SP, maio 2022.  
Para saber mais:



Estudantes no passeio pedagógico a São Paulo para a exposição “Amazônia”, de Sebastião Salgado, e a temporada da São Paulo Companhia de Dança com a obra “Desassossegos”, de Henrique Rodovalho, e a estreia de “Infinitos Traçados”, de Esdras Hernández Villar, Jonathan dos Santos e Monica Proença. São Paulo, jun. 2022.  
Para saber mais:



Imagem 45



Imagem 46

Estudantes no passeio pedagógico à exposição “Invencionices de Mario no Ninho da Luz”, na Chácara Sapucaia (Centro Cultural Professores Waldemar e Heleith Saffioti). Araraquara/SP.  
Para saber mais:





Imagem 47

Estudantes no passeio pedagógico ao Museu Voluntários da Pátria. Araraquara/SP, set. 2022.

Para saber mais:



Encontro SESC de Capoeira. Araraquara/SP, ago. 2022.

Para saber mais:



Imagem 48



Imagem 49

Alunos da EMD participam de atividade com temática indígena e a sua influência em Macunaima. Araraquara/SP, nov. 2022.

Para saber mais:



Imagem 50

Além dessas danças e moveres e seguindo a perspectiva decolonial do tema central do espetáculo, dialogamos com algumas obras e artistas: 1. o fotógrafo Sebastião Salgado e Lélia Wanick Salgado na exposição **Amazônia**, no SESC Pompeia, em São Paulo; 2. as obras de Jaider Esbell **It Was Amazon** (2016) e **Makunaima, meu avô em mim!** (2018); 3. alguns autores que participaram do livro **Makunaima - o mito através do tempo** (Esbell et al., 2019), como a antropóloga Deborah Goldemberg, o poeta e filósofo Marcelo Ariel e o escritor e músico Cristino Wapichana.

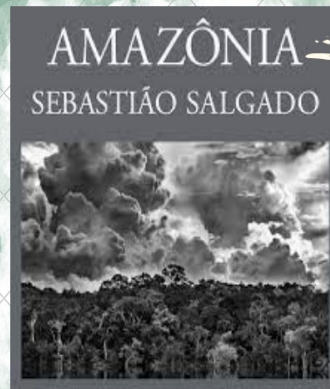


Imagem 51



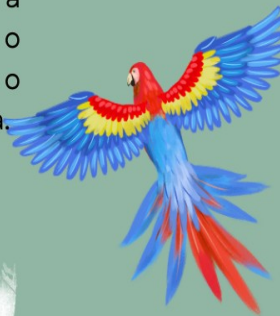
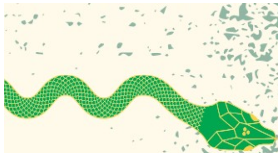
Imagem 52



Imagem 53



Imagem 54



## 2.2 A EMD ecoa o Modernismo aos filhos e netos de Makunaimã – Desfile cívico de 22 de agosto



Imagem 55



Imagem 56



Imagem 57

Após o mergulho nessas vivências e referências, elaboramos a participação da EMD no Desfile Cívico do aniversário da cidade com o tema: “205 anos de Araraquara – 22 de Agosto comemora a Semana de 22: celebrando a vida com Educação e Cultura”, com o tema **“A EMD ecoa o Modernismo aos filhos e netos de Makunaimã”**.

Esse desfile foi uma importante etapa do processo artístico-pedagógico que nos direcionou à construção do roteiro do espetáculo.

Assim saímos ecoando pelas ruas da cidade a seguinte canção:

Cidade de Araraquara  
Revisita a Arte Moderna  
Com o Urutu de Tarcila  
Renascer sem fim nem começo  
100 anos depois refletimos  
Por que tanta exclusão?  
Dos que foram retratados  
Porém não foram ouvidos



Imagem 58

Lima Barreto, Macunaíma  
 E Pixinguinha, negro artista  
 Irmãos Timóteo, Macunaíma  
 E Lino Guedes, negro artista  
 e os indígenas, todos artistas  
 Filhos e netos... de Makunaimã!

Tramas de ontem e hoje  
 Na Sapucaia de Aracoara  
 Recontamos Mario de Andrade  
 E as Lendas do Monte Roraima  
 No fundo da mata virgem  
 Nasceu Macunaíma  
 Era preto retinto  
 Filho do medo da noite

Eh, Macunáíma, Macunaíma  
 Ai que preguiça, Macunaíma  
 Pouca saúde, Macunaíma  
 Muita Saúva, Macunaíma  
 Piaimã, Macunaíma  
 Icamiabas Macunaíma  
 Filhos e Netos....de Makunaimã!

Lima Barreto, Macunaíma  
 E Pixinguinha, negro artista  
 Irmãos Timóteo, Macunaíma  
 E Lino Guedes, negro artista  
 e os indígenas, todos artistas  
 Filhos e netos... de Makunaimã!

Tramas de ontem e hoje  
 Na Sapucaia de Aracoara  
 Recontamos Mario de Andrade  
 E as Lendas do Monte Roraima  
 No fundo da mata virgem  
 Nasceu Macunaíma  
 Era preto retinto  
 Filho do medo da noite

Eh, Macunáíma, Macunaíma  
 Ai que preguiça, Macunaíma  
 Pouca saúde, Macunaíma  
 Muita Saúva, Macunaíma  
 Piaimã, Macunaíma  
 Icamiabas Macunaíma  
 Filhos e Netos.... de Makunaimã!



Imagem 59



Imagem 60



Imagem 61



Imagem 62



Imagem 63

### 3 A ciranda da criação



Imagem 64

Diante dessas temáticas levantadas, concluímos que era relevante que as narrativas e as descrições do mito que aconteceriam no espetáculo fossem elaboradas por meio da intertextualidade com os textos de Jaider Esbell, nosso homenageado. Assim, poderíamos trazer de uma forma mais fidedigna as mensagens de seu avô Makunaima que tanto Jaider queria trazer à terra onde nasceu Macunaíma [19]. Dessa forma, contamos com mais uma parceria da atriz e cientista social, mestra em estudos de etnologia indígena, nossa parceira Rosana Silva [20], que nos auxiliou na elaboração do roteiro, como veremos a seguir no prólogo encarte e na primeira cena:

Como demonstramos até o momento, nós da EMD nos respaldamos e nos inspiramos em muitos referenciais depois que constamos a intenção de desenvolvermos a temática indígena no nosso espetáculo, na figura do mito do monte Roraima. Uma dessas inspirações foi o movimento político-cultural de luta pelos direitos dos povos originários, a chamada Marcha das mulheres indígenas em Brasília [18], que teve como tema de 2021: **Mulheres originárias, reflorestando mentes para a cura da Terra**. Esse movimento veio ao encontro dos nossos ideais para o espetáculo e, portanto, dele surgiu o título do espetáculo: **Makunaima: Reflorestando Mentes**.



Imagem 65

18 Organizada pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), a Marcha aconteceu de 7 a 11 de setembro e contou com cerca de 4 mil mulheres, de 150 povos indígenas, com diversas atividades no espaço da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), em Brasília-DF, que reivindicavam os direitos dos povos originários e a luta contra o "Marco Temporal".

19 Jaider Esbell declarou na live da leitura dramática do livro **Makunaima - o mito através do tempo**, em novembro de 2021, que fora convidado a realizar um trabalho na Chácara Sapucaia, o qual não aconteceu devido ao seu falecimento no dia seguinte à transmissão.

20 Atualmente, Rosana Silva trabalha com oficinas de Música e Teatro na EMEF CAIC Vale do Sol, em Araraquara/SP, lecionou Filosofia, Educação Ambiental e Teatro na EMD de 2016 a 2021.



Imagem 66

*Esse é meu parente, o grande pajé contador de história, Akuly Taurepang, contando minha história ao etnólogo alemão Theodor Koch-Grumberg lá no Monte Roraima aos pés de onde um dia foi Wazaká, a árvore da vida. Isso foi a muitos e muitos anos atrás...*

*Mário de Andrade procurava histórias do Brasil, leu em alemão a minha história e outras muitas de meus parentes e então me levou para as páginas de um outro livro em português.*

*Aqui nesta terra Morada do Sol me transformei em um herói que nunca fui, conhecido como Macunaima... isso também foi a muitos e muitos anos atrás... Sabe, eu prego essas peças... sou um transformista... é assim que eu driblo o tempo e o esquecimento.*



### 3.1 PROCESSOS COLABORATIVOS NA CRIAÇÃO DAS COREOGRAFIAS E CENAS

Para exemplificar algumas das criações de coreografias e cenas do espetáculo, apresentaremos os relatos de dois educadores que conduziram, com suas turmas, um processo de criação colaborativa. Dessa forma, destacou-se o protagonismo dos estudantes, ao integrar a criação artística ao processo educacional, enfatizando uma abordagem educativa emancipatória.

*A coreografia encheite foi criada por mim, pelo professor Rodrigo Canela e pelos alunos do 2ºI e 3ºI para o espetáculo...*

*No início, fiz uma sensibilização do tema "encheite" através de uma conversa orientada com os alunos acerca do tema, seguida de vídeos e reportagens sobre o assunto...*

*A professora Priscila, então professora de música, nos ajudou com a escolha da música, recomendando "Encheite", do grupo Clarianas. Analisamos a música, fizemos uma contagem e seguimos com o processo de criação.*

*Eu propus a criação de uma cena cômica (levando em consideração a faixa etária), com aspectos teatrais, a respeito de uma situação que poderia acontecer em uma encheite. A turma foi dividida em dois grupos, orientamos os alunos a usarem alguns objetos da sala de aula como objetos cênicos (bancos, caixas, baldes) e assim os alunos criaram duas ideias interessantes que foram aproveitadas e aperfeiçoadas com técnicas cênicas e cálculo do tempo para encaixe na música. Essa aula contou com a ajuda da professora Pamela, de teatro.*

*Em uma aula minha, aproveitei os berimbaus e pedi para eles imaginarem que aquilo era um rodo e criarem uma sequência de um "rito" tendo o rodo como objeto cênico para uma coreografia. A divisão agora foi feita em duplas e o registro no final da aula foi feito pelo celular. Essas criações também foram aproveitadas na coreografia utilizando rodos da escola.*

*O professor Rodrigo criou as sequências de dança contemporânea com movimentos de capoeira nos outros momentos da música... A professora Denise (educadora de artes visuais) preparou as caixas que foram utilizadas como objetos cênicos e que simulavam caixas que são utilizadas em uma mudança rápida motivada pela encheite. O professor Carlos Fonseca e a professora coordenadora Geórgia auxiliaram na correção técnica e cênica.*

*Uma das alunas, Anahy, é uma pessoa com deficiência que participou da coreografia e, apesar de suas limitações, montamos uma movimentação de acordo com o que ela podia fazer e pedimos ajuda de uma outra aluna para orientá-la nas coxias nos momentos em que ela entrava em cena.*

*Considero que o trabalho foi bem feito e que os alunos ficaram satisfeitos com o resultado, assim como nós professores, a equipe e a plateia. Além disso, a coreografia estava em um nível que, unindo a seriedade com momentos cômicos, conseguiu comunicar a mensagem da questão "encheite" aos alunos e assim ser mais significativa para eles. Por fim, o processo colaborativo foi fundamental para mim que venho da capoeira e não tenho uma formação cênica. E o fato de ter sido feito na coletividade, contando com os professores e os alunos nos processos de criação e ensaio, é muito satisfatório, pois se aproxima das criações da cultura popular da qual sou admirador.*

*Henrique Bisetto  
Educador de capoeira, cientista social e músico*



Imagem 67

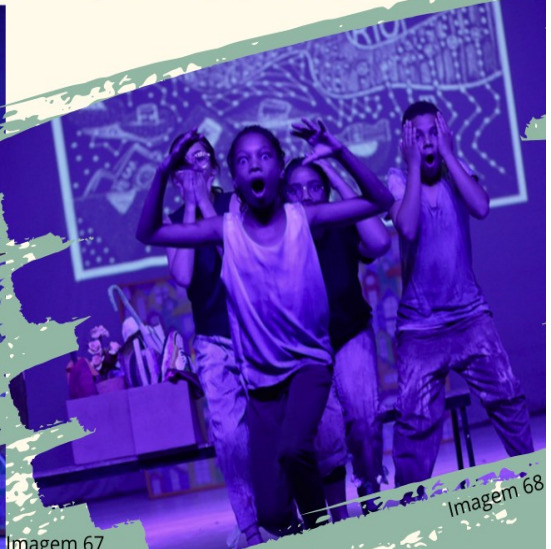


Imagem 68

Sobre a criação da coreografia sobre desmatamento, meu principal foco era evitar que os alunos se sentissem como vilões. Sugeri que representassem tanto quem corta árvores quanto quem sofre com a devastação. Propus que sentissem seus corpos como árvores ou como seres humanos, que ao mesmo tempo destroem e sofrem a reação da destruição. Durante as discussões, abordamos a resposta ao mal causado e como poderiam se sentir como ferramentas, como machados ou máquinas usadas para derrubar árvores. Mesmo sendo agentes e receptores da destruição, nunca quis que se sentissem como vilões. Do processo reflexivo, escolhi alguns vídeos do YouTube sobre desmatamento para discutir a relação com o meio ambiente, as consequências para os seres humanos, o poder e a ganância em relação ao próximo e à natureza. Refletimos sobre os verdadeiros motivos por trás do desmatamento e as doenças, incluindo o coronavírus. Como toda essa desarmonia e desrespeito afetam nós mesmos?

E, por fim, as Queimadas. Ai depois de assistirmos esses vídeos, a gente ficou uma aula inteira. Na verdade, assistindo esses vídeos e comentando. Eu propus 10 minutos para que eles fizessem uma criação de uma cena com tudo o que viram e conversaram e disponibilizei alguns materiais: tubos de PVC. Eles construíram maravilhosamente uma cena que foi a que representou toda aquela cena final, lógico que foi um esqueleto. Os tubos de PVC sendo usados como troncos de árvores e tinha os PVCs também sendo usados como machados para cortar a árvore e eles representaram a corda puxando, arrancando as árvores pelas raízes. E, por fim, teve o material o véu fan que eu conheço através da linguagem da dança do ventre e achei que seria muito pertinente para representar as Queimadas, o fogo. A criação desse véu fan também é outra coisa que foi muito legal. É que eu só ensinei os alunos como segurar esse véu, e 3 alunos que demonstraram interesse trouxeram toda a bagagem corporal deles das aulas de dança. Trouxeram à tona os seus sentimentos e individualidades. O quarto e quinto ano realizaram a cena e fiquei muito feliz com o resultado, eles se envolveram muito. O material humano deles também foi muito bom, não só em questão corporal de movimento, mas intelectual mesmo, de entender a proposta. Então aquele conteúdo foi muito legal. Fiquei muito feliz mesmo... E eles saíram satisfeitos nessa última aula aí que eu estava comentando. Eles, em 10 minutos, fizeram essa criação. Foi incrível, eu aplaudi eles, arpeiei. Eles se sentiram assim "Nossa, nós construímos isso" e realmente eles construíram. Depois houve lapidações, ajustes, mas a ideia, a cena foi deles.

Aline Escamilha  
Educadora física, educadora de sapateado e artista da dança



Imagem 69



Imagem 70

### 3.2 Materializando o espetáculo



Imagem 71

Observamos, dessa forma, que diversas pessoas somaram esforços conosco nessa ciranda criativa, o que resultou em uma fruição de saberes, vivências e afetos. Então, coube à equipe diretiva e de educadores juntamente com os estudantes alinharem todas essas informações, para construirmos em 2 meses o espetáculo. A produção contou com 160 estudantes, 16 educadores, 3 gestores, 3 agentes educacionais, 1 figurinista, 1 roteirista e foi apresentada 8 vezes, somando cerca de 1.500 espectadores presencialmente e 2.000 virtualmente.



Imagem 72

Para assistir ao espetáculo, acesse:



Embora não possamos expressar e traduzir em palavras o real impacto, bem como os desdobramentos e as reverberações que a experiência do espetáculo ocasionou na vida dessas pessoas, houve grande alcance não só de público como de pessoas envolvidas. Como nos lembra Bondía (2002):



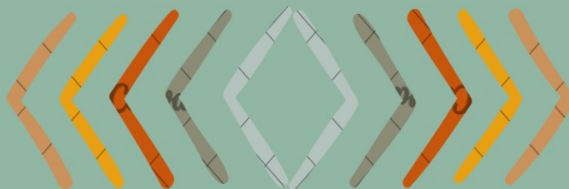
Imagem 73

*[...] a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer" (Bondia, 2002, p. 28).*



Imagem 74

Foi precisamente a partir dessa “abertura para o desconhecido” de que fala Bondía que muitas trocas, emoções e realizações aconteceram. Quiçá tenhamos sensibilizado as pessoas e reflorestado mentes/corpos para um futuro mais sustentável, horizontalizado e respeitoso com os verdadeiros detentores da sabedoria ancestral: os povos originários. É na seção que segue que o/a leitor/a encontrará algumas dessas reflexões.



A importância da reflexão do processo de criação e da sua extensa e complexa rede de conexões é fundamental para o entendimento do espetáculo (Salles, 2006). Como um produto, ele não foi um fim a ser alcançado, mas sim um meio para a promoção de uma educação emancipatória

e solidária, com explícitos posicionamentos políticos. Assim sendo, constatamos que, tanto no processo de criação quanto no espetáculo em si, foi realizada uma estreita relação e imbricamento entre passado-presente-futuro, cidade-floresta e os filhos de Makunaima e Macunaíma. À medida que essas relações ganharam mais

complexidade e evidenciou-se o entorno, ou seja, pudemos nos aprofundar numa melhor compreensão do contexto sociopolítico-cultural-econômico do Brasil nesses repetidos ciclos históricos de caos, desigualdades e injustiças que assolam nosso país desde a colônia.



Imagem 75

Em vista disso, são de extrema importância os posicionamentos políticos na sociedade e na escola, principalmente em relação a questões indígenas. Por isso a figura de Makunaima como um estrategista atravessando o tempo-espço e impresso “na capa daquele livro” de Mário de Andrade (Esbell, 2018, p. 16), convocando-nos para manifestar união e ser ouvido. Makunaima faz um chamamento à sensibilização das pessoas em relação à emergência da responsabilização sobre questões indígenas e ambientais e à preservação e resgate dos saberes das florestas e dos seus guardiões - os povos indígenas. Dessa forma, podemos vislumbrar, segundo Ailton Krenak (2022, p. 11), novas possibilidades do devir, sendo o “futuro ancestral”.



Imagem 76



Imagem 77

Assim, nas narrativas construídas no espetáculo, emergiu a vontade de resgatar a necessidade de uma identificação do outro em nós para o despertar de um importante e fundamental senso de unidade. É precisamente por essa unidade que, por meio da sabedoria e da força da existência e resistência dos povos originários, podemos alcançar alteridade e solidariedade como uma potente forma mais democrática e equitativa de ser/estar no mundo (Marques, 2020), para então poder transformá-lo.

O reconhecimento do outro em si e o senso de unidade foram elucidados através das escolhas dos personagens-protagonistas Macunaíma e Makunaima com representações coletivas e múltiplas. O primeiro, representado pelas 3 estudantes da figura abaixo, foi concebido por Ana Paula Picco [21]:



Imagem 78

Acerca dessa concepção, a coreógrafa nos relata:

*[...] me atentei na questão dos 3 irmãos e pensei na transmutação da personagem principal que acontece ao longo do livro. Também levei em consideração a ideia do mito original e da incerteza de não saber se eram 3 irmãos ou 3 faces do mesmo ser.*

Esses “3 irmãos” ou as “3 faces do mesmo ser” serão resgatados por Mário de Andrade através do “mito das três raças”, conceito muito em voga nos estudos antropológicos brasileiros entre os séculos XVII e XX, os quais afirmavam que a identidade nacional se sustentava na miscigenação do negro, do branco e do “índio” [22].

21 Ana Paula Picco é artista da dança, formada em Letras pela UNESP e professora de dança contemporânea na EMD.

22 O termo “índio” é uma indicação que referenciava erroneamente os indígenas, pois não reconhecia as especificidades linguísticas e culturais dos diferentes povos.

Para representar a subjetividade do Makunaima, o mito fluido, o artista da transformação que abarca e se compõe de todas as coisas da natureza, inspiramo-nos nas suas representações nas telas de Jaider Esbell. Para concebê-lo, portanto, vislumbramos um “multipersonagem” composto por 16 estudantes. A coreógrafa Renata Pestana [23] nos dá mais detalhes sobre a concepção/criação:



Imagem 79

*Makunaima que está em tudo e por tudo perpassa. É da questão cíclica também tudo se completa e tudo se retoma. E foi nesse sentido que eu optei por trabalhar os canons [24], as coisas acontecendo em cascata e depois se reconstruindo e depois se desconstruindo, nesse movimento cíclico, de constante transformação e reconstrução e modificação.*

23 Renata Pestana é formada em Dança pela UNICAMP e educadora de dança contemporânea na EMD desde 2002.

24 Canon é quando os bailarinos realizam um mesmo movimento ou sequência um após o outro, como uma onda.



Imagem 80

A concepção do mito Makunaima que a coreógrafa descreve revela a essência desse ser, enquanto mito da transformação (Esbell, 2018), revelando-se assim a própria essência fundante do processo de criação e a do espetáculo. Observou-se isso principalmente na cena do encontro dos dois personagens, na qual Macunaíma tem uma epifania e, reconhecendo sua progênie, se amalgama ao mito Makunaima, de modo a demonstrar que o primeiro liberta seu “corpomente” das amarras coloniais e se torna uno, como nova possibilidade de (re)existir e recriar um mundo melhor.

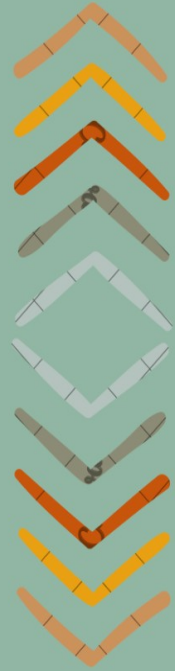


Imagem 81

Assim, analogamente, o espetáculo trouxe a intenção preterida de potencializar a Arte/Dança como tecnologia educacional, capaz de transformar as antigas formas de se fazer/sentir/pensar os processos artísticos/pedagógicos. Dessa forma, desenvolveram-se novas estratégias educacionais na escola, que possibilitaram um ensino-aprendizagem mais colaborativo, coletivo, dialógico, horizontalizado, decolonial e que também potencializaram os protagonismos, de modo a nos direcionar "a processos de transformação e emancipação social" (Brandão, 2014, p. 156).

Tais novas possibilidades podem ser simbolicamente representadas pela imagem de

Wazaká, a "árvore de vida" detentora de toda a sabedoria, e, assim como foi no espetáculo, fica o questionamento: "O que vamos fazer com ela?". Makunaima, simbolizando a sabedoria e a filosofia dos povos originários que o criaram, toma a decisão de cortá-la, para que seus frutos ancestrais se esparramem e germinem por todo o planeta. Dessa maneira, o mito nos dá pistas para a revelação da necessidade de reflorestar corpomentes e de conquistarmos nossos protagonismos para a tomada de importantes decisões em busca da efetiva e essencial mudança que podemos realizar em nós e no mundo que nos cerca. Como diz Gilberto Gil na música "Refloresta" de 2021, usada na apoteose do espetáculo:

*"Manter em pé o que resta não basta  
Que motosserra voraz faz a festa  
O jeito é compreender que já basta  
E replantar a floresta"*



Imagem 82

## 4 Os frutos de Makunaima

Traremos a seguir as impressões de algumas pessoas [25] que assistiram ao espetáculo:

*O espetáculo traz uma atmosfera de suspensão, como algo meticulosamente alinhavado, à mercê do desejo de trazer uma narrativa instigante aos olhos do espectador - ora por meio de estranheza, ora por meio da curiosidade, ora por meio da beleza.*

*Deixa clara a presença de um olhar orientador do todo, enquanto traz evidente uma dramaturgia consciente: um fio contínuo, mas que se permite perpassar nuances diversas: cores, energias, estéticas e linguagens. Traz uma escolha inteligente de aparatos cenográficos. São mutáveis, transformadores. São espaço-entre, mas também são passíveis de preencher. Exaltam, mas também circundam. São horizonte, mas também são próximos. São urbano, são natureza, são paisagem, são apoio. Estão em função da ideia de que "Quando viu, já mudou" - assim como a vida, assim como o tempo.*

*Nos deixa a sensação de que vimos danças de corpos que sabem bem o que estão fazendo e sobre o que estão falando. Traz movimentos em função de um enredo bem desenvolvido e estudado, indo contra uma estética vazia de sentido.*

*Permite o cru, no sentido de em muitos momentos não temer a força do gesto genuíno. Mas demonstra se pautar em estratégias refinadas de pesquisa e de possibilidades narrativas, porque, quando acaba, percebemos-nos de volta ao campo real do qual nos mantivemos suspensos.*

Suzane Rossan  
Artista da Dança e educadora

*Makunaima é sobre a gente e é sobre o outro: viver em harmonia com nossas faixas e com nossas selvas internas. É acolher e respeitar, dilacerar as fronteiras e abraçar o que nos é mais sagrado: a natureza. Trazer e plantar essa semente dentro de uma Escola Municipal de Dança (cuja existência já é por si só uma revolução) é fazer brotar uma linda árvore de consciência coletiva e reflorestar nossas mentes.*

Beatriz Borghi  
Artista da Dança e educadora

*O espetáculo do ano de 2022 é um marco de pensamento atualizado. Reconta histórias, apresenta novas perspectivas das histórias culturais e artísticas da cidade de Araraquara e do Brasil. A beleza do cenário e dos objetos cênicos me impressionou.*

*Eu fui atravessada pela consciência ambiental proposta com a leitura crítica do desmatamento das florestas e das enchentes nas cidades. A questão do individualismo e da falta de conexão com a vida coletiva é muito importante para mim.*

Rozana Silva  
Arte-educadora

25 Relatos escritos colhidos por mim em dezembro de 2022.

Reflorestar mentes é um conceito que começa por si só no pensar sistêmico, onde o ego do crédito pessoal não cabe, pois "eu sou porque nós somos" não existe o uno sem o outro. As cenas pisam leve sobre o palco, as marcas e pegadas ficam na alma. O herói sem nenhum caráter é entendido na sua concepção original, ou seja, não há falta de ética em Macunaima, pelo contrário, a perda de caráter é a desconstrução dos valores ocidentais pela busca da identidade brasileira na diversidade (em busca da Muiraquitã). As músicas selecionadas, o reviver mitológico, os saberes ancestrais e as conexões contemporâneas efetivam no espetáculo mais um sonho: educar com a consciência Terrana, entendendo todas as formas de vida em comunhão e sem hierarquias. Mais uma incrível conquista do Iracema, Evoé e vida longa à EMD!

Rafaela Pucca  
Atriz e educadora



O espetáculo me causou grande comoção. Os temas tratados em cena eram muito fortes e rotineiros, desde a vida e sofrimento de pessoas em situação de rua, frente à indiferença de outrem, até a extinção de povos originários e de seus saberes e terras sagradas. A dança, a música e a expressão corporal dos jovens teceram com delicadeza e poesia a trama de assuntos sérios que devem ser urgentemente notados. Chorei de emoção, de alegria e de tristeza, vendo a força e a coragem dos jovens ao retratarem tais temas. Me arrepiei, sorri e cantei junto com tantas músicas conhecidas e que são, além de poesia, um grito de aviso. Vi a dança como forma de expressão, senti as mensagens que eram passadas nos olhos e na pele. Durante todo o espetáculo, me deparei refletindo o quanto a escola Iracema Nogueira é uma ferramenta potente de formação e, sobretudo, salvação de tantos jovens da cidade. Quisera eu, quando criança, ter tido acesso a uma escola tão maravilhosa e potente.

Barbara Miglioli  
Farmacêutica e batuqueira

Sob a coordenação artística de Geórgia Palomino, o espetáculo final de 2022 vem arraigado do revisitado Araraquara, nossa cidade quente, terra do Sol, dourada e que foi inspiração para a escrita de Macunaima e sob a ode desse anti-herói se levantam heróis brasileiros, do dia a dia, no palco-desbunde da EMD.

Os elementos cênicos mutáveis transformam cubos metálicos em edifícios, abrigos, ruas, se transformam em versos, em prosas e suspendem o tempo.

O espetáculo inicia mansinho, trazendo os elementos oníricos mitológicos, depois adentra para um organismo vivo denso chamado cidade, a mesma que nos acolhe, nos impulsiona e que às vezes nos repele. O espetáculo traz reflexões sociais necessárias e emergentes, tais como o aumento da população em situação de rua e de maneira empírica nos mostra a reflexão sobre "transitório", pois o estar população em situação de rua não pode e nem deve ser algo perpétuo. O espetáculo é brilhantemente conduzido dentro de nossos sentidos, literalmente, até o olfato foi chamado pelo cheiro de queimada cênica que nos sufocou (metaforicamente) e fez o público chorar com as mortes das árvores.

O espetáculo nos impõe a máxima do século XXI: não haverá vida se não houver meio ambiente e isso nos atravessa pela arte, essa mãe fértil, atingível, etérea de nossas existências. A ARTE, sempre ela, que nos arrebatou e que sempre nos mostra quão necessária é. Ferreira Gullar já dizia: "A arte existe porque a vida só não basta" e que bom, que bom existir a EMD e, dessa forma, vamos adiando o fim do mundo e reflorestando nossas mentes.

Fabiana Virgílio  
Atriz, advogada e vereadora

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda N. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Cia da Letras, 2019.
- ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.
- ARARAQUARA. **Lei nº 9.344, de 15 de agosto de 2018**. Institui o Programa Municipal Territórios em Rede e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 2018. Disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/9344/Arquivos/1>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- ARARAQUARA. **Lei nº 5.899, de 09 de setembro de 2002**. Institui a Escola Municipal de Dança "Iracema Nogueira" e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2002/590/5899/lei-ordinaria-n-5899-2002-institui-a-escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BRANDÃO, Ana Elizabeth Simões. **A arte como tecnologia educacional**. 2015. 258f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm). Acesso em: 23 out. 2022.
- DINATO, Daniel. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. **MODOS**. Revista de História da Arte, Campinas, v. 3, n. 3, p. 276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>. Acesso em: 24 maio. 2022.
- ESBELL, Jaider. Makunaima, meu avô em mim! **Illuminuras**. Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/85241>. Acesso em: 20 abr. 2022.
- ESBELL, Jaider *et al.* Makunaimã – o mito através do tempo. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 13 set. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/09/13/makunaima-o-mito-atraves-do-tempo/>. Acesso em: 18 maio. 2022.
- ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA "IRACEMA NOGUEIRA". **Plano Político Pedagógico (2022-2024)**. Araraquara: EMD, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GERMANO, Beta. Re-Antropofagia, de Denilson Baniwa, de 2018. **Artequeacontece**. [S. l.], 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.artequaeacontece.com.br/a-semana-de-22-mario-de-andrade-e-as-ideia-de-brasilidade/>. Acesso em: 24 maio. 2022.
- GIL, Gilberto. Refloresta (part. Gilsons e Bem Gil). In: LETRAS.MUS.BR. [S. l.]: 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/refloresta-part-gilsons-e-bem-gil/>. Acesso em: 29 maio. 2022.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de criação. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo-RS, v. III, n. 2, p. 65-74, dez. 2001.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MARQUES, Isabel. A dança no contexto e os novos contextos da dança. In: SANTAELLA, Lucia; MOTTA, Everson (org.). **Dança sob o signo do múltiplo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.
- MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança: arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2010.
- MARQUES, Isabel. Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade. In: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.). **Lições de Dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004. p. 135-160.
- MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- PIRES, Gilsamara Moura Robert. **O corpo da multidão aprende a se comunicar: políticas públicas para dança em Araraquara de 2001 a 2008**. 2008. 177f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008.
- RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. In: CONGRESSO CIENTÍFICO DA ANDA, 6., 2021, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Campinas: Galoá, 2021. p. 666-678.
- RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação. **Rev. Exitus**, v. 9, n. 4, Santarém/PA, out./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso): Acesso em: 03 maio. 2022.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: Construção da obra de arte**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.
- SILVA, Luciane Ramos. A dança dos outros – Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do**

# Anexos

## ANEXO A - Roteiro do Espetáculo

### MAKUNAIMA- Reflorestando mentes

1h23min.

**Cenário:** Ao fundo, duas estruturas revestidas de folhas de coqueiros como pilastras e a rede, estrutura menos deitada com a tela desenhada a banheira. Abre a cortina, fumaça no palco.

#### PROJEÇÃO 1 Akuly e Theodor

Narração voz de Makunaima

#### PROJEÇÃO 2

**1. Sonho de Mário de Andrade** (2'47) - 1º I e 2º II 16 estudantes (profs. Pamela e Liliانا)

#### CENA

**2. Rató a cobra mítica e a cobra de metal** - 6º II (prof. Carlinhos)

**B.O** - Macunaima vira as estruturas que se transformam no túnel

**3. Metrô** (3'53) - 1º II e III 25 estudantes (profs. Paulinha e Daniela)

#### PROJEÇÃO 3

**4. Macunaima** (3'42) - 6º II 3 estudantes (prof. Ana Paula)

**CENA:** Operários

**5. Floresta de concreto** - Operários 1º II e III 25 estudantes (profs. Renato e Vivian)

#### CENA

**NARRAÇÃO** E ANDREY - LIBRAS

**CENA:** Crianças entram nos prédios

**6. Cada um por si** - 2º IV 15 estudantes (profs. Canela e Dani)

**CENA:** Pessoas em situação de rua

**7. Invisíveis** - 3º II e III 21 estudantes (profs. Ana e Dani)

**CENA:** Comunidade

**8. Comunidade** - 2º III 12 estudantes (profs. Paulinha e Jana)

#### BO

SOBE LUZ

**9. Enchente** - 2º I e 3º I 15 estudantes (profs. Henrique e Canela)

**CENA:** Empresários

**10. Quanto Vale?** - 4º II e 5º II (profs. Jana e Canela)

**CENA:** floresta

FUMAÇA

**11. Desmatamento** 7'47 - 4º I e 5º I 19 estudantes (profs. Aline e Lili)

FUMAÇA DE MATO QUEIMADO É SOLTA NOS VENTILADORES

**CENA: Macunaima**

**12. Demarcação já! 4'00** - 6º II 17 estudantes (Jana)

**CENA** Macunaima desfaz o "Monumento às bandeiras"

FUMAÇA

**CENA TRANSMUTAÇÃO** de Macunaima

FUMAÇA

**13. ENCONTRO** de Macunaima e Makunaima- 6º I e II (profs. Renatinha e Ana Paula)

NARRAÇÃO

**14. Makunaimã** 6º II - 16 estudantes (prof. Renatinha)

**CENA:** Som de maracas Piamã

FUMAÇA

**15. Pia-imã** o preparador de XAMÃS - 5º II 7 estudantes (prof. Canela)

FUMAÇA

**16. A cura** (6'00) - Núcleo de Formados e Formandos (prof. Carlinhos) D.C

LANÇA AROMATIZADOR DE AMBIENTE CHEIRO DE FLORES

**PROJEÇÃO 4** - Wazaká

**CENA:** Makunaimas

NARRAÇÃO

**PROJEÇÃO 5** - Árvore dos excessos

**CENA** Makunaimas cortam a árvore

#### B.O

**19. Florescer** (prof. Carlinhos)

**20. Apoteose / Refloresta** 10 TURMAS



Imagem 83

## Equipe da Escola Municipal de Dança

**Diretora Escolar:** Vanessa C. C. de Santana  
**Coordenadora pedagógica:** Lucia Krepski  
**Coordenadora técnica/artística:** Geórgia Palomino

### Educadores:

**Artes Visuais:** Denise Ianusckievicz Torres e Maza Tidei

**Audiovisual:** Inaiá Braghini

**Balé clássico:** Carlos Fonseca, Liliana Jóia e Paula Delbon

**Capoeira:** Henrique Bisetto e Rodrigo Canela

**Dança contemporânea:** Ana Paula Picco, Carlos Fonseca e Renata Pestana

**Danças Urbanas:** Aline Escamilha, Janayna Marcatto e Vitão Dancer

**Música:** Priscila Lopes e Renato Cabrini

**Sapateado:** Aline Escamilha, Janayna Marcatto e Vivian Tavares

**Teatro:** Dani Lázaro e Pamela Pires

**Agente administrativo:** Rosemara Alves Penha

**Agentes educacionais:** Ivani Rocha, Lilian Pirolla e Nelma Falcoski

**Agente escolar:** Lidiane Sant'anna Campos

**Agente operacional:** Adriana Cristina Veltri, Fábio Cesar Marcelino

**Agente social:** Maria de Lourdes Peres Tossato, Marisa dos Santos Antônio, Marco Túlio da Silva Ferreira.

**Serviços gerais:** Maria Lúcia Gonçalves de Brito

**Zeladora:** Telma Suely da Silva



ESCOLA MUNICIPAL  
 DE DANÇA  
 "IRACEMA NOGUEIRA"

Av. Vicente Jerônimo Freire, 22 - Vila Xavier

## PARTE II – PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

### 2.1 ARTIGO: AÇÕES ARTÍSTICO-EDUCACIONAIS NA CRIAÇÃO DE MAKUNAIMA- REFLORESTANDO MENTES: ESPETÁCULO DE DANÇA DA ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA DE ARARAQUARA-SP

Geórgia Rita Palomino (UFBA)

**Resumo:** Este artigo apresenta reflexões sobre os processos artísticos/pedagógicos na criação do espetáculo de dança **Makunaima: reflorestando mentes**, realizado no ano letivo de 2022 na Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira – EMD, na cidade de Araraquara, São Paulo. Os processos abordaram a Arte/Dança enquanto tecnologia educacional (Brandão, 2014), indagando sobre as possibilidades de promover, através de diferentes estratégias, bem como da criação coletiva e colaborativa do espetáculo, uma ação artístico-educacional mais dialógica, horizontalizada e decolonial. Essa experiência integrou a pesquisa desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança – PRODAN/UFBA. Quanto à abordagem metodológica, escolhemos a pesquisa qualitativa, de natureza implicada (Rangel *et al.*, 2021) e a Crítica de Processos (Salles, 2006). Estas nos possibilitaram articular e analisar relações entre os vestígios documentais do processo, testemunho e registros de experiências das pessoas participantes da comunidade escolar e referenciais teóricos que possibilitaram o processo de ensino-aprendizagem, voltado para a criação artística no âmbito escolar. Assim, formaram a base conceitual dessa pesquisa autores e pesquisadores das áreas das Artes, Dança e Educação, tais como Brandão (2014), Martins (2021), Marques (2020), Rufino (2019), Silva (2019), Hooks (2013), Salles (2006) e Freire (1967). Os desdobramentos desses processos contemplaram campos conceituais, procedimentais e atitudinais, potencializaram protagonismo, alteridade, solidariedade e ampliaram habilidades e saberes. Possibilitaram, da mesma forma, posicionamentos críticos, estéticos e políticos, à uma reflexão sobre as estratégias que sensibilizam para uma educação emancipatória, que contribuiu na formação de pessoas cidadãs cientes e comprometidas com transformações sociopolíticas-culturais, condições essas essenciais à emancipação social.

**Palavras-chave:** Dança; Educação Pública; Processos artístico/pedagógicos; Espetáculo.

**Abstract:** This article presents reflections on artistic/pedagogical processes in the creation of the dance show **Makunaima: reforesting minds**, held in the 2022 school year at the Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira – EMD, in the city of Araraquara, São Paulo. The processes addressed Art/Dance, as an educational technology (Brandão, 2014), inquiring about possibilities of promoting, through different strategies, and the collective and collaborative creation of the show, an artistic-educational action, more dialogical, horizontal and decolonial. This experience was part of the research developed in the master’s degree of the Professional Postgraduate Program in Dance – PRODAN/UFBA. As for the methodological approach, we chose qualitative research, of an implied nature (Rangel *et al.*, 2021) and

Process Criticism (Salles, 2006), as it allowed us to articulate and analyze relationships between the documentary traces of the process, testimony and records of experiences of the participating people, the school community and theoretical references that enabled the teaching-learning process, focused on artistic creation, within the school environment. Thus, the conceptual basis of this research was formed by authors and researchers in the areas of Arts, Dance and Education, such as Brandão (2014), Martins (2021), Marques (2020), Rufino (2019), Silva (2019), Hooks (2013), Salles (2006) and Freire (1967). The developments of these processes covered conceptual, procedural and attitudinal fields, enhanced protagonism, otherness, solidarity, expanded skills and knowledge; they enabled critical, aesthetic and political positions, supporting a reflection on strategies that raise awareness of an emancipatory education, which contributed to the formation of citizens who are more aware of and committed to sociopolitical-cultural transformations, conditions that are essential to social emancipation.

**Keywords:** Dance; Public education; Artistic/pedagogical processes; Show.

## 1 INTRODUÇÃO

Esse artigo apresenta a pesquisa realizada no período entre os anos de 2021 e 2024, momento em que estive mestranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia – PRODAN/UFBA e que exerci concomitantemente a função de coordenadora técnica/artística da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” – EMD, no ano de 2022. Tenho 29 anos de experiência como artista-docente e sou educadora especialista em Balé Clássico na Educação Básica do Ensino Fundamental II na EMD desde 2017. Por estar, na ocasião de 2022, no cargo de gestão na EMD, minha função foi propor ações artístico-educacionais para a criação e a produção do espetáculo que encerrou o ano letivo daquele ano.

Desse modo, a partir desse imbricamento das vivências no PRODAN/UFBA e na EMD, vi a oportunidade de refletir, a posteriori, sobre os processos de ensino-aprendizagem da Arte/Dança desenvolvidos na Escola Municipal de Dança de Araraquara, na criação do espetáculo: **Makunaima<sup>8</sup>: Reflorestando Mentes**, no ano de 2022. Para tanto, realizei a pesquisa tendo como fontes documentos, registros do

---

<sup>8</sup> Makunaima com k é a grafia correta do nome do mito indígena e possui três tipos de pronúncia, a depender da etnia indígena e/ou da região, são elas: *Makunaimã*, *Makunaimii* e *Makunaíma*. Macunaíma, personagem do livro de Mário de Andrade, foi erroneamente escrito e acentuado pelo escritor, pois este extraiu o nome do mito do livro em alemão **Von Roraima zum Orinoco** (1924) do etnólogo Theodor Koch-Grünberg.

processo e resultado da criação artística e outras memórias e/ou vestígios, da experiência na/com a escola.

Com esse artigo pretendo sistematizar e compartilhar reflexões sobre a pesquisa. Optei por uma pesquisa participante de abordagem implicada (Rangel; Aquino; Rocha, 2021), uma vez que, enquanto pesquisadora, estive participante ativa e propositiva no processo artístico/pedagógico da EMD. É também uma pesquisa inspirada na Crítica do Processo (Salles, 2006), na qual os vestígios dos processos artísticos/pedagógicos e as redes estabelecidas na criação artística, são fontes de dados e contextos de análise. Nesse artigo, estratégias foram utilizadas como forma de reconhecer o ensino-aprendizagem em Arte/Dança como tecnologia educacional (Brandão, 2014), capaz de promover, através da transversalidade educacional e das redes, as transformações conceituais, procedimentais e atitudinais das pessoas implicadas e conseqüentemente da tessitura social que as envolve.

As proposições e as ações artístico-educacionais mencionadas acima, foram realizadas pela comunidade escolar, em processo de criação colaborativa, e surgiram das necessidades e dos desejos da equipe da EMD de buscar uma educação que envolvesse e convocasse as/os estudantes a experienciarem, de modo integral e coletivo o processo de ensino-aprendizagem e a criação do espetáculo, como possibilidade de novas formas de convivência aprendido e de transformação mútuas. Para isso, almejamos abordagens educacionais de caráter inter e multi e transdisciplinares a partir da composição de redes de conexões com outras instituições educacionais e culturais e com artistas independentes.

Para que essas abordagens se coadunassem com questões pertinentes da sociedade brasileira, usamos como mote o Centenário da Semana de Arte Moderna<sup>9</sup>, seus desdobramentos e influências, nos aspectos artísticos, sociopolíticos, culturais e ambientais. Devido à estreita relação da cidade de Araraquara com o escritor modernista Mário de Andrade, e com sua obra ícone **Macunaíma: um herói sem nenhum caráter** (1928), fez-se o elo com o herói dos povos originários Makunaima para conduzirmos nossas ações artístico-educacionais para a criação do espetáculo.

Nessa pesquisa, dialoguei com conceitos e noções tecidos por pesquisadores nas áreas das artes, da dança e da educação, tais como: Bell Hooks (2013), Paulo

---

<sup>9</sup> A Semana de Arte Moderna de São Paulo foi um evento artístico-cultural ocorrido entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, no Theatro Municipal de São Paulo.

Freire (1967), Ana Elizabeth Simões Brandão (2014), Isabel Marques (2020), Leda Maria Martins (2021), Luciane Ramos Silva (2019), Luiz Rufino (2019), entre outros.

Os caminhos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa, pautaram-se principalmente na Crítica de Processo proposta por Cecília Almeida Salles (2006), para um necessário mergulho reflexivo nas etapas, nuances, rastros, reverberações da complexa rede de conexões e sua dinamicidade, estabelecida no processo de criação e produção do espetáculo **Makunaima: reflorestando mentes**. Para tanto, buscou-se investigar o percurso criativo da obra através da articulação entre variados registros documentais do processo, como fotos, vídeos, documentos, trabalhos das/dos estudantes e relatos de experiência.

Foi então a partir da perspectiva emancipatória do ensino da Arte/Dança, enquanto processo de criação de espetáculo, que o planejamento da EMD estruturou seu plano pedagógico para 2022. Teve como tema **Inverso-reverso: Reverberações do Modernismo na contemporaneidade**. Mergulhamos, sobretudo, no que o movimento modernista de 1922 trouxe acerca das pautas étnico-raciais e identitárias para o Brasil<sup>10</sup>. Dessa maneira, por meio do encontro de duas obras e de seus personagens – a saber, os livros **Macunaíma – o herói sem nenhum caráter**, de Mário de Andrade<sup>11</sup> (1928) (Andrade, 2022), e **Makunaima, o meu avô em mim!** de Jaider Esbell<sup>12</sup>, de 2018 – que o desenvolvimento dessas pautas ocorreu.

Tais obras conduziram as pesquisas e estudos na escola, os quais resultaram aprofundamentos nas culturas, saberes e filosofias indígenas, mas principalmente no (re)conhecimento de suas lutas, atravessadas pelas visões desses autores, de universos, tempo e espaços distintos. Segundo Esbell (2018), Makunaima, o mito da eterna transformação, escolheu estrategicamente ser perpetuado no livro de Mário de Andrade para que pudesse atravessar os tempos e trazer à tona questionamentos sobre as construções das identidades brasileiras e os diversos apagamentos históricos promovidos pelo colonialismo.

Para o estudo e aprofundamento da comunidade escolar sobre os universos das obras citadas, foi estabelecido diversas conexões com pessoas, instituições educacionais e culturais numa rede de saberes, e afetos que se inter-relacionaram e

---

<sup>10</sup> 2022 marca o ano do Centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo.

<sup>11</sup> Mário de Andrade (1893-1945), paulista, foi um poeta, contista, cronista, romancista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro.

<sup>12</sup> Jaider Esbell (1979-2021), roraimense, foi um escritor, artista, arte-educador, geógrafo e curador brasileiro e um ativista dos direitos indígenas.

retroalimentaram, resultando um profícuo experimento coletivo. Esse movimento considerou a implicação das pessoas participantes e a sensibilização delas para que emergisse um senso de coletividade e um ambiente no qual estivessem presentes a alteridade e a solidariedade, princípios ativos dos povos indígenas, que, segundo Marques (2020), são essenciais ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

É importante destacar que a Escola Municipal de Dança de Araraquara, criada em 2002, em seus 21 anos de existência, tem se configurado enquanto um importante espaço público educacional de resistência e de firmes posicionamentos políticos, considerando o projeto político e a implementação, sobre os quais discorrerei nas próximas seções. Além disso, observamos, ao longo desses anos, que temas anuais elegidos para a constituição do Plano Político Pedagógico da escola e suas produções artísticas, estão sempre concatenados com temas relevantes da contemporaneidade que visam à formação de crianças e jovens em cidadãos/ãs cientes, críticos e autônomos.

## **2 A ESCOLA QUE DANÇA**

Na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, há um núcleo importante de monumentos históricos, os quais são o marco do desenvolvimento urbano e econômico da cidade e integram alguns de seus cartões-postais: a antiga estação da Estrada de Ferro da Ferrovia Paulista S/A (FEPASA), a Igreja Matriz de São Bento e o antigo barracão da FEPASA, o “rapa”, que era um mercado para seus funcionários. Hoje, este último cartão-postal revela a sede da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”<sup>13</sup> – EMD, que segue transformando histórias e vidas.

---

<sup>13</sup> A reforma do barracão da FEPASA pela comunidade escolar foi conquistada na plenária do Orçamento Participativo Municipal e sua inauguração se deu em 09 de abril de 2010.

**Imagem 2** – Foto da fachada da sede da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”



**Foto:** Inaiá Braghini (2017).

**Fonte:** Arquivo da EMD.

A EMD surge, em 2002, de um projeto de política público-cultural, de autoria da artista da dança araraquarense professora Dra. Gilsamara Moura. Esse projeto propõe, nos seis anos de formação da criança<sup>14</sup>, o diferencial de uma educação não hegemônica em/para/pela Arte/Dança, prezando pautas e questões pertinentes da contemporaneidade, à construção de uma cidadania cultural.

Por esses propósitos serem inovadores, frente ao modelo de educação tradicional de não valorização da arte/dança enquanto processo educacional, vigente em Araraquara até então, houve um movimento conservador na cidade que criou grandes obstáculos para sua viabilização. Apesar disso, e após muita luta (Pires, 2008), foi instituída, sob a lei nº 5.899 de 09 de setembro de 2002 (Araraquara, 2002), a criação da EMD como um órgão vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Fundação de Arte e Cultura do Município (FUNDART), sendo transferida em 2006 para a Secretaria Municipal da Educação, na qual permanece até a atualidade como parte do Programa de Educação Integral<sup>15</sup>.

Portanto, o atendimento EMD ocorre no contraturno da escola regular, sendo possível o ingresso de estudantes de qualquer segmento educacional, tanto público quanto privado. Destacam-se as diversidades socioeconômicas, culturais e

<sup>14</sup> Ingressam na EMD crianças matriculadas no 4º e 5º ano, do Ensino Fundamental (entre 9 e 10 anos de idade), e terminam suas formações quando então estão no 9º ano do Ensino Fundamental e/ou no 1º ano do Ensino Médio (entre 13 e 15 anos).

<sup>15</sup> O Programa de Educação Integral é composto por 46 unidades escolares do Ensino Infantil, os Centros de Educação e Recreação – CERS, 14 Escolas do Ensino Fundamental – EMEFs e 12 Centros Educacionais. Estes últimos são formados por 2 unidades nas quais já está implementado o ensino integral, 4 EMEFs que atendem os estudantes das próprias unidades no contraturno do ensino regular e outras 6 unidades que também funcionam no contraturno do ensino regular e atendem a população em geral.

educacionais<sup>16</sup> na sua população e o fato de a maior parte dos estudantes ser predominantemente formada por pessoas advindas do ensino público municipal e das periferias de Araraquara, de acordo com o Programa Municipal Territórios em Rede<sup>17</sup>, que afirma os propósitos iniciais da EMD de democratização às Artes.

Hoje, a Escola Municipal de Dança – EMD é uma das unidades dos Centros Educacionais, voltada ao ensino e à aprendizagem das Artes, com ênfase na Dança como principal área do conhecimento. Seu currículo é diferenciado, com componentes em áreas e linguagens artísticas, tais como: dança contemporânea, balé clássico, sapateado, videodança, capoeira, teatro, música, artes visuais, processo de pesquisa e criação e socioemocional. Seu espaço físico é adaptado ao ensino de Artes/Dança e desde 2022 o corpo docente da escola é constituído por professores especialistas na área de Artes.

Quando assumi o cargo de coordenadora técnica/artística da EMD<sup>18</sup>, proponho pensarmos estratégias que envolvessem mais efetivamente a comunidade escolar e que se ampliasse nossas conexões colaborativas para além dos muros da escola, para a criação do espetáculo de dança **Makunaima: Reflorestando Mentos**. coadunando com o pensamento de Marques (2010, p. 224), quando aponta que “criar é justamente a possibilidade de (re)inventar processos, de (re)configurar estruturas, de (re)ordenar o já conhecido, de (re)fazer e de (re)contextualizar situações”. Buscamos, então, que essa criação possibilitasse um processo educacional de forma , pluricultural, colaborativa, horizontal e dialógica (Rufino, 2019) para a promoção de uma educação emancipatória pela/para/em Arte/Dança.

Dito isso, a ideia central do espetáculo foi ganhando contorno na retroalimentação conforme foi se desenvolvendo o processo artístico/pedagógico na escola, que teve como mote o tema do Plano Anual<sup>19</sup> da EMD: **Inverso-reverso-Reverberações do Modernismo na Contemporaneidade**, vindo a convergir com o tema proposto pela Educação Integral do Município de Araraquara: **Tecendo**

---

<sup>16</sup> Segundo o diagnóstico do Projeto Político Pedagógico de 2022/2004 (EMD, 2022, p. 7), 52% dos estudantes são oriundos do ensino regular de escolas estaduais, 38% de escolas municipais e 9,5% de escolas particulares.

<sup>17</sup> O Programa Municipal Territórios em Rede foi instituído por meio da lei nº 9.344 de 15 de agosto de 2018 (Araraquara, 2018).

<sup>18</sup> Estive no cargo de coordenadora técnica/artística entre março de 2022 e maio de 2023.

<sup>19</sup> O Plano Anual Pedagógico da unidade escolar é um documento que registra o planejamento didático-metodológico das ações artístico-educacionais que são desenvolvidas no ano letivo, além de apresentar dados e diagnósticos sobre metas e objetivos educacionais da unidade.

**Horizontes: fazer-sentir-pensar para reencantar o mundo**<sup>20</sup>. Para tanto, elaboramos o Plano Pedagógico como vemos na tabela abaixo:

**Tabela 1 – Planejamento pedagógico do ano letivo de 2022 da EMD**

Módulos	Meses	Objetivos Específicos
Módulo I:  “Traços do Modernismo nas identidades”	Março, Abril, Maio e Junho.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisar e desenvolver painel de tempo espiralar;</li> <li>• Desenvolver noções prático/teóricas de Corpo-lugar-memória;</li> <li>• Identificar traços modernistas ao longo da História;</li> <li>• Relativizar cultura erudita, popular e de massa;</li> <li>• Relacionar e problematizar movimentos artísticos/culturais, vanguardistas (legitimados) e periféricos (invisibilizados);</li> <li>• Identificar apagamentos históricos nos movimentos artísticos/culturais;</li> <li>• Problematizar a visibilidade, a valorização e o reconhecimento de artistas, sob uma perspectiva étnico-racial e de gênero;</li> <li>• Definir conceito de representatividade.</li> </ul>
Módulo II:  “(Re) Antropofagia”	Ago., Set., Out. e Nov.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Continuar a desenvolver o painel de tempo espiralar;</li> <li>• Desenvolver, de modo prático/teórico e criativo, percepções sobre o conceito de antropofagia;</li> <li>• Identificar traços do Modernismo na atualidade;</li> <li>• Promover, através do fazer/pensar/sentir, processos criativos, na perspectiva de (re)antropofagia.</li> <li>• Criar e produzir espetáculo, coletivo e colaborativo, de maneira dialógica e horizontal;</li> <li>• Avaliar o processo artístico/pedagógico de ensino-aprendizagem no constructo de novos saberes.</li> </ul>

Fonte: EMD (2022, p. 4-5).

Por meio da observação dos objetivos almejados pela equipe da EMD inseridos nessa tabela, verificamos vários conceitos que vão além do conteúdo pretendido quando abordamos temas pertinentes aos sujeitos implicados e a questões da sociedade contemporânea. Há também um chamamento a ações coletivas e colaborativas com as/os estudantes, buscando engajamento, alteridade e solidariedade.

### 3 INVERSO-REVERSO: EM BUSCA DE MAKUNAIMA

<sup>20</sup> O tema da Educação Integral foi elaborado coletivamente pelos coordenadores das unidades escolares com o objetivo de direcionar os processos pedagógicos nas unidades escolares e tem vigência de 2 anos.

Borbulharam pelo Brasil em 2022 eventos e atividades comemorativas em vários âmbitos culturais, educacionais, sociopolíticos que procuravam trazer à tona novos entendimentos sobre dois marcos históricos: os 200 anos da Independência do Brasil e os 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo e suas reverberações. Dessas atividades, destacamos os “contraeventos” de comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna que foram realizados pelos movimentos de artistas negros e indígenas, os quais reivindicam constantemente seus protagonismos e reconhecimento nas Artes ao realizarem ações que nos alertam sobre a necessidade e a urgência de reposicionamentos da sociedade diante da catástrofe colonial e cultural (Rufino, 2019), para que possamos romper com nossa herança colonial.

Coadunando com a proposta de uma educação decolonial, seguimos buscando “outras presenças, conhecimentos e gramáticas” (Rufino, 2019, p. 262), por novas perspectivas antirracistas e decoloniais, convergindo com a lei nº 11.645 de 10 de março de 2008<sup>21</sup> (Brasil, 2008). Encontramos, na obra do artista ativista indígena Denilson Baniwa, pistas para os caminhos para desenvolvermos nossa temática, citada anteriormente. Denilson, na pintura **Re-antropofagia** (Baniwa, 2018), deixa um bilhete ao lado da cabeça decepada de Mário de Andrade/Grande Otelo<sup>22</sup> com a seguinte mensagem:

Aqui jaz o simulacro Macunaíma, jazem juntos a ideia de povo brasileiro e a antropofagia temperada com *bordeaux* e *pax mongólica*. Que desta longa digestão renasça Makunaimê e a antropofagia originária que pertence a nós, indígenas (Baniwa, 2018 *apud* Dinato, 2019, p. 278, grifos do autor).

A pintura de Baniwa pode ser conferida na imagem a seguir.

---

<sup>21</sup> A Lei nº 11.645 de 2008 altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

<sup>22</sup> Grande Otelo (1915-1996), nascido em Uberlândia-MG, foi um ator, comediante, cantor, produtor e compositor. Ele representou o personagem Macunaíma na primeira fase do filme **Macunaíma** (1969) de Joaquim Pedro de Andrade.

**Imagem 3** – Pintura da Obra “Re-antropofagia”, de Denilson Baniwa (2018)



Técnica mista.

Fonte: Germano (2021).

Essa obra de Denilson Baniwa foi um chamado a desconstrução de pensamento sobre o Modernismo que estava na figura de Mário de Andrade e, mais do que isso, revelou um ponto de partida, um “tema gerador” que aproximava e inseria a/os estudantes nesse universo temático, tornando-as/os sujeitos implicados na ação de modo dialógico para uma educação como prática de liberdade, ideias tão caras a Freire (1967).

Essa aproximação com o universo temático deu-se pela estreita relação de Mário de Andrade com Araraquara, pois ele esteve diversas vezes na cidade para visitar seu tio Pio Lorenzo Correa<sup>23</sup> na Chácara Sapucaia, lugar em que escreveu a obra literária ícone do Modernismo: **Macunaíma o herói sem nenhum caráter** (1928). Além disso, Mário foi nomeado patrono da Biblioteca Municipal que leva seu nome, quando doou mais de 600 obras do seu acervo pessoal.

<sup>23</sup> Pio Lorenzo Correa (1875-1957) foi um fazendeiro e autodidata naturalista, escritor e grande estudioso da língua portuguesa. Era o dono da Fazenda São Francisco, mais tarde conhecida como Chácara Sapucaia. Atualmente o local transformou-se no Centro Cultural Professores Waldemar Safiotti e Heileif Safiotti da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), e é aberto a visitas com exposição permanente sobre Mário de Andrade

**Imagem 4** – Desenho da Chácara Sapucaia, realizado por estudante



Fonte: arquivo da EMD (jun., 2022).

Esse elo foi essencial para os desdobramentos das ações artístico-pedagógicas que nos levaram à confluência de dois artistas e de suas obras: Mário de Andrade e o personagem de seu livro *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter e o artista Macuxi Jaider Esbell com a obra coletiva **Makunaimã – o mito através do tempo** (Esbell et al., 2019) e conseqüentemente com sua obra **Makunaima, o meu avô em mim!** (Esbell, 2018). A junção ocorreu onde passado-presente-futuro coexistem (Martins, 2021), surgindo assim o mote principal para a criação do espetáculo.

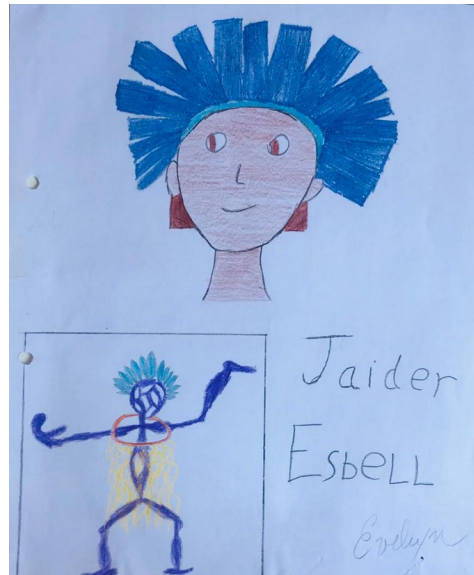
Foi dessa maneira que se deu o encontro dos netos de Makunaima na figura de Jaider Esbell, modo como ele denominava todos os descendentes do mito do Monte Roraima, com os netos descendentes de Macunaíma de Mário de Andrade, nós aqui de Araraquara.

**Imagem 5** – Desenho de Mário de Andrade, por Maria Clara de Souza



Fonte: arquivo da EMD (2022).

**Imagem 6** – Desenho de Jaider Esbell e releitura de sua obra “Makunaima”



Fonte: arquivo da EMD (2022).

Desses trabalhos realizados pelas/pelos estudantes, surgiu o mote para a criação do espetáculo, muitas outras pistas e contribuições derivaram das experiências coletivas realizadas por meio das ações artístico-educacionais e da grande rede de saberes que foi construída a partir dela. Segundo Brandão (2014, p. 19), tais ações são essenciais como “elemento ‘convocante’” para o trabalho coletivo e colaborativo que vise uma educação integral das pessoas dele participantes.

Essa referida rede foi criada a partir de diversas atividades teórico-práticas dentro e fora da escola, como passeios pedagógicos a exposições e a apresentações teatrais e de dança e intercâmbios com artistas, palestras e oficinas. Tais ações criaram um movimento dialógico que veio a contribuir para o engajamento e o envolvimento das/dos estudantes e da equipe da EMD, e serviu de inspiração e contribuição para a criação do espetáculo. Um desses movimentos resultou no que chamamos de “painel espiralar”, ou mapa artístico, que foi realizado com trabalhos sobre as impressões das/dos estudantes depois das aulas coletivas sobre o tema do espetáculo, como pode ser visto na imagem abaixo:

**Imagem 7** – Foto do painel espiralar ou mapa artístico

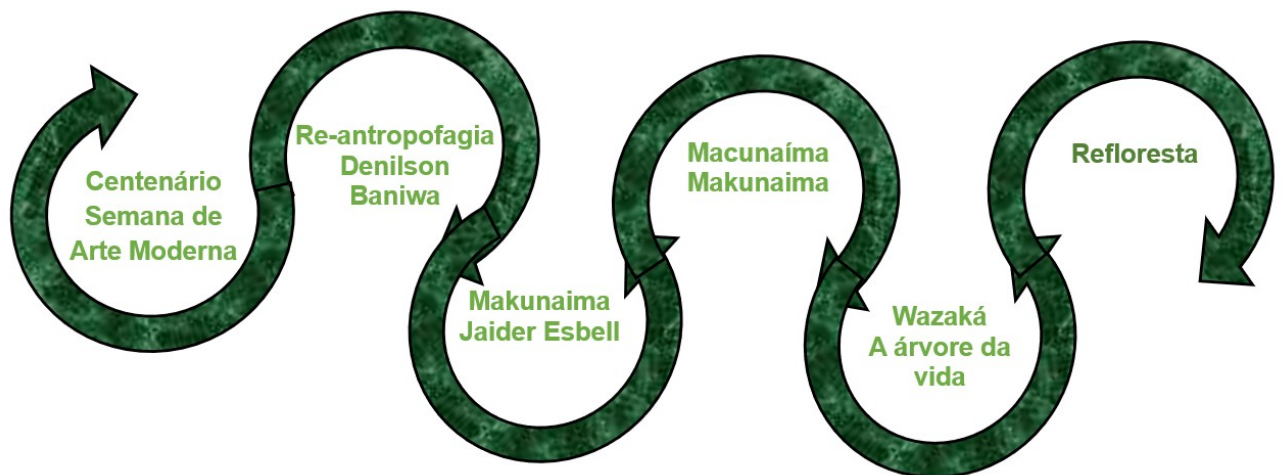


Fonte: arquivo EMD (2022).

### 3.1 PAINEL ESPIRALAR

O mapa artístico apresentado na Imagem 7 nos apontou caminhos para a criação do espetáculo na medida em que ele apresentava nos desenhos e escritos que o compunham personagens e questões como a exclusão de negros, indígenas e mulheres das artes e a emergência ambiental. Dessa forma, observamos, num primeiro momento, a efetiva participação das/dos estudantes no processo criativo, uma vez que o espetáculo trouxe essas temáticas para a construção do seu roteiro. Em seguida, foi esboçada uma trajetória para a elaboração do roteiro do espetáculo, definida pelo ideograma a seguir:

**Imagem 8** – Iconograma mostrando os temas-conceitos serpenteados para a construção do roteiro do espetáculo



Fonte: autoria própria (2022).

### 3.2 FIGURINO

Outro ponto importante da ação colaborativa foi a concepção do figurino, processo mediado pelo multiartista convidado Muca Rangeu<sup>24</sup>, que, em oficinas e vivências com a equipe e as/os estudantes, desenvolveu os figurinos coletivamente, como um enorme laboratório criativo. Uma dessas vivências foi particularmente marcante, pois impactou as relações interpessoais das turmas envolvidas, assim como observa o educador Rodrigo Canela<sup>25</sup> em relato colhido em março de 2023:

[...] as 2 turmas não tinham uma ligação muito forte entre elas. O processo da composição de figurino foi maravilhoso. Eu acho que foi um *start*. Nós fizemos um laboratório na lama, onde a gente tingiu os figurinos, e aí virou brincadeira, a gente rolou na lama. O que surgiu bastante forte é que, ao fazermos nosso figurino ali, essa interação causou uma transformação muito grande, principalmente nas turmas do 4º ano. Porque eles eram uma turma com a autoestima muito baixa, e essa experiência os despertou. Eles estão muito diferentes, ali foi o ponto de mudança do comportamento deles, para se sentirem capazes de estarem presentes, independente de corpos, de técnica, de padrões... Me marcou muito esse processo... mais até do que qualquer resultado cênico, apesar de ter sido muito bonito. Marcou muito essa transformação de atitude das turmas. E isso me chamou muita atenção. Eu gravo isso e vou gravar por um bom tempo. Acredito que eles também.

Essa parte do processo criativo, realizada de forma coletiva e lúdica, além das transformações interpessoais, proporcionou aos estudantes seus protagonismos, uma vez que eles foram convocados e inseridos numa etapa que até então ficava a cargo dos educadores e figurinistas. Para além disso, no fazer/pensar/sentir que a imersão propôs, houve uma maior compreensão da proposta do tema que a turma iria abordar, pois, segundo Martins, (2021, p. 23) as “inscrições oral e corporal [são] grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento. O que no corpo e na voz se repete é também episteme”. A Imagem 9 seguir é uma colagem de algumas fotos que mostram parte dessa imersão criativa, a qual foi sem dúvidas agregadora e transformadora.

---

<sup>24</sup> Muca Rangeu é figurinista, artista visual e arte-educadora de Araraquara. É graduada em Design de Moda pela Universidade de Araraquara, especializada em Cenografia e Figurino pela SP Escola de Teatro e CEO da marca de ecodesign e diversidades têxteis @dircefashion.eco, na qual desenvolve pluralidades manuais a partir de práticas que interseccionam criações plásticas e transmutação têxtil.

<sup>25</sup> Rodrigo Canela é educador físico formado pela Universidade de Araraquara (UNIARA) e professor de Capoeira na EMD.

**Imagem 9** – Fotos do laboratório de tingimento do figurino no barro, com Muca Rangu e estudantes do 4ºII e 5ºII



Fonte: arquivo da EMD (2022).

### 3.3 OUTRAS TESSITURAS CRIATIVAS

Várias outras ações como a descrita acima foram realizadas, as quais resultaram em uma grande tessitura criativa que trouxe outras grafias, moveres e narrativas para a escola, de modo a possibilitarem reflexões sobre identidades como quebra de estereótipos e de referências, pois nos empenhamos “na busca por epistemologias que irrompem com um *continuum* marcado pela colonialidade” (Silva, 2019, p. 92). Trouxemos outros corpos e outras danças e uma perspectiva de pesquisas afrorreferenciadas, as quais infelizmente não temos no nosso currículo

escolar, tais como: Técnica Silvestre<sup>26</sup> com Vera Passos<sup>27</sup>; Danças Afro-brasileiras com Rose Bárbara<sup>28</sup> e Chão de capoeira com Alisson Lima<sup>29</sup>.

Além dessas danças e seguindo a perspectiva decolonial do tema central do espetáculo, dialogamos com algumas obras e artistas: 1. o fotógrafo Sebastião Salgado e Lélia Wanick Salgado na exposição **Amazônia**, no SESC – Pompeia<sup>30</sup>, em São Paulo; 2. a obra **It Was Amazon**, de Jaider Esbell (2016); 3. alguns autores que participaram do livro **Makunaima – o mito através do tempo** (Esbell, 2018), como a antropóloga Deborah Goldemberg, o poeta e filósofo Marcelo Ariel<sup>31</sup> e o escritor e músico Cristino Wapichana<sup>32</sup>.

Diante dessas temáticas levantadas, concluímos que era relevante que as narrativas e as descrições do mito que aconteceriam no espetáculo fossem elaboradas por meio da intertextualidade com os textos de Jaider Esbell, nosso homenageado. Poderíamos assim, trazer de uma forma mais fidedigna as mensagens de seu avô Makunaima que tanto Jaider queria trazer à terra onde nasceu Macunaíma<sup>33</sup>. Dessa forma, contamos com mais uma parceria da atriz e cientista social, mestra em estudos de etnologia indígena, nossa parceira Rosana Silva, que nos auxiliou na elaboração do roteiro<sup>34</sup>.

Como demonstramos acima, nós da EMD nos respaldamos e nos inspiramos em muitos referenciais depois que constamos a intenção de desenvolvermos a temática indígena no espetáculo, na figura do mito do Monte Roraima. Uma dessas inspirações foi o movimento político-cultural de luta pelos direitos dos povos

---

<sup>26</sup> A Técnica Silvestre de Dança foi criada pela artista da Dança Rosangela Silvestre, Salvador – BA.

<sup>27</sup> Vera Passos é artista da Dança baiana, mestranda em Dança pelo PRODAN (UFBA). Licenciada em Dança (UFBA), é diretora do Silvestre Link Bahia e do Centro Cultural Somovimento.

<sup>28</sup> Rose Bárbara é artista da Dança baiana, mestre em Dança pelo PRODAN (UFBA). Licenciada em Dança (UFBA), é também especialista em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros pela Faculdade Olga Metting.

<sup>29</sup> Alisson Lima é pernambucano, bailarino, capoeirista, multi-instrumentista e pesquisador nas áreas de Dança-Educação e culturas populares. Atualmente é educador do Instituto Brincante SP.

<sup>30</sup> Realizamos um passeio pedagógico com alunos do 5º e 6º anos para São Paulo em junho de 2022.

<sup>31</sup> Deborah Goldemberg e Marcelo Ariel participaram de uma reunião on-line com a equipe da EMD em junho de 2022.

<sup>32</sup> Cristino Wapichana fez uma palestra para as/os estudantes e a equipe da EMD em novembro de 2022.

<sup>33</sup> Jaider Esbell declarou na *live* da leitura dramática do livro **Makunaima – o mito através do tempo**, em novembro de 2021, que fora convidado a realizar um trabalho na Chácara Sapucaia, o qual não aconteceu devido ao seu falecimento no dia seguinte à transmissão.

<sup>34</sup> Rosana Silva atualmente trabalha com as oficinas de Música e Artes Cênicas na Educação Integral da EMEF CAIC Vale do Sol, em Araraquara/SP. Trabalhou na EMD em 2009 lecionando aulas de Filosofia; em 2012, ministrou aulas de Relações/Educação Ambiental e, de 2018 a 2021, ministrou aulas de Teatro na referida escola.

originários, a chamada Marcha das mulheres indígenas em Brasília<sup>35</sup>, que teve como tema de 2021 **Mulheres originárias, reflorestando mentes para a cura da Terra**. Esse movimento veio ao encontro dos nossos ideais para o espetáculo e, portanto, dele surgiu o título de nossa apresentação: **Makunaima: Reflorestando Mentes**.

Observamos, dessa forma, que diversas pessoas somaram esforços conosco nessa ciranda criativa, junção que resultou em uma grande fruição de saberes, vivências e afetos. Então, coube à equipe diretiva e de educadores juntamente com as/os estudantes alinharem todas essas informações, para assim construirmos em 2 meses o espetáculo. A produção contou com 160 estudantes, 16 educadores, 3 gestores, 3 agentes educacionais, 2 figurinistas, 1 roteirista e foi apresentada 8 vezes<sup>36</sup>, somando cerca de 1.500 expectadores presencialmente e 2.000 virtualmente.

Embora não possamos indicar o real impacto, bem como os desdobramentos e as reverberações que a experiência do espetáculo ocasionou na vida dessas pessoas, houve um grande alcance não só de público como de pessoas envolvidas. Como nos relembra Bondía:

[...] a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer” (Bondía, 2002, p. 28).

Foi precisamente a partir dessa “abertura para o desconhecido” de que fala Bondía que muitas trocas, emoções e realizações aconteceram. Quiçá tenhamos sensibilizado as pessoas e reflorestado corpomentes para um futuro mais sustentável, horizontalizado e respeitoso com os verdadeiros detentores da sabedoria ancestral: os povos originários. É na seção que segue que o/a leitor/a encontrará algumas dessas reflexões.

---

<sup>35</sup> A Marcha das mulheres indígenas em Brasília foi organizada pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (Anmiga), ocorrida entre 7 e 11 de setembro de 2021 e contou com cerca de 4 mil mulheres, de 150 povos indígenas, com diversas atividades no espaço da Fundação Nacional de Artes (FUNARTE), em Brasília-DF, mulheres essas que reivindicavam os direitos dos povos originários e a luta contra o “Marco Temporal”.

<sup>36</sup> Dentre essas 8 apresentações, 2 delas foram realizadas para as famílias e convidados, transmitidas ao vivo pelo canal do YouTube da EMD. As outras 6 apresentações foram para outras unidades do ensino integral. Para acessar o link da apresentação: <https://www.youtube.com/watch?v=CVhZF4sSdnY>.

#### 4 REFLORESTAR CORPONENTES: UM PROCESSO

A importância da reflexão do processo de criação e da sua extensa e complexa rede de conexões é fundamental para o entendimento do espetáculo (Salles, 2006). Como um produto, ele não foi um fim a ser alcançado, mas sim um meio para a promoção de uma educação emancipatória e solidária, com explícitos posicionamentos políticos.

Constatamos que, tanto no processo quanto no espetáculo, foi realizada uma estreita relação e imbricamento entre passado-presente-futuro, cidade-floresta e os netos de Makunaima e Macunaíma. À medida que essas relações ganharam mais complexidade, evidenciou-se o entorno, ou seja, pudemos nos aprofundar numa melhor compreensão do contexto sociopolítico-cultural-econômico do Brasil nesses repetidos ciclos históricos de caos, desigualdades e injustiças que assolam nosso país desde a colônia.

Em vista disso, são importantes os posicionamentos políticos da sociedade e na escola, principalmente em relação a questões indígenas. Por isso a figura de Makunaima como um estrategista atravessando o tempo-espaço e impresso “na capa daquele livro” de Mário de Andrade (Esbell, 2018, p. 16), convocando-nos para manifestar união e ser ouvido. Makunaima faz um chamamento à sensibilização das pessoas em relação à emergência da responsabilização sobre questões indígenas e ambientais e à preservação e resgate dos saberes das florestas e dos seus guardiões – os povos indígenas. Dessa forma, podemos vislumbrar, segundo Krenak (2022, p. 11), novas possibilidades do devir, sendo o “futuro ancestral”.

Nas narrativas construídas no espetáculo, emergiu a vontade de resgatarmos a necessidade de uma identificação do outro em si para o despertar de um necessário senso de unidade. É precisamente por essa unidade que, por meio da sabedoria e da força da existência e resistência dos povos originários, podemos alcançar alteridade e solidariedade como uma potente forma mais democrática e equitativa de ser/estar no mundo (Marques, 2020), para então poder transformá-lo.

O reconhecimento do outro em si e o senso de unidade foram elucidados através das escolhas dos personagens-protagonistas Macunaíma e Makunaima com

representações coletivas e múltiplas. O primeiro, representado pelas 3 estudantes da Imagem 10, logo abaixo, foi concebido por Ana Paula Picco<sup>37</sup> (2023):

**Imagem 10** – Cena de Macunaíma na cobra de metal



**Coreografia:** “A cara do Brasil”, de Ana Paula Picco.  
**Elenco:** Júlia Correia, Luana Soares e Poliana Jacob Almeida.  
**Foto:** Inaiá Braghini (2022).  
**Fonte:** arquivo da EMD.

Acerca dessa concepção, a coreógrafa nos relata:

[...] me atentei na questão dos 3 irmãos e pensei na transmutação da personagem principal que acontece ao longo do livro. Também levei em consideração a ideia do mito original e da incerteza de não saber se eram 3 irmãos ou 3 faces do mesmo ser.

Esses “3 irmãos” ou as “3 faces do mesmo ser” serão resgatados por Mário de Andrade através do “mito das três raças”, conceito muito em voga nos estudos antropológicos brasileiros entre os séculos XVII e XX, no qual a identidade nacional se sustentava na miscigenação do negro, do branco e do “índio”<sup>38</sup>.

<sup>37</sup> Ana Paula Picco é artista da dança, formada em Letras pela UNESP e docente de dança contemporânea na EMD, desde 2022.

<sup>38</sup> O termo “índio” é uma indicação que referenciava erroneamente os indígenas, pois não reconhecia as especificidades linguísticas e culturais dos diferentes povos.

Para representar a subjetividade do Makunaima, o mito fluido, o artista da transformação que abarca e se compõe de todas as coisas da natureza, inspiramo-nos nas suas representações nas telas de Jaider Esbell. Para concebê-lo, portanto, vislumbramos um “multipersonagem” composto por 16 estudantes. A coreógrafa Renata Pestana<sup>39</sup> (2023) nos dá mais detalhes sobre a concepção/criação:

Makunaima que está em tudo e por tudo perpassa. É da questão cíclica também tudo se completa e tudo se retoma. E foi nesse sentido que eu optei por trabalhar os canons<sup>40</sup>, as coisas acontecendo em cascata e depois se reconstruindo e depois se desconstruindo, nesse movimento cíclico, de constante transformação e reconstrução e modificação.

A Imagem 11 apresenta um recorte da cena concebida pela coreógrafa.

**Imagem 11** – Coreografia “Makunaima” de Renata Pestana



**Elenco:** turma do 6ºII: Ana Beatriz Santaniel, Ana Júlia Soares, Ana Laura Uchoa, Anna Clara Campos Santos, Arthur Henrique D. G. Andrade, Evelyn F. Cappato, Felipe Guidelli, Gabriely da Silva Gregório, Jordana Nardini Sabino, Júlia Cavalcante Vassalo, Nicolas Kenzo Sakai, Rafaelly E. dos S. Camargo, Rakelli Nataly da Silca, Samiry Stefany da Silva, Verônica de Souza Parodi.

**Foto:** Inaiá Braghini (2022).

**Fonte:** arquivo da EMD.

<sup>39</sup> Renata Pestana, formada em Dança pela UNICAMP- SP, é docente de dança contemporânea na EMD desde 2002.

<sup>40</sup> É quando os bailarinos realizam um mesmo movimento ou sequência um após o outro, como uma onda.

A concepção do mito Makunaima que a coreógrafa descreve revela a essência desse ser, enquanto mito da transformação (Esbell, 2018), revela-se a própria essência fundante do processo de criação e a do espetáculo. Observou-se isso principalmente na cena do encontro dos dois personagens, na qual Macunaíma tem uma epifania e, reconhecendo sua progênie, se amalgama ao mito Makunaima, de modo a demonstrar dessa maneira que o primeiro liberta seu “corpomente” das amarras coloniais e se torna uno, como nova possibilidade de (re)existir e recriar um mundo melhor.

Analogamente, o espetáculo trouxe a intenção preterida de potencializar a Arte/Dança como Tecnologia Educacional, capaz de propor diferentes estratégias de se fazer/sentir/pensar os processos artísticos/pedagógicos. Dessa forma, as estratégias educacionais desenvolvidas na escola, possibilitaram um ensino-aprendizagem mais colaborativo, coletivo, dialógico, horizontalizado, decolonial e que também potencializaram os protagonismos, de modo a nos direcionar “a processos de transformação e emancipação social.” (Brandão, 2014, p. 156).

Tais novas possibilidades podem ser simbolicamente representadas pela imagem de Wazaká, a “árvore de vida”, detentora de toda a sabedoria, e, assim como foi no espetáculo, fica o questionamento: “O que vamos fazer com ela?”. Makunaima, simbolizando a sabedoria e a filosofia dos povos originários que o criaram, toma a decisão de cortá-la, para que seus frutos ancestrais se esparramem e germinem por todo o planeta. Dessa maneira, o mito nos dá pistas para a revelação da necessidade de reflorestar corpomentes e de conquistarmos nossos protagonismos para a tomada de importantes decisões em busca da efetiva e essencial mudança que podemos realizar em nós e no mundo que nos cerca. Como diz Gilberto Gil na música “Refloresta” de 2021, usada na apoteose do espetáculo:

Manter em pé o que resta não basta  
Que motosserra voraz faz a festa  
O jeito é compreender que já basta  
E replantar a floresta (Gil, 2021).

## 5 OS FRUTOS DE MAKUNAIMA

As estratégias artístico-educacionais desenvolvidas na experiência da EMD durante o ano letivo de 2022, destacadas neste texto, demonstraram a importância de da formação de redes de saberes e afetos que se retroalimentaram e possibilitaram o engajamento e a entrega integral dos participantes no processo de ensino-aprendizagem durante a criação e produção do espetáculo de dança. Reconhece-se dessa forma, a Arte/Dança como Tecnologia Educacional, capaz de transformar o fazer/sentir/pensar da comunidade escolar e conseqüentemente a tessitura social que a envolve.

Seguindo esse prisma, as ações artístico-educacionais em diálogo com o tema do espetáculo promovidas na escola nos aproximaram das culturas de alguns povos originários e da riqueza de suas filosofias. Através do encontro dos netos de Makunaima e Macunaíma, foi possível abordar questões identitárias, ambientais e comunitárias as quais nos permitiram o (re)conhecimento e a recontar a nossa história com posicionamentos críticos e políticos, revelados no palco da escola.

Dessa forma, compactuo com Jaider Esbell (2018) quando o autor afirma que Makunaima é um estrategista e acredito que ele achou meios de estar conosco na EMD para que, com a sua energia transformadora, semeasse novas ideias e novos modos de pensar/ser/estar no mundo. Tal qual Makunaima que permeia tudo e que espirala no tempo/espço e transpõe mundos, a EMD, com suas práxis artístico-educacionais, transpassa o chão da escola e chega a lugares muito além do imaginável.

Por isso, é importante que espaços como a EMD sejam ampliados e conservados por meio de políticas públicas culturais para garantir a cidadania cultural tão necessária às transformações sociopolíticas e culturais no Brasil.

Dito isso, a EMD demonstra a possibilidade de realização de processos artísticos/pedagógicos, aqui caracterizados na experiência do espetáculo **Makunaima: Reflorestando Mentes**, que visam o fazer/sentir/pensar o ato pedagógico (Brandão, 2014) numa perspectiva coletiva, colaborativa, solidária e emancipatória. Dessa forma, o ensino-aprendizagem pela/para/em Artes/Dança evidencia protagonismos e proporciona significativas transformações político-crítico-estéticas nas pessoas envolvidas no processo e conseqüentemente nas suas percepções de mundo.

Por fim, a grande encruzilhada de convergência de várias vozes, de fricções de saberes e ignorâncias e os desafios e as reviravoltas que encaramos ao longo de todo o processo não poderiam resultar se não em um chamamento à revelação coletiva, ao ápice do reencontro, do encantamento, e esperamos que tenham semeado nas mentes/corações das pessoas a necessidade de transformação das mentalidades/ações para novos modos de ser/estar no mundo para então podermos vislumbrar futuros possíveis.

Nesse sentido, os velhos trilhos dos trens silenciosos que ainda recortam o chão da nossa escola tornam-se um monumento histórico que nos instiga a, ao mesmo tempo, pensarmos na impermanência das coisas e na necessidade de buscar outros moveres, outros destinos, impulsionando-nos a encontrar novos modos de ser/estar no mundo, para não estagnarmos. E, como nós da EMD, que cotidianamente abrimos os janelões do barracão aspirando iniciar novos caminhos através da Arte/Dança, que as pessoas possam ser protagonistas de suas trajetórias e exemplos para muitas outras.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Cia da Letras, 2019.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

ARARAQUARA. **Lei nº 9.344, de 15 de agosto de 2018**. Institui o Programa Municipal Territórios em Rede e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 2018. Disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/9344/Arquivos/1>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ARARAQUARA. **Lei nº 5.899, de 09 de setembro de 2002**. Institui a Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2002/590/5899/lei-ordinaria-n-5899-2002-institui-a-escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 19-28, jan./abr. 2002.

BRANDÃO, Ana Elizabeth Simões. **Arte como tecnologia educacional**. 2015. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm). Acesso em: 23 out. 2022.

DINATO, Daniel. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. **MODOS**. Revista de História da Arte, Campinas, v. 3, n. 3, p. 276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>. Acesso: em 24 maio 2022.

ESBELL, Jaider. Makunaima, meu avô em mim! **Illuminuras**, Porto Alegre. v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/85241>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ESBELL, Jaider *et al.* Makunaimã – o mito através do tempo. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 13 set. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/09/13/makunaima-o-mito-atraves-do-tempo/>. Acesso em: 18 maio. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA “IRACEMA NOGUEIRA”. **Plano Político Pedagógico (2022-2024)**. Araraquara: EMD, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERMANO, Beta. Re-Antropofagia, de Denilson Baniwa, de 2018. **Artequeacontece**, [S. l.], 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.artequeacontece.com.br/a-semana-de-22-mario-de-andrade-e-as-ideia-de-brasilidade/>. Acesso em: 24 maio. 2022.

GIL, Gilberto. Refloresta (part. Gilsons e Bem Gil). *In*: **LETRAS.MUS.BR.** [S. l.]: 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/refloresta-part-gilsons-e-bem-gil/>. Acesso em: 29 maio. 2022.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de criação. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo-RS, v. III, n. 2, p. 65-74, dez. 2001.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KREPSKI, Lucia Helena. **O ensino de dança na Escola Municipal de Dança de Araraquara**. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara (Uniará), Araraquara, 2020.

MARQUES, Isabel. A dança no contexto e os novos contextos da dança. *In*: SANTAELLA, Lucia; MOTTA, Everson (org.). **Dança sob o signo do múltiplo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade. *In*: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.). **Lições de Dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004. p. 135-160.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PIRES, Gilsamara Moura Robert. **O corpo da multidão aprende a se comunicar**: políticas públicas para a dança em Araraquara de 2001 a 2008. 2008.177f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008.

RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6., Edição Virtual, 2, 2021, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 666-678.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação. **Rev. Exitus**, v. 9, n. 4, Santarém/PA, out./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 maio 2022.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: Construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SILVA, Luciane Ramos. **A dança dos outros** – Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 91-98, jun./dez., 2019.

## 2.2 RESUMO EXPANDIDO: Implicações de processos artístico-pedagógicos na criação de dois espetáculos de dança no contexto escolar<sup>41</sup>

Érica Ocké (PRODAN/UFBA)

Geórgia Rita Palomino (PRODAN/UFBA)

Relatos de Experiência sem demonstração artística

### RESUMO

Este trabalho relata os processos de ensino-aprendizagem na criação dos espetáculos de Dança: “Movimentos do Brasil: a história da nossa música” (2018), da Escola de Dança A-rrisca, Ilhéus-BA; e “Entre Invisíveis e Esquecidos: nossos heróis” (2018), da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, Araraquara-SP. Os processos propunham, em suas práticas artístico-pedagógicas, estratégias multi-interdisciplinares a partir de ações coletivas, que dialogaram com contextos, educacionais, sociais e artísticos, e incitaram trocas ativas e criativas entre os sujeitos implicados, possibilitando uma educação emancipatória. Os desdobramentos desses processos contemplaram campos conceituais, procedimentais e atitudinais, potencializaram protagonismo e alteridade, ampliaram habilidades e saberes; possibilitaram posicionamentos críticos, estéticos e políticos, corroborando para a criação de cidadãos mais cientes e implicados, condições essas, tão urgentes às transformações sociopolítico-culturais.

**Palavras-chave:** educação; processo artístico-pedagógico; espetáculo.

### ABSTRACT

This work reports the teaching-learning processes in the creation of Dance spectacles: “Movimentos do Brasil: a história da nossa música” (2018), by the Escola de Dança A-rrisca, Ilhéus-BA; e “Entre Invisíveis e Esquecidos: nossos heróis” (2018), by the Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, Araraquara-SP. The processes proposed, in their artistic-pedagogical practices, multi-interdisciplinary strategies based on collective actions, which dialogued with educational, social and artistic contexts, and incited active and creative exchanges between the subjects involved, enabling an emancipatory education. The unfolding of these processes contemplated conceptual, procedural and attitudinal fields, potentiated protagonism and alterity, expanded abilities and knowledge; they enabled critical, aesthetic and political positions, supporting the creation of more aware and involved citizens, conditions that are so urgent for socio-political-cultural transformations.

**Keywords:** Education; artistic pedagogical process; spectacle.

---

<sup>41</sup> Trabalho publicado nos Anais do VI Congresso da Associação dos Pesquisadores em Dança– ANDA, 2021

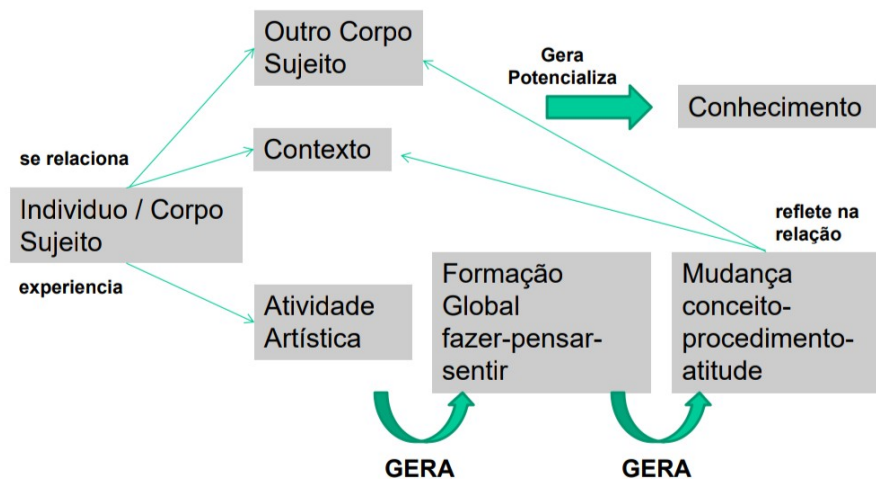
No presente trabalho, relatamos sobre as implicações de processos artístico-pedagógicos na criação de dois espetáculos de dança, dentro do contexto escolar de Geórgia Palomino, historiadora, artista da dança, docente na Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” da cidade de Araraquara-SP e mestranda do PRODAN/UFBA, sob a orientação da Profa. Dra. Gilsamara Moura; e Érica Ocké, diretora e docente da escola de Dança da A-rrisca em Ilhéus Bahia, licenciada em Dança pela UFBA, mestranda do PRODAN/UFBA, sob orientação da Profa. Dra. Beth Rangel. Tais experiências são distintas em seus contextos, mas situadas na mesma época em 2018, e, principalmente, com processos e resultados similares.

Abordaremos os espetáculos, ambos realizados com adolescentes:

“Entre Invisíveis e Esquecidos: nossos heróis”, da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, escola pública de ensino Integral, da Rede Municipal de Educação, que propõe aulas e ações em Artes e na qual a Dança, como pensamento de corpo, é central junto às demais linguagens, numa tessitura humanizadora, emancipatória e disruptiva.

“Movimentos do Brasil: a história da nossa Música”, da A-rrisca Cia. de Dança, escola privada que oferece cursos livres de diversas técnicas de Dança, dentro de um contexto de ensino não formal e formal no Curso de Educação Profissional em Nível Médio em Dança. A A-rrisca têm plano de cotas e atende sujeitos com realidades familiares, econômicas, educacionais bem distintas.

Ressaltamos a importância do processo artístico-pedagógico na construção desses espetáculos, já que potencializou o ensino-aprendizagem e a construção de conhecimentos relevantes. Todo ser é social, relaciona-se com outros e com contextos, gerando e friccionando saberes e ignorâncias. Quando esses sujeitos têm a oportunidade de experienciar práticas artístico-pedagógicas, o processo educacional se complexifica e ganha outros contornos, contemplando o fazer-pensar-sentir, o que gera mudanças significativas nas práticas, nos pensamentos e entendimentos que são indissociáveis; tais mudanças vão refletir nas suas relações e conseqüentemente potencializar a construção de saberes nos campos conceituais, procedimentais e atitudinais (Rangel, 2015).



Esquema 1: Relações na construção de conhecimentos e a interferência do processo artístico-pedagógico nesse processo.

“Movimentos do Brasil: a história da nossa música”, abordou os movimentos musicais do Brasil contextualizados no momento histórico em que surgiram e durante o qual perduraram. O início do processo artístico-pedagógico se deu com convite aos alunos a apresentarem músicas com que se identificavam, essas músicas serviram como ignições para pesquisa feita em camadas, todas as etapas se conectavam com propósito de aprofundar as trocas e os conhecimentos. A partir dos estilos musicais apresentados foram identificados ritmos de origem, foram feitos debates sobre as letras das músicas e seus impactos sociais, levantou-se outros estilos musicais, movimentos musicais e o contexto histórico em que estavam inseridos. Esse processo possibilitou apreciação de novos estilos musicais e a admiração pela força que essa expressão representa na nossa história, suas relevâncias e significados. Aflorou sentimento de identidade e relação com questões vivenciadas e debatidas na contemporaneidade.

“Entre Invisíveis e Esquecidos: nossos heróis”, foi concebido a partir de intensas pesquisas e reflexões da obra de Paulo Freire “Pedagogia do Oprimido” (1968) que completava 50 anos e do conceito de herói. Estudantes produziram vídeos-depoimentos sobre o que é herói e, a partir de vários desdobramentos e desconstruções do conceito, chegamos ao entendimento de herói coletivo, ou seja, grupos de pessoas que são historicamente invisibilizados, que lutam e resistem contra as diversas formas de opressões. Identificados alguns desses grupos, iniciamos pesquisas sobre a repercussão dos movimentos socioculturais que eclodiram com esses sujeitos. A turma do 4º ano se aproximou do grupo LGBTQ+ e do movimento

cultural do Vogue<sup>42</sup>. Iniciamos intensos debates sobre gênero e violência e sobre formas de resistência dessas minorias. A criação coreográfica foi coletiva inspirada em releituras da dança vogue. Essas experiências permitiram aos estudantes, ampliar a conscientização dos apagamentos históricos e controle de protagonismos.

A possibilidade do envolvimento dos estudantes, na concepção/criação pela/para/em dança, a aproximação e a retroalimentação com os contextos educacionais, sociais e artísticos (Moura, 2017) foram imprescindíveis para o desenvolvimento da potencialidade criativa deste processo, que possibilitou o construto de novos saberes, evidenciando, assim, protagonismo dos sujeitos implicados.

Nas performances, estudantes partícipes de todo o processo, foram muito propositivos, ativos, criativos, e o processo se desenvolveu de forma dialógica, horizontal e solidária. Percebemos que essa participação, possibilitou o desenvolvimento de competências plurais cujas autonomias se evidenciaram. Apresentaram posicionamentos estéticos-políticos-críticos ‘corpados’ em seus discursos, indicando que, aquilo que se objetivava enquanto processo artístico-pedagógico, se materializava enquanto dança.

Observou-se, entre os estudantes envolvidos, uma perceptível noção de autonomia e pertencimento que transcendeu os muros das escolas. Tais transformações apontam para a necessidade urgente (e insistente) de mudanças nas dinâmicas de poder nas práticas pedagógicas. Para a construção de uma cidadania cultural, há de se acreditar que iniciativas como essas, transformam o mundo, do micro ao macro. Viva a dança nas escolas!

Geórgia Palomino  
UFBA

geopalomino@gmail.com

Mestranda do PRODAN/UFBA orientada pela Profa. Dra. Gilsamara Moura, Historiadora, Artista da Dança, especialista em Estudos Contemporâneos em Dança – UFBA, Arte-educadora na Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, Araraquara – SP, idealizadora e performer do projeto artístico “Ella A Comportada”.

Érica Ocké  
UFBA

---

<sup>42</sup> Vogue ou *voguing* é um movimento cultural, que surgiu a partir de 1970, na cena *drag* estadunidense. A dança parte das poses de modelos da revista “VOGUE”. As comunidades LGBTQ+ negras e latinas eram invisibilizadas nos concursos de *drags*, então Crystal Labeija reúne esses excluídos e inaugura a primeira casa *voguers*, em Nova York.

eocke@hotmail.com

Mestranda do PRODAN/UFBA orientada pela Profa. Dra. Beth Rangel, Licenciatura em Dança-UFBA, especialista em Metodologia do Ensino das Artes - UNINTER, diretora artística e pedagógica da A-rrisca Cia. de Dança e do Curso Técnico Profissionalizante em Dança da A-rrisca.

Gilsamara Moura

UFBA

gilsamaramoura@gmail.com

Artista da dança, curadora e consultora de projetos culturais. Pós-doutora em Dança e Política pela Université Côte D'Azur (Nice-França). Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, com pesquisa sobre Políticas Públicas em Dança. Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Dança (PPGDança), do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC) e do PRODAN, na UFBA.

Beth Rangel

UFBA

bethrangel19@gmail.com

Profa. Dra. da Escola de Dança da UFBA, coordenadora do Programa de Pós-Graduação Profissional de Dança da UFBA, atua em pesquisas da Arte enquanto Tecnologia Educacional. É líder do grupo de pesquisa ENTRE: Artes e enlaces.

## REFERÊNCIAS

MOURA, Gilsamara. **Contextos Múltiplos na Dança**. Salvador: UFBA, Escola de Dança. Salvador: EDUFBA, 2016.

RANGEL, Beth. Corpo-Sujeito e Comunidades de Sentido no entrelaçamento da Arte, Educação e Cultura. **Anais do XI Enecult**: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: FACOM/UFBA, 2015.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O escopo desta pesquisa implicada foi demonstrar caminhos artísticos/pedagógicos por nós da EMD percorridos, os quais procuraram reconhecer a dança enquanto área do conhecimento e como tecnologia educacional (Brandão, 2014) capaz de promover, através da transversalidade educacional, o desenvolvimento cognitivo integral das pessoas implicadas e da comunidade escolar pelo/para/em Arte/Dança. Por meio deste estudo foi possível registrar, documentar e descrever os processos criativos e o produto (espetáculo), desenvolvidos na escola no ano letivo de 2022, e assim termos a possibilidade de refletir sobre a participação e o envolvimento dos estudantes e de identificarmos mudanças conceituais, procedimentais e atitudinais deles.

Dessa forma, almejamos que nossas práxis na escola proporcionassem o ensino-aprendizagem através de abordagens que transpusessem a forma basilar do currículo do ensino fundamental tradicional e de suas grades, que pudéssemos borrar fronteiras das diversas linguagens e áreas, numa perspectiva pluricultural, inclusiva e de participação ativa de todos os sujeitos implicados, mas principalmente das/dos estudantes.

As ações artísticas-educacionais propostas na EMD incluíram as mais diversas atividades extracurriculares, tais como: intercâmbios com artistas e suas pesquisas e passeios pedagógicos, que dialogaram com o nosso tema para que as/os estudantes vivenciassem de forma ativa e participativa todas as etapas do processo artístico/pedagógico. Foi criada, dessa forma, uma rede de conexões que se retroalimentaram, num grande experimento coletivo.

Essas experiências foram fundamentais para que o nosso encontro com as culturas de alguns povos originários acionasse importantes diálogos com os diversos contextos educacionais, artísticos e sociais, o que nos impulsionou a desenvolver maior compreensão das diversidades e das riquezas da filosofia indígena e, conseqüentemente, promoveu uma maior consciência e resgate de nossa memória, história, ancestralidade, noção de coletividade, alteridade e solidariedade.

Assim ampliou-se nas/nos estudantes e na comunidade escolar uma maior consciência de si e do mundo que as/os cerca, possibilitando novas perspectivas de ver o mundo, princípios tão caros a Paulo Freire (1967), de maneira que as relações

intra e interpessoais das/dos estudantes e a autonomia das/dos mesmas/os mudaram significativamente.

Por fim, **Makunaima – Reflorestando Mentes** encerrou um ciclo importante dos processos escolares que se mesclaram aos meus próprios processos. Foram muitos aprendizados e muitas transformações; estar coordenadora técnica/artística da EMD e mestranda do PRODAN foi desafiador e enriquecedor em muitos aspectos, mas estou certa de que de fato essa experiência ampliou minhas perspectivas e percepções em relação a mim mesma, à EMD, à dança e à educação.

Makunaima, que permeia tudo e que espirala no tempo, nos mostrou que tudo o que nos atravessa nos transborda, o tempo/espaço acontece no ontem, no agora e no amanhã, portanto, nossas experiências são fundamentais para nos valermos do que nos constitui e do que queremos/devemos multiplicar. Como já mencionei anteriormente, tudo o que vivenciei no PRODAN foi referência para o trabalho que desenvolvi na EMD e sei que também levei muito da escola para o PRODAN. De fato, todas as pessoas com as quais convivi no mestrado estavam de alguma forma naquele palco com aquelas crianças.

Compactuo com Jaider Esbell que diz que Makunaima é um estrategista e acredito que ele achou meios de estar conosco na EMD, para que, com sua energia transformadora, semeasse novas ideias e novos modos de pensar/ser/estar no mundo. Assim como ele, transpomos mundos, saímos dos muros da escola e chegamos a lugares inimagináveis.

Sigo acreditando que os processos educacionais são e devem ser emancipatórios ao prezarem o protagonismo dos estudantes através/pelo ensino-aprendizagem de forma dialógica, crítica e horizontalizada. Eles são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança e ferramentas fundamentais para a transformação de suas realidades e de mundos.

## REFERÊNCIAS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma História única**. São Paulo: Cia da Letras, 2019.

AMARELO. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma: Netflix, 2020. 99 min. Documentário original da plataforma streaming Netflix.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

ALVAREZ, Luciana. Na época dos algoritmos, escola só faz sentido com vínculo e paixão, diz Muniz Sodré. **Revista Educação**, São Paulo, ed. 283, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/03/16/muniz-sodre-escola/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

ARARAQUARA. **Lei nº 9.801, de 27 de novembro de 2019**. Institui o Plano de Cargos, Carreiras e Vencimentos (PCCV) dos profissionais do Quadro de Magistério e Funcionários da Educação Pública do Município de Araraquara, e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2019. Disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/9801-2019>. Acesso em: 22 de março de 2022.

ARARAQUARA. **Lei nº 9.344, de 15 de agosto de 2018**. Institui o Programa Municipal Territórios em Rede e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara, 2018. Disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/9344/Arquivos/1>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ARARAQUARA. **Lei nº 5.899, de 09 de setembro de 2002**. Institui a Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2002/590/5899/lei-ordinaria-n-5899-2002-institui-a-escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 19-28, jan./abr. 2002.

BRANDÃO, Ana Elizabeth Simões. **Arte como tecnologia educacional**. 2015. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASA das Rosas. **Makunaimã – o mito través do tempo**: leitura de fragmentos do livreto (primeira parte). São Paulo: [s. n.], 12 nov. 2021. 1 vídeo (45:40 min). Publicado pelo canal Casa das Rosas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9P9vagG\\_hql](https://www.youtube.com/watch?v=9P9vagG_hql). Acesso em: 14 maio. 2022.

DINATO, Daniel. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. **MODOS**. Revista de História da Arte, Campinas, v. 3, n. 3, p. 276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>. Acesso: em 24 maio 2022.

ESBELL, Jaider. Makunaima, meu avô em mim! **Iluminuras**, Porto Alegre. v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/85241>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ESBELL, Jaider. Passo a passo Makunaima. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 26 fev. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/26/passo-a-passo-makunaima/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ESBELL, Jaider. Passo a passo Makunaima. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 04 fev. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/04/passa-a-passo-makunaima/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

ESBELL, Jaider *et al.* Makunaimã – o mito através do tempo. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 13 set. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/09/13/makunaima-o-mito-atraves-do-tempo/>. Acesso em: 18 maio. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA “IRACEMA NOGUEIRA”. **Plano Político Pedagógico (2022-2024)**. Araraquara: EMD, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERMANO, Beta. Re-Antropofagia, de Denilson Baniwa, de 2018. **Artequeacontece**, [S. l.], 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.artequeacontece.com.br/a-semana-de-22-mario-de-andrade-e-as-ideia-de-brasilidade/>. Acesso em: 24 maio. 2022.

GIL, Gilberto. Refloresta (part. Gilsons e Bem Gil). *In*: **LETRAS.MUS.BR**. [S. l.]: 26 fev. 2021. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/refloresta-part-gilsons-e-bem-gil/>. Acesso em: 29 maio. 2022.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de criação. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo-RS, v. III, n. 2, p. 65-74, dez. 2001.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KREPSKI, Lucia Helena. **O ensino de dança na Escola Municipal de Dança de Araraquara**. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara (Uniar), Araraquara, 2020.

MARQUES, Isabel. A dança no contexto e os novos contextos da dança. *In*: SANTAELLA, Lucia; MOTTA, Everson (org.). **Dança sob o signo do múltiplo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade. *In*: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.). **Lições de Dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004. p. 135-160.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OCKÉ, Erica; PALOMINO, Geórgia Rita. Implicações de processo artístico-pedagógicos na criação de dois espetáculos de dança no contexto escolar. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6., Edição Virtual, 2, 2021, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 2149-2153.

OLIVEIRA, Terezinha; NUNES, Meire Aparecida Lóde. **Análise Iconográfica**: um caminho metodológico de pesquisa em História da Educação. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, v. 10, n. 3, p. 307-313, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ctp/v10n03/v10n03a08.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

PIRES, Gilsamara Moura Robert. **O corpo da multidão aprende a se comunicar**: políticas públicas para a dança em Araraquara de 2001 a 2008. 2008.177f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008.

RANGEL, Beth; AQUINO, Rita Ferreira de; ROCHA, Lucas Valentim. Confabulando com pesquisas implicadas em Dança. *In*: CONGRESSO CIENTÍFICO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 6., Edição Virtual, 2, 2021, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 666-678.

RENGEL, Lenira Peral; SANCHES NETO, Antrifo Ribeiro; BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões (Beth Rangel); AQUINO, Rita Ferreira de. **Arte/dança como tecnologia educacional I**. Salvador: Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30858/1/eBook%20Arte%20Dan%c3%a7a%20como%20Tecnologia%20Educativa%20I.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

RENGEL, Lenira Peral; BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões; SANCHES NETO, Antrifo Ribeiro; SILVA, Dulce Tamara da Rocha Lamego da. **Dança como tecnologia educacional II**. Salvador: Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2019. Disponível em:

<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/553576/2/eBook%20DANB06%20-%20Danca%20como%20Tecnologia%20Educativa%20II.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas; THERRIEN, Jaques; FALCÃO, Giovana Maria Belém; GRANGEIRO, Manuela Fonseca. Pesquisa em educação e bricolagem científica: rigor, multirreferencialidade e interdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 956-982, out./dez. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/Lm5MCLHGmLMhNsGTdBTkrWG/#>. Acesso em: 25 mar. 2022.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação. **Rev. Exitus**, v. 9, n. 4, Santarém/PA, out./dez. 2019. Disponível em:

[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 maio 2022.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação**: Construção da obra de arte. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SÃO PAULO COMPANHIA DE DANÇA. **Temporada 2022**. São Paulo: São Paulo companhia de Dança, 2022. Disponível em:

[https://spcd.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Programa-de-assinaturas\\_2022\\_site.pdf](https://spcd.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Programa-de-assinaturas_2022_site.pdf). Acesso em: 30 maio. 2022.

SILVA, Luciane Ramos. A dança dos outros – Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 91-98, jun./dez., 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

TIGRA, Chis. Fachada Theatro Municipal de São Paulo. **Recostura**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.christigra.com/recostura>. Acesso em: 10 abr. 2022.

TIGRA, Chris. Página pessoal. Instagram: @ch\_tigr. Disponível em: [https://www.instagram.com/ch\\_tigra/](https://www.instagram.com/ch_tigra/). Acesso em: 08 ago. 2022.

WISNIK, José Miguel. Semana de 22 ainda diz muito sobre a grandeza e a barbárie do Brasil de hoje. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 fev. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/semana-de-22-ainda-diz-muito-sobre-a-grandeza-e-a-barbarie-do-brasil-de-hoje.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2022.

**APÊNDICE A – MEMORIAL DA PESQUISA: REFLORESTAR****LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Apresentação dos estudantes em homenagem aos 20 anos da EMD “Ciranda dos Sonhos – Historiografias Dançadas” no 22º Festival Internacional de Dança de Araraquara.....	108
Figura 2 – Obra Re-antropofagia, de Denilson Baniwa (2018).....	112
Figura 3 – Desenho de Mário de Andrade, realizado por estudante.....	114
Figura 4 – Print da tela do <i>Padlet</i> .....	118
Figura 5 – Mapa artístico.....	119
Figura 6 – Iconograma para a concepção do espetáculo.....	119
Figura 7 – Projeto de estruturas de ferro.....	124
Figura 8 – Projeto: cenário Floresta de Concreto.....	125

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	97
1 MEMORIAL DA PESQUISA.....	106
2 A ESCOLA.....	107
3 INVERSO-REVERSO: EM BUSCA DE MAKUNAIMA.....	111
4 REFLORESTAR: UM PROCESSO.....	114
5 O ENCONTRO DE MAKUNAIMA E MACUNAÍMA.....	121
6 A CIRANDA DA CRIAÇÃO.....	123
REFERÊNCIAS.....	127

## 1 MEMORIAL DA PESQUISA

Neste memorial, de uma pesquisa de abordagem implicada, estimulada pela proposta do PRODAN, evoco memórias, lembranças e andanças pessoais. Pretendo, entretanto, transcender a minha trajetória singular, particular e uma linearidade na narrativa. Espiralo e entrelaço as instigações surgidas das mais variadas vivências, pessoas e lugares que permeei e pelos quais fui permeada – no recorte temporal dos anos de 2021 e 2022, quando do imbricamento da Escola Municipal de Dança de Araraquara “Iracema Nogueira” – EMD – e da Escola de Dança da UFBA no PRODAN.

Sendo assim, minha pesquisa engloba reflexões sobre as ações artístico-educacionais desenvolvidas no ano letivo de 2022 na EMD que resultaram na criação do Espetáculo **Makunaima: reflorestando mentes** (2022). Nesse período, estive como coordenadora técnica/artística da EMD e foi a partir dessa função que pude desenvolver de modo colaborativo a concepção, criação e produção do espetáculo anual, que é a síntese artística do processo de ensino/aprendizagem realizado na escola. Dessa maneira, minha pesquisa propõe reflexões dos registros do processo artístico/pedagógico, em diálogo com bibliografias de pesquisadores das áreas de Arte, Dança e Educação.

O espetáculo acima referido foi o produto artístico que encerrou um ciclo de estudos e pesquisas teórico/práticas desenvolvidos ao longo do ano letivo de 2022 e que partiu do tema anual do Plano Político Pedagógico da EMD **Inverso-reverso – Reverberações do Modernismo na Contemporaneidade**. Esse tema decorreu das comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo e culminou nos estudos mais aprofundados de questões indígenas, por meio dos textos e obras do artista/ativista macuxi Jaider Esbell<sup>43</sup>. **Makunaima, o meu avô em mim!** (2018) e do conceito da 2ª Marcha das Mulheres Indígenas, ocorrida em 2021) em Brasília: **Reflorestando Mentes para a cura da terra**<sup>44</sup>.

**Makunaima: reflorestando mentes** é resultante de um processo de criação colaborativa, coletiva, plural, inter-multi-transdisciplinar e que homenageia o artista

---

<sup>43</sup> Jaider Esbell (1979-2021) foi um arte-ativista indígena da etnia Macuxi nascido em Normandia no estado de Roraima. Foi um artista visual, escritor, arte-educador, geógrafo e curador que alcançou grande notoriedade nacional e internacional com suas obras de arte. Foi um grande ativista das causas indígenas.

<sup>44</sup> Referência ao lema da 2ª Marcha das Mulheres Indígenas de 2021 “Reflorestando mentes para a cura da Terra”, Brasília, 7 de setembro de 2021, evento que reuniu cerca de 4 mil líderes indígenas de mais de 150 etnias.

Macuxi Jaider Esbell. Através da subjetividade poética e sendo a dança a principal linguagem, o espetáculo tornou-se palco para um encontro de Makunaima<sup>45</sup>, herói de vários povos originários do Monte Roraima, com o canônico **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter (1928)** (Andrade, 2022), personagem da obra ícone do movimento modernista do escritor Mário de Andrade.

Esse encontro de saberes ancestrais dos povos originários com a obra modernista de Mário de Andrade possibilitou-nos abordar questões pertinentes da contemporaneidade, tais como: identidades brasileiras, marco temporal das terras indígenas e sustentabilidade. Também promoveu maior engajamento da escola com práxis decoloniais, ou seja, as ações de desprendimento em relação ao pensamento hegemônico e único e a abertura a pluriversos negados pelas narrativas moderno-coloniais nos processos de ensino-aprendizagem, traço marcante da EMD, que sempre buscou uma educação transgressora pela/para/em Arte/Dança.

As referências acadêmicas, as pesquisas acessadas através do PRODAN/UFBA, os encontros e as trocas com colegas, professoras, pesquisadoras e convidadas se fizeram presentes no chão e no palco da escola. Estão também “personificados” no mito de energia transformadora: Makunaima. **Makunaima: reflorestando mentes** dá-nos pistas de como pisar leve em Gaia, a nossa Mãe-Terra, sem deixar marcas, para a cura, nossa cura, e, assim, vislumbrarmos novos devires, como declarou Krenak (2022).

## 2 A ESCOLA

Na avenida Vicente Jerônimo Freire, número 22, na Vila Xavier, na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, existe um barracão que abrigou, entre o início do século XX até 1971, o famoso “rapa”, um mercado onde produtos eram vendidos a preços populares aos funcionários da Ferrovia Paulista S/A – FEPASA e à população local. Hoje, esse antigo mercado, totalmente reformado, é sede, desde 09 de abril de 2010, da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” – EMD. Centenas de histórias foram contadas, construídas e transformadas nesse chão que chamamos de

---

<sup>45</sup> Makunaima com k é a grafia correta do nome do mito e possui três tipos de pronúncia: *Makunaimã*, *Makunaimii* e *Makuníama*, dependendo da etnia indígena e/ou da região. Macunaíma foi erroneamente escrito e acentuado por Mário de Andrade, já que ele tirou o nome dos escritos do etnólogo alemão Theodor Koch- Grümberg.

escola. Uma escola de dança, uma escola de vidas, uma escola de muitas histórias dançadas.

A EMD é um projeto de política público-cultural idealizado pela Profa. Dra. Gilsamara Moura, que contou em sua luta com o apoio de artistas ativistas culturais araraquarenses para sua viabilização. Após muitos debates e percalços, finalmente o projeto foi aprovado em sessão ordinária de 27 de agosto de 2002 na Câmara Municipal e o então prefeito Edson Antônio da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), no exercício de suas atribuições legais, aprovou e instituiu a lei nº 5.899 de 09 de setembro de 2002 (Araraquara, 2002) de criação da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” como um órgão vinculado à Secretaria Municipal de Cultura e Fundação de Arte e Cultura do Município (FUNDART).

**Figura 1** – Apresentação dos estudantes em homenagem aos 20 anos da EMD “Ciranda dos Sonhos – Historiografias Dançadas” no 22º Festival Internacional de Dança de Araraquara



Foto: Inaiá Braghini, set. 2022.

Fonte: arquivo EMD.

A criação da EMD tem como propósito democratizar e acessibilizar o ensino/aprendizagem da Arte/Dança às crianças menos favorecidas e/ou em situação de vulnerabilidade, atuando com práxis que respeitem a pluralidade e as diversidades socioeconômica, ideológica, cultural, de gênero, de orientação sexual e religiosa. Ela propõe, durante os seis anos de formação da criança, o diferencial de um pensamento não hegemônico em/para/na Arte/Dança, prezando pautar-se em questões pertinentes da contemporaneidade, com o objetivo de construir uma cidadania

cultural, corroborando, dessa maneira, a formação de pessoas mais cientes e ativas, ideias tão necessárias às transformações sociopolíticas-culturais.

Em 2009, a EMD migrou para a pasta da Secretaria de Educação, sendo incorporada ao Programa de Educação Complementar, que hoje passou a ser denominado Educação Integral. Segundo Krepski (2020, p. 41), não há registro documental que justifique o motivo dessa mudança, mas há registros sobre a falta de recursos necessários para manter e ampliar a escola, devido ao aumento de estudantes e de demandas.

O seu grande diferencial, em relação às outras escolas coordenadas pela Secretaria Municipal de Educação, é que seu ingresso não é obrigatório. Os alunos que desejam ali estar estudam no contraturno da escola regular. Aqui, nesse chão, pisam uma multiplicidade de pés, de muitos tamanhos, cores e histórias. E nessas pisadas, vão se transformando os caminhos, os destinos e os próprios pés. Entram calçando 33-34 e saem outros, maiores. Crescem e não querem mais calçar os mesmos sapatos, às vezes querem pisar com outros e talvez até pisar descalços.

A escola pulsa, transmuta, se transforma, nos transforma, transforma seu entorno, pois é célula viva, dançante. Aqui, falamos várias linguagens<sup>46</sup>, inspirados e movidos pelos ideais de uma “proposta de educação contemporânea que valoriza a diversidade de interpretações, a multiplicidade de leituras, a ‘polifonia de vozes” (Marques, 1998, p. 8). Diante das multiplicidades de cores, sons, sensações, da diversidade de experiências, nessa fricção de saberes e ignorâncias, vamos aprendendo/ensinando a nos entender, resolver, mediar, falar, escutar, sentir, agir, pensar, com todo o corpo, na máxima da integralidade, da solidariedade e da colaboração.

Esse grande galpão que abriga a possibilidade de infinitos mundos e sonhos deveria ser uma realidade na vida de muitos lugares e de muitas crianças, no sentido de acessibilizar uma educação integral diferenciada, decolonial, antirracista, feminista, mas infelizmente isso é uma raridade na Educação no Brasil, que ainda é um modelo de desigualdade socioeconômico-cultural-artístico, sustentado por uma práxis que vem na contramão de romper uma inscrição política colonial fundamentada nas

---

<sup>46</sup> Compõem os componentes curriculares diversas linguagens artísticas, são elas: Dança Contemporânea, Balé clássico, Sapateado, Capoeira, Teatro, Artes Visuais, Música, Videodança, Processo Criativo e Socioemocional.

interseccionalidades entre “raça/racismo/gênero/heteropatriarcado/capitalismo” (Rufino, 2019, p. 294).

A EMD sempre quis espiar para além do buraco da fechadura, o inverso e o reverso das histórias, dos fatos, das coisas, de tudo, quebrando o que era dito oficial, cutucando as verdades absolutas e as histórias contadas em uma única versão. Cruzamos fronteiras, transpomos o fixo e os absolutos. Na flexibilidade dessas danças, buscamos modos diferentes de fazer/pensar, através de uma “pedagogia transgressora” (Hooks, 2013), “a educação como prática de liberdade” (Freire, 1967).

Apesar de nossa ânsia de ir ao encontro de uma educação diferenciada, enfrentamos muitas adversidades, pois a dança-educação carrega estigmas e paradigmas limitantes e conservadores. Por isso, torna-se indispensável que busquemos incessantemente quebrar velhos conceitos através de uma dança engajada que a reconheça “como campo do conhecimento educativo e artístico emancipatório, político” (Rengel *et al.*, 2018, p. 8).

Abraçando os princípios de Paulo Freire, a EMD se constrói de transbordamentos de afetos e conexões sensíveis. As crianças falam que na escola se sentem em casa. Para Sodré (Alvarez, 2022), a escola “só faz sentido como um lugar de vínculo e paixão”. Dessa forma, se a autora conhecesse essa escola, veria que aqui essa realidade se faz possível. Na EMD buscamos encarar o ensino-aprendizagem de uma forma mais positiva, que vem da alegria, dos encontros, da comunhão e da coletividade. Aqui praticamos a alacridade/alegria e a afetividade que, segundo Sodré (2017, p. 150), “não é um afeto circunstancial – portanto, nada que nasça e morra ocasionalmente – porque, como regime concreto e estável de relacionamento com o real, é uma potência ativa”. E por que não uma poderosa estratégia pedagógica?

Das pessoas que chegam, das que ficam, das que passam pela EMD e de tudo o que vivenciamos nela, o que nos acontece nos atravessa. Rastros e poeiras remanescentes de furacões de experiências que vivenciamos diariamente nos transformam, transformam nossa realidade e o nosso conseqüente potencial transformador de mundo.

### 3 INVERSO-REVERSO: EM BUSCA DE MAKUNAIMA

O ano de 2022 foi marcado por dois acontecimentos importantes da nossa História: os 200 anos da Independência do Brasil e os 100 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo. Entendemos assim que se tratava de um momento oportuno para resgatarmos e reavaliarmos, sob novas perspectivas, o que de fato foi e tem sido feito nessa trajetória de 200 anos no nosso país para que pudéssemos romper com nossa herança colonial.

Borbulharam pelo Brasil, em 2022, eventos e atividades comemorativas em vários âmbitos culturais, educacionais e sociopolíticos que procuravam trazer à tona novos entendimentos sobre esses marcos históricos e suas reverberações, e o que fortemente nos chamou a atenção foram os “contraeventos” de comemoração do Centenário da Semana de Arte Moderna. Os movimentos de artistas negros e indígenas assumem protagonismo ao realizarem ações que nos alertam sobre a necessidade de reposicionamentos da sociedade diante da catástrofe colonial e cultural, principalmente diante desse momento de grandes retrocessos em que vivemos.

As Artes e a Cultura foram atacadas e sofreram fortes retaliações nos últimos 4 anos, com o terrível desmantelamento de instituições culturais no nosso país. Diante disso, é de suma importância que instituições como a EMD também se movam no sentido de se reposicionarem propondo outras pedagogias para quebrar velhos paradigmas e assim se reinventarem e resistirem enquanto núcleos de resistência e de formação em Arte/Dança e Educação, para o desenvolvimento integral de pessoas mais autônomas que possam vir efetivamente a protagonizar mudanças positivas na nossa História.

Indo ao encontro desses movimentos que citei anteriormente, nos deparamos com a emblemática obra do artista ativista indígena Denilson Baniwa em *Reantropofagia* de 2018 (Germano, 2021), na qual ele pinta a cabeça de Mário de Andrade/Grande Otelo com a seguinte mensagem:

Aqui jaz o simulacro Macunaíma, jazem juntos a ideia de povo brasileiro e a antropofagia temperada com *bordeaux* e *pax* mongólica. Que desta longa digestão renasça Makunaimî e a antropofagia originária que pertence a nós, indígenas (Baniwa, 2018 *apud* Dinato, 2019, p. 278).

A obra pode ser conferida na Figura 2, abaixo.

**Figura 2** – Obra Re-antropofagia, de Denilson Baniwa (2018)



Fonte: Germano (2021).

Nesse fluxo de saberes, nós da EMD buscamos analisar os desdobramentos e as influências do movimento modernista no Brasil, não somente nos aspectos artísticos, mas inclusive em suas conexões sociopolíticas, culturais e ambientais ao longo desses 100 anos. Em seguida, fomos desvelar “o avesso do mesmo lugar”<sup>47</sup>. Intuímos transformar a História única, oficial, em muitas outras Histórias, pois, como nos lembra Adichie (2019, p.16), as histórias “podem ser usadas para empoderar e humanizar, elas podem despertar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”.

Uma constante nos nossos processos é trazer sempre novos protagonismos e novas perspectivas antirracistas e decoloniais, pois “o combate e a transgressão às obras e efeitos do colonialismo/colonialidade são demandas de caráter educativo enquanto prática de liberdade” (Freire, 1996 *apud* Rufino, 2019, p. 265).

Com todo esse panorama em vista, o projeto artístico/pedagógico da EMD de 2022 surge da urgência dessas pautas, e então elegemos o marco comemorativo do Centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo como ponto de partida para nossas ações teórico-práticas. Traçamos, a partir desse momento, uma metodologia de trabalho coletiva/colaborativa e procedimentos artístico-pedagógicos nos quais

<sup>47</sup> Frase do samba-enredo “Histórias para ninar gente grande” da Estação Primeira da Mangueira, 2019. Cf. em: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>. Acesso em: 22 maio. 2022.

podéssemos dialogar com a proposta anual da Educação Integral do Município de Araraquara: **Tecendo Horizontes: fazer-sentir-pensar para reencantar o mundo**<sup>48</sup> e com a lei nº 11.658 de 10 de março de 2008<sup>49</sup> (Brasil, 2008).

Partimos daqui da Morada do Sol, expressão poética que designa a cidade de Araraquara, São Paulo, nessa grande jornada de um tempo espiralar (Martins, 2021), onde passado-presente-futuro coexistem, para, por meio do livro ícone do Modernismo **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter** (1918) de Mário de Andrade (2022), encontrarmos o artista Macuxi Jaider Esbell, que nos guiou até a obra coletiva **Makunaima – o mito através do tempo** (Esbell *et al.*, 2019). Ele nos levou pelas savanas, florestas e rios até a Serra Raposa do Sol, no Monte Roraima, tronco da Wazaká, a árvore da vida, e através de suas obras nos apresentou seu avô Makunaima, o mito intemporal de força transformadora de muitos povos indígenas.

Foi nessas terras *roxas* de calor ferrenho de Araraquara, na Chácara Sapucaia<sup>50</sup>, que nasceu Macunaíma. Há uma estreita relação da nossa cidade com Mário, que esteve aqui diversas vezes entre as décadas de 1915 e 1945 para visitar seu tio Pio Lorenzo Correa<sup>51</sup>, e os ares criativos da cidade o inspiraram a escrever essa obra literária. A passagem/presença de Mário é tão forte na cidade que nós araraquarenses nos sentimos analogicamente filhos e netos de Macunaíma.

Na Figura 3, é possível apreciar um desenho de Mário de Andrade feito por uma estudante da EMD logo após a finalização das aulas expositivas sobre a temática do nosso espetáculo, em junho de 2022.

---

<sup>48</sup> O tema tem como objetivo direcionar os processos pedagógicos nas unidades escolares de Ensino Integral do município.

<sup>49</sup> A Lei nº 11.645 de 2008 altera a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena”.

<sup>50</sup> No espaço da Chácara Sapucaia, atualmente funciona o Centro Cultural Professores Waldemar Safiotti e Heileif Safiotti da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Araraquara).

<sup>51</sup> Pio Lorenzo Correa (1875-1957) foi fazendeiro e autodidata naturalista, escritor e grande estudioso da língua portuguesa.

**Figura 3** – Desenho de Mário de Andrade, realizado por estudante



Fonte: arquivo EMD (jun. 2022).

O avô Makunaima, como descreve Jaider Esbell, é um artista da transformação, um estrategista. Ele não foi enganado nem apropriado por Mário, ele escolheu estar lá “na capa daquele livro” (Esbell, 2018, p. 16) para se eternizar e poder trazer seus parentes aqui hoje, para convocar, unir todos e se fazer ouvido. Makunaima faz um chamamento à sensibilização das pessoas em relação à emergência da responsabilização sobre as questões indígenas e ambientais, no sentido de preservar e de resgatar os saberes das florestas e dos seus guardiões – os povos indígenas –, pois, segundo Krenak (2022, p. 11), “o futuro é ancestral”.

Essa estreita relação que se apresenta entre passado-presente-futuro, cidade-floresta e entre filhos de Makunaima e filhos de Macunaíma nos levou a reflexões sobre o que somos e carregamos enquanto pessoas, sujeitos socioculturais, sujeitos coletivos e a necessidade de problematizar, reinventar e criar horizontes, em relação à criação artística, uma espécie de “Re-antropofagia”, proposta pelo artista e ativista indígena Denilson Baniwa (Dinato, 2019).

Nessa grande jornada que serpenteamos, abarcamos muitos atravessamentos, entrelaçamentos e transbordamentos, que foram essenciais ao processo artístico/pedagógico que resultou na criação no Espetáculo **MAKUNAIMA – Reflorestando Mentos**.

#### **4 REFLORESTAR: UM PROCESSO**

Assumi o cargo de coordenadora técnica/artística da EMD em março de 2022 e, por conseguinte, a função de direção artística do espetáculo que encerra nossas atividades escolares. Me vi numa nova e nebulosa estrada, pois era a primeira vez que

assumia algo desse porte, além de termos recém retornado às atividades presenciais depois de dois anos de pandemia de COVID-19.

Chego na EMD bastante afetada pelas experiências que vivi durante esse período, mas principalmente pelas valiosas trocas e encontros que tive no PRODAN. Tanto minha pesquisa implicada na escola quanto a escrita deste material estão permeadas pelas referências que lá obtive. Portanto, iniciei minha nova jornada repleta de novos conceitos, com muita vontade de propor novas abordagens e modos para criação. Ainda estávamos reticentes com a volta presencial das aulas e as incertezas com o reencontro com os colegas e os estudantes, o que me levou a escrever sobre essas impressões em novembro de 2021<sup>52</sup>:

Meses de CORPOS sentados  
Estímulos visuais pelos OLHOS de telas  
Contato quase nulo de PELES  
Ambientes fechados  
dias Semanas MEses ANO  
eram crianças, agora adolescente

Era um novo dia  
havia sol, havia expectativa  
Eles iam chegando um a um  
adentrando no espaço silencioso que outrora era repleto  
de vozes risos e corpos em movimento  
primeiro dia depois de

UM ANO E SEIS MESES

Não nos abraçamos  
Estávamos separados em quadrados de linhas amarelas  
era nítido a transformação de seus corpos  
CRESCERAM  
estávamos novamente na escola  
havia tensão nos olhares  
estávamos d-e-s-c-o-n-e-c-t-a-d-o-s  
não pude deixá-los mais uma vez trancados na sala  
saímos para o deck com nossos tatames  
no respiro da sombra das árvores  
deitamos fechamos os olhos  
e movemos, dançamos  
ao sabor do vento, dos sons, dos cheiros  
dos encontros

Volto aos meus alunos e a mim  
necessidade de RESGATAR a memória corporal  
DESPERTAR a consciência adormecida  
lançamo-nos nos estados alterados do corpo  
no dilatar das percepções sensoriais  
surgem outros moveres  
consciência de SI

---

<sup>52</sup> Trabalho de Conclusão do componente de Educação Somática ministrado pelas Profa. Dra. Daniela Guimarães e Profa. Dra. Beatriz Adeodato.

## RECEPTIVIDADE

“PRESENÇA -AUSÊNCIA”

nos fluxos sensoriais sutis

Peso + AFETO + movimento

promovem empatia sinestésica

Consciência do OUTRO

do MUNDO a nossa volta

já não nos olhamos com estranheza

seguimos experimentando... movidos por nossos desejos  
na busca incessante do prazer de mover, de DANÇAR

Foi muito tempo “perdido” fora do convívio da escola  
não sabemos o que cada um de nós teve de enfrentar  
Mas quero ser facilitadora, construir dentro da experiência, organizar esses moveres  
para auxiliá-los na criação artística que estão em processo  
que possibilite e evidencie

o PROTAGONISMO

a AUTONOMIA

criativa desses adolescentes

buscamos identidades

modos de existir e resistir

modos de contagiar e ressonar

a partir das nossas inquietações/criações

“Tempo perdido, tempo futuro e tempo de lembrar”

Tema escolhido pelos estudantes para finalizarem sua passagem pela nossa escola<sup>53</sup>

Será um espetáculo com proposição que partiu deles mesmos

uma criação colaborativa sobre o tempo:

Sankofa surge na palestra que assisti do filósofo Bas'Illele Malomalo

Ideograma adrinkra

um pássaro de olha para trás

para um ovo que está nas suas costas

pés enraizados no chão

peito aberto para prosseguir

“voltar ao passado, ressignificar o presente e construir o futuro”

Hoje percebo que o trabalho com o conceito Sankofa junto aos estudantes no encerramento do ano letivo de 2021, como descrevi no meu texto acima, foi o ponto de partida dessa caminhada que percorri com minha pesquisa implicada na escola e pautada em narrativas e conceitos decoloniais que convergiram na criação de um espetáculo de dança cujas bases foram a ancestralidade e a sabedoria dos povos indígenas.

Enquanto coordenadora técnica/artística da escola, busquei trabalhar muito próxima da coordenadora pedagógica, a atriz e professora de teatro Lucia Helena Krepski, no sentido de alinharmos nossas ações e valorizarmos o processo artístico-pedagógico em detrimento do produto (espetáculo) e que dele participassem

---

<sup>53</sup> Ao chegarem ao 6º ano, os estudantes realizam o TCC, Trabalho de Conclusão de Curso.

ativamente e colaborativamente todas as pessoas envolvidas, enfatizando principalmente os estudantes.

Na EMD sempre trabalhamos de forma dialógica, coletiva e colaborativa. Somos uma equipe heterogênea nas nossas formações artísticas, experiências e crenças e no modo como pensamos/fazemos Arte/Dança, o que indubitavelmente reflete nas escolhas metodológicas e procedimentais dos educadores (Marques, 2004). Essa diversidade é agregadora para discussões, proposições e criações, porém é desafiadora para alinhar e engajar todos, já que nem sempre as escolhas ético-estético-políticas vêm ao encontro nos nossos propósitos.

Havia diante de mim grandes desafios: conquistar a equipe e engajá-la, além de elaborar estratégias artístico-pedagógicas que pudessem envolver 160 estudantes de idades entre 9 e 15 anos a experienciar e refletir sobre o tema de forma consciente, crítica, criativa e transformadora. Partimos da elaboração coletiva com toda a equipe de educadores e dos gestores, no início do ano letivo, do planejamento escolar que ficou dividido em dois módulos a serem trabalhados:

- Módulo I – Primeiro semestre: “Traços do Modernismo nas identidades”;
- Módulo II – Segundo semestre: “(Re) Antropofagia”.

Os educadores foram orientados a dialogarem com as ementas de suas linguagens com o tema anual proposto para realizarem seus planos de aulas. Almejávamos ter um primeiro semestre com uma rotina de aulas que focasse o processo de ensino-aprendizagem e, no segundo semestre, nos concentraríamos na criação e nos ensaios do espetáculo a partir dos conteúdos já trabalhados.

Propus que desenvolvêssemos a pesquisa teórico/prática com atividades que fossem para além da sala de aula, através das mais variadas atividades pedagógico-culturais, as quais dialogassem com o tema anual. Pretendia que, por meio dessas vivências e devolutivas, as crianças fossem incentivadas a se envolver e a contribuir com suas opiniões para a criação do espetáculo, tornando-se parte ativa de todo o processo e, conseqüentemente, que o ensino-aprendizagem se efetivasse promovendo seus protagonismos.

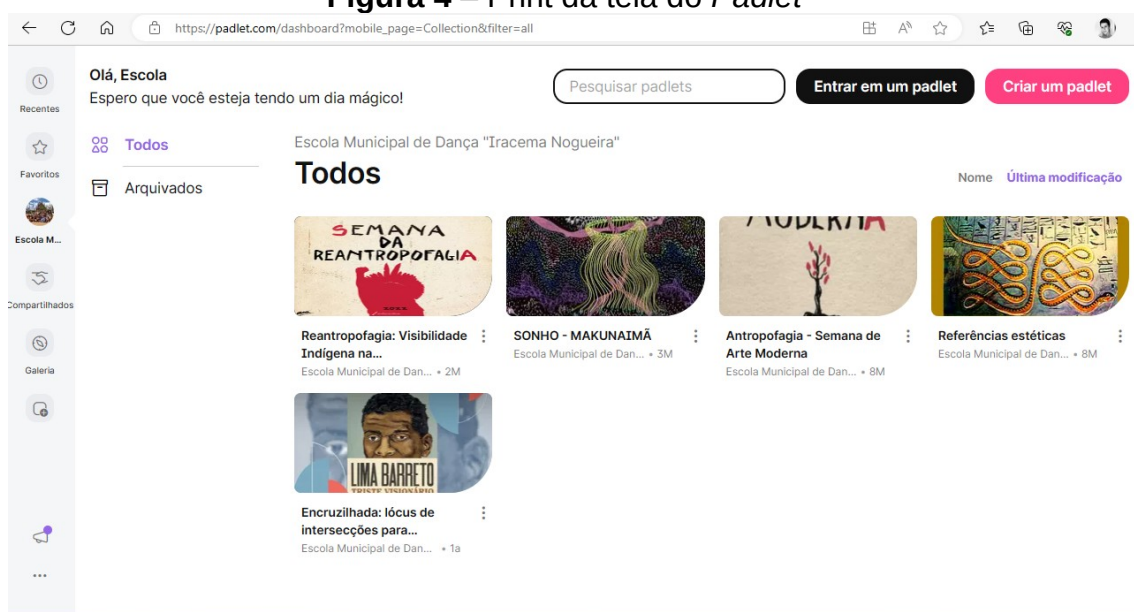
Por isso penso serem tão relevantes os entrelaçamentos, as trocas, as redes e as pontes da escola com artistas independentes e instituições educacionais, como a Universidade principalmente, para a importante missão de quebrar velhos paradigmas e nos proporcionar outros moveres. Através do PRODAN da UFBA reafirmei a importância das fricções, do borrar das fronteiras, da transversalidade das áreas e

pude realizar alguns intercâmbios com meus colegas e suas pesquisas nessa valiosa intersecção.

Alguns colegas do PRODAN gentilmente compartilharam suas pesquisas conosco e contribuíram de modo significativo no desenvolvimento de nossos propósitos artístico-pedagógicos.

Concomitantemente a essas atividades, nós educadores e equipe continuávamos nossas pesquisas e diálogos nas reuniões de HTPC<sup>54</sup>. Parte de minha função era trazer referências bibliográficas e imagéticas e, para facilitar nosso processo de pesquisa, sugeri o uso do *Padlet*<sup>55</sup>, que conheci através de uma colega do PRODAN nas aulas de Análises e Configurações Coreográficas com as Professoras Doutoras Helena Katz e Dulce Aquino.

**Figura 4 – Print da tela do *Padlet***



**Fonte:** elaboração própria.

Na EMD realizamos os chamados aulões, que são aulas expositivas e coletivas ministradas pelo coordenador técnico/artístico, nas quais se apresentam as pesquisas e referências para a criação do Espetáculo. Ao término desses aulões, os estudantes realizaram trabalhos artísticos<sup>56</sup> sobre suas impressões que evidenciaram o quanto eles foram afetados sobre as temáticas abordadas. Esses

<sup>54</sup> HTPC = Horas de Trabalho Pedagógico Coletivo.

<sup>55</sup> *Padlet* é uma ferramenta *on-line* que possibilita organizar e compartilhar com várias pessoas, através da criação de quadros virtuais, cronogramas de trabalho, facilitando sua alimentação de dados e visualização. Para consulta, acesse: <https://padlet.com/escolaquedanca>.

<sup>56</sup> Usei alguns desses trabalhos no corpo deste texto e coloco outros nos anexos.

trabalhos foram fundamentais para montarmos nosso mapa artístico<sup>57</sup> que nos orientou na concepção do Espetáculo, o qual pode ser conferido na Figura 5.

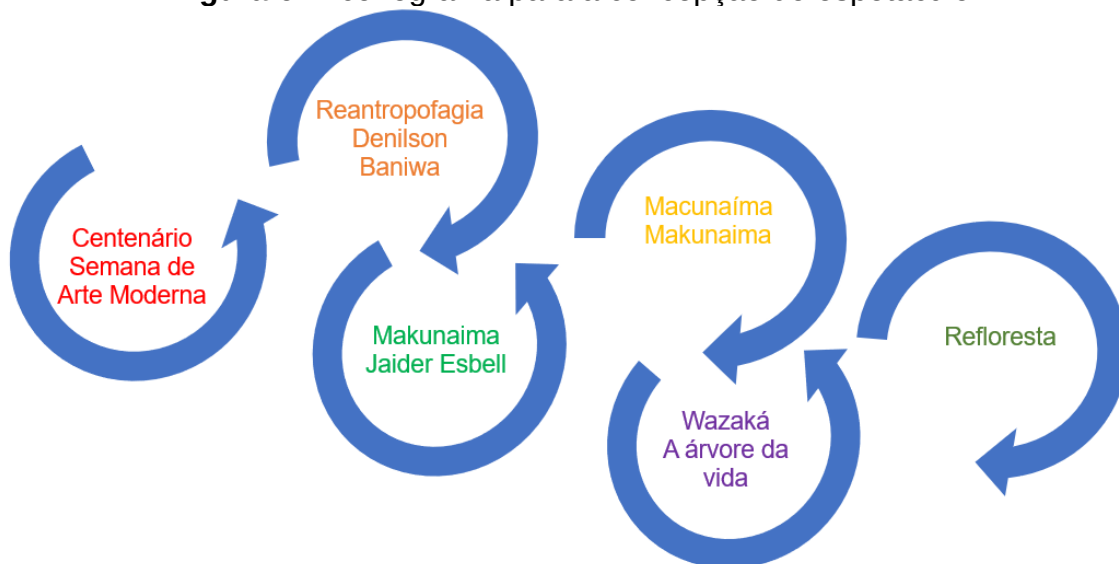
**Figura 5** – Mapa artístico



**Foto:** autoria própria (2022).  
**Fonte:** Arquivo EMD.

Depois de vivenciar todos esses processos descritos, esbocei uma organização da estrutura dramática do espetáculo a partir dos referenciais contidos no esquema abaixo e que posteriormente foi revista e reelaborada coletivamente com a equipe.

**Figura 6** – Iconograma para a concepção do espetáculo



**Fonte:** autoria própria (2022).

Quando consideramos que o tema central do espetáculo dialogaria diretamente com questões indígenas e que um artista indígena seria nossa grande referência e

<sup>57</sup> Inspirado no Estado da Arte que elaboramos no componente “Abordagens e Estratégias para Pesquisa em Processos Educacionais em Dança” com as Profa. Dra. Cecília Accioly e Profa. Dra. Lenira Rengel do PRODAN.

nosso homenageado, fomos acometidos por uma grande inquietude. Como nós educadores, majoritariamente brancos não indígenas, poderíamos dialogar com questões e cosmologias dos povos originários tão complexas sem sermos levianos e desrespeitosos?

Foi então que tivemos o auxílio de alguns autores do livro coletivo **Makunaima: o mito através do tempo** (Eisbell *et al.*, 2019): Deborah Goldemberg, Marcelo Ariel e Cristino Wapichana vieram dialogar conosco. Nessa conversa, eles evidenciaram a legitimidade de nossas preocupações e nos aconselharam a não reproduzirmos literalmente os mitos indígenas, e sim transmiti-los, pois dessa forma estaríamos sendo honestos em nossas práticas, dando um passo fundamental para o reconhecimento da cultura e da luta dos povos originários na escola.

Diante dessas trocas, eu convidei a atriz e cientista social Rosana Silva, que já havia sido minha parceira em um outro espetáculo da escola<sup>58</sup>, para somar conosco na elaboração do roteiro desse novo trabalho. Diante dessas questões levantadas, concluímos que era relevante que as narrativas e descrições do mito que aconteceriam no espetáculo fossem elaboradas através da intertextualidade com os textos de Jaider Esbell, trazendo de uma forma mais fidedigna as mensagens de seu avô Makunaima que ele tanto queria trazer à terra onde nasceu Macunaíma<sup>59</sup>.

E assim iniciamos com o prólogo do espetáculo:

*Morî ewaron, sou Makunaima  
Sou como uma bananeira  
Me crio e recrio em mim mesmo  
Sou transmutação  
Passo  
na volta  
venho transformando  
o que transformei na ida  
Já fiz pedra virar touro  
Gente, virar pedra  
Já fui capar de livro  
Filme  
Estive em muitas línguas  
Diversas bocas  
Muitas versões  
Várias formas/estados  
Assim sou eu  
Escolho ser/estar dessa forma  
Porque assim atravesso o tempo  
E como uma corredeira  
Esparramo pistas*

<sup>58</sup> Espetáculo **O boi errante pelos Brasis** de 2019.

<sup>59</sup> Jaider Esbell declarou na *live* de leitura dramática do livro **Makunaima – o mito através do tempo**, em novembro de 2021, que fora convidado a realizar um trabalho na Chácara Sapucaia, o qual não aconteceu devido ao seu falecimento no dia seguinte à transmissão.

de como devemos pisar suavemente  
 nesta Mãe Terra  
 Sem deixar marcas  
 Para a cura  
 Nossa cura  
 Sendo parte de um todo  
 Sou seu avô Makunaima  
 Pai de Macunaíma  
 Sou parte de todos  
 e somos todos parte de um só  
 Prosseguimos criando  
 cocriando...  
 Semeando sonhos  
 e transmutando mundos.  
 Este espetáculo é uma homenagem ao artista Jaider Esbell (1979-2021).

Foram 2 meses para realizarmos a criação do espetáculo, com 16 turmas e mais o Núcleo de Formados e Formandos, núcleo este que promove a continuidade dos estudos em dança àqueles que já se formaram na escola e/ou estão se formando. Contamos com 16 educadores-criadores e 160 estudantes. Respeitando os níveis técnicos de cada turma e o entendimento e a maturidade que cada uma delas apresentou sobre as temáticas, foram elaboradas cenas coreográficas. Simultaneamente desenvolvi minha escuta atenta das composições e, em diálogo com os educadores, elaboramos as amarrações das cenas, incluindo as mudanças dos cenários que compuseram a narrativa.

A grande encruzilhada de convergências de várias vozes, de fricções, saberes e ignorâncias, os desafios e as reviravoltas que encaramos ao longo de todo o processo não poderiam resultar se não em um chamamento à revelação coletiva, ao ápice do reencontro, do encantamento, e esperamos que tenham semeado nas mentes/corações das pessoas a necessidade de transformação das mentalidades/ações para novos modos de ser/estar no mundo para podermos vislumbrar futuros possíveis.

## **5 O ENCONTRO DE MAKUNAIMA E MACUNAÍMA**

Para criar a estrutura dramaturgica do espetáculo, partimos da premissa de que os dois personagens principais, Makunaima e Macunaíma, deveriam protagonizar uma narrativa não linear, explorando diferentes ambientes como floresta e cidade e transitando entre o onírico e a realidade, a floresta e a cidade, de modo a expor as

incoerências da construção histórica e das identidades brasileiras e revelando a obsolescência do modelo colonial no desenvolvimento da sociedade contemporânea.

Convidamos Macunaíma a viajar pelo tempo, ao partir de seu nascimento sustentado pelos ideais modernistas de Mário de Andrade e em busca de seu Muiraquitã na Paulicéia Desvariada, chegando na São Paulo de 2022. Ele é a própria evidência dos ciclos destrutivos que se repetem, perduram e se intensificam na história da nossa sociedade, essa roda-viva perversa de uma busca insana do “progresso”, de uma colonização que nunca cessou. Macunaíma simboliza a invenção de uma identidade brasileira moderna, que se afastou dos saberes ancestrais e de suas raízes, enquanto Makunaima permeia nesses tempos caóticos de destruição, renunciando uma necessária transformação.

Diante da complexidade dos personagens protagonistas, idealizamos suas representações coletivas, assim, eles foram concebidos como uma espécie de “multipersonagem”. Macunaíma foi interpretado por 3 estudantes e, para criá-lo, resgatamos o “mito das três raças”, muito em voga nos estudos antropológicos dos séculos XVII e XX, no qual a identidade brasileira era sustentada na miscigenação do negro, do branco e do “índio”<sup>60</sup> e contido na obra de Mário de Andrade. A coreógrafa Ana Paula Picco nos explica o processo:

[...] me atentei na questão dos 3 irmãos e pensei na transmutação da personagem principal que acontece ao longo do livro. Também levei em consideração a ideia do mito original e da incerteza de não saber se eram 3 irmãos ou 3 faces do mesmo ser.

Para representar a subjetividade de Makunaima, o mito fluido, artista da transformação, que abarca e se compõe de todas as coisas da natureza, inspiramos nas representações do mito nas telas de Jaider Esbell e, para concebê-lo, vislumbramos um “multipersonagem”, composto por 16 estudantes. A coreógrafa Renata Pestana nos dá mais detalhes sobre a concepção/criação:

Makunaima que está em tudo e por tudo perpassa. É da questão cíclica também tudo se completa e tudo se retoma. E foi nesse sentido que eu optei por trabalhar os canons<sup>61</sup>, as coisas acontecendo em cascata e depois se reconstruindo e depois se desconstruindo, nesse movimento cíclico, de constante transformação e reconstrução e modificação.

<sup>60</sup> O termo “índio” é uma indicação que referenciava erroneamente os indígenas, pois não reconhecia as especificidades linguísticas e culturais dos diferentes povos.

<sup>61</sup> Canon é quando os bailarinos realizam um mesmo movimento ou sequência um após o outro, como uma onda.

O espetáculo transcorre com o trânsito desencontrado dos dois personagens, com a crescente indignação de Macunaíma diante das atrocidades causadas pela humanidade. O ápice da narrativa é o encontro dos dois personagens, quando finalmente Macunaíma tem uma epifania e reconhece sua progênie e então se despe de suas roupagens ocidentais e se amalgama ao mito Makunaima, em uma volta ao ponto primordial.

A transmutação de Macunaíma lhe permite libertar seu corpo/mente das amarras coloniais, orientando-o ao caminho de novas possibilidades de (re)existir e recriar, afinal, o “futuro é ancestral” (Krenak, 2022, p. 11).

*Macunaima da Morada do Sol  
Sou Makunaima da Raposa do Sol*

*“...eu me grudei na capa daquele livro. Dizem que fui raptado, que fui lesado, roubado, injustiçado, que fui traído, enganado. Dizem que fui bestar. Não! Fui eu que quis ir na capa daquele livro. Fui eu que quis acompanhar aqueles homens. Fui eu que quis ir fazer a nossa história. Vi ali todas as chances para a nossa eternidade. Vi ali toda a chance possível para que um dia vocês pudessem estar aqui junto com todos. Agora vocês estão juntos com todos eles e somos de fato uma carência de unidade. Vi vocês no futuro. Vi e me lancei. Me lancei dormente, do transe da força da decisão, da cegueira de lucidez, do coração explodido de grande paixão. Estive na margem de todas as margens, cheguei aonde nunca nenhum de nós esteve. Não estive lá por acaso. Fui posto lá para nos trazer até aqui”<sup>62</sup>*

## 6 A CIRANDA DA CRIAÇÃO

A criação dessa ciranda só foi possível graças aos entrelaçamentos de várias mãos em passos sincronizados, construídos cuidadosamente dia a dia, pois a nossa finalidade era a colaboratividade e a coletividade, nas quais as diferentes áreas se misturassem, e que houvesse efetivamente práticas dialógicas e horizontais. Para tanto, foram necessários muitas escutas, ajustes e muito respeito.

O espetáculo não se compôs de um compilado de coreografias que se resumem a números de dança; ele foi um emaranhado de cenas e de elementos tramados em tessituras criativas que constituíram sua narrativa.

A escolha estético-visual para a concepção do cenário foi inspirada pelas pinturas e por esta passagem contida no texto de Jaider Esbell (2018, p. 14): “Quando meu avô transforma algo em pedra ele não destrói. E Makunaima passa, na volta, vem transformando o que transformou na ida. Ele vem sempre em outra forma”. A partir daí,

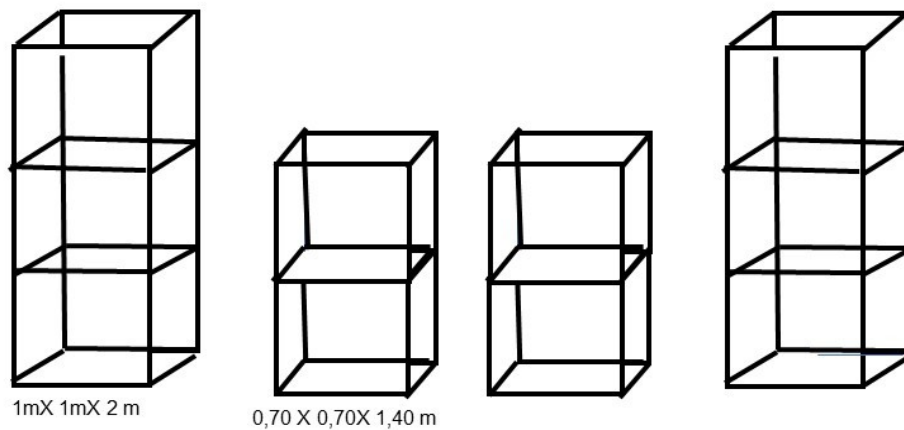
---

<sup>62</sup> Trecho utilizado na narração da cena do encontro dos dois personagens. Texto de Jaider Esbell, **meu avô em mim** (2018, p. 16).

idealizamos estruturas de ferros que pudessem ir se transformando a cada cena/situação, trazendo dessa forma a sensação de contínua transitoriedade. Além de serem componentes ativos da narrativa, essas estruturas agregavam como objeto facilitador as composições coreográficas.

Sendo assim, desenvolvemos, com ajuda da educadora de artes visuais Maza Tidei, 4 estruturas de ferro cujas faces fixavam diferentes painéis, conforme se observa na Figura 7:

**Figura 7** – Projeto de estruturas de ferro



Fonte: autoria própria (2022).

O cenário também foi composto de projeções de obras de Jaider Esbell, escolhidas por cada coreógrafo e que conversavam com as temáticas de suas criações. As principais obras que utilizamos foram: **Meu avô em Mim!** (2018), **It Was Amazon** (2016) e outras obras, conforme vemos na Figura 8:

**Figura 8** – Projeto: cenário Floresta de Concreto



Fonte: autoria própria (2022).

Para compor o emaranhado de tramas estéticas do espetáculo, recebemos a multi-artiste Muca Rangel para conceber os figurinos, no intuito de torná-los parte ativa e participativa no processo, como algo também pedagógico. Muca concebeu e produziu os figurinos, através das proposições de trocas criativas, promovidas pela observação das criações coreográficas, dos diálogos e das vivências com os educadores-criadores e estudantes.

A vivência com os estudantes do 4º e 5º anos foi particularmente marcante, pois eles mergulharam completamente na proposta e mudaram significativamente suas relações interpessoais. Essa turma participou da coreografia intitulada **Quanto vale?** dos educadores/coreógrafos Rodrigo Canela e Janayna Marcato. Essa criação tratava dos desastres ambientais devido à ganância dos homens, tais como o rompimento da barragem de Mariana-MG e a contaminação do Rio Doce.

Muca propôs aos estudantes que tingissem os seus próprios figurinos com a lama, realizando uma espécie de ritual. Ao som do atabaque em roda, maceraram os tecidos no barro vermelho enquanto ele provocava: “Vocês vêm as roupas sumindo no barro, mudando de cor? Imaginem se fossem suas casas, suas coisas, vocês, suas famílias?”.

Essa etapa do processo criativo realizado de forma coletiva e lúdica proporcionou aos estudantes uma maior compreensão da proposta do trabalho e o protagonismo deles, pois se sentiram inseridos e ativos em todas as etapas da criação.

Para agregar a trama dessa tessitura criativa, as músicas e as sonoridades foram fundamentais para a orientação do processo de criação e para a composição da narrativa do espetáculo. Elas tiveram a difícil tarefa de promover o diálogo entre o onírico e o concreto, as materialidades e imaterialidades, trazendo elementos das naturezas de culturas humanas, animais e vegetais, que instigassem o pensar/sentir e que nos transportassem a momentos de acolhimento, inquietude e transcendência.

Nossa grande protagonista – a dança – surge nas mais variadas linguagens, com produções de dança contemporânea, balé clássico, sapateado e danças urbanas, mescladas ao teatro e à capoeira e às vezes entre si mesmas. Tivemos coreografias nas quais havia concomitantemente sapateado e dança contemporânea, balé clássico e sapateado, balé clássico e passinho<sup>63</sup>.

Na EMD temos a liberdade e a autonomia para escolhermos as metodologias pedagógicas e os procedimentos nas criações, sendo que alguns educadores-criadores favorecem criações coreográficas coletivas nas quais os estudantes são cocriadores, enquanto outros têm em uma prática mais tradicional ao criarem as cenas e/ou as coreografias e replicarem-nas para os estudantes. Nessa polifonia de métodos de criações e de linguagens artísticas, foram criadas cenas e coreografias que harmonicamente se interligaram e compuseram o todo com as demais áreas artísticas, como cenografia, figurino, músicas e sonoridades, fechando essa ciranda criativa.

Chamamos para cirandar conosco mais de 1500 pessoas<sup>64</sup> que nos assistiram, mães, pais, avós, irmãos, outras crianças de 5 escolas integrais do município de Araraquara, em um total de 8 apresentações. Ademais foram muitas trocas, muitas emoções e muitas realizações. Quiçá tenhamos sensibilizado as pessoas e reflorestado mentes/corpos para um futuro mais sustentável e respeitoso com os verdadeiros detentores da sabedoria ancestral – os povos originários.

---

<sup>63</sup> Estilo de dança urbana que surgiu nas comunidades do Rio de Janeiro em meados dos anos 2000.

<sup>64</sup> Sem contarmos as pessoas que nos assistiram através da transmissão ao vivo pelo YouTube nos dois dias que se seguiram. O link do espetáculo está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CVhZF4sSdnY>.

## REFERÊNCIAS

AMARELO. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma: Netflix, 2020. 99 min. Documentário original da plataforma streaming Netflix.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

ALVAREZ, Luciana. Na época dos algoritmos, escola só faz sentido com vínculo e paixão, diz Muniz Sodré. **Revista Educação**, São Paulo, ed. 283, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2022/03/16/muniz-sodre-escola/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

ARARAQUARA. **Lei nº 9.801, de 27 de novembro de 2019**. Institui o Plano de Cargos, Carreiras e Vencimentos (PCCV) dos profissionais do Quadro de Magistério e Funcionários da Educação Pública do Município de Araraquara, e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2019. Disponível em: <https://www.legislacaodigital.com.br/Araraquara-SP/LeisOrdinarias/9801-2019>. Acesso em: 22 de março de 2022.

ARARAQUARA. **Lei nº 5.899, de 09 de setembro de 2002**. Institui a Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” e dá outras providências. Araraquara: Prefeitura do Município de Araraquara: 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/a/araraquara/lei-ordinaria/2002/590/5899/lei-ordinaria-n-5899-2002-institui-a-escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 10 nov. 2023.

BONDÍA, Jorge Larrossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 19-28, jan./abr. 2002.

BRANDÃO, Ana Elizabeth Simões. **Arte como tecnologia educacional**. 2015. 258f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 23 out. 2022.

CASA das Rosas. **Makunaimã – o mito través do tempo**: leitura de fragmentos do livreto (primeira parte). São Paulo: [s. n.], 12 nov. 2021. 1 vídeo (45:40 min). Publicado pelo canal Casa das Rosas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9P9vagG\\_hql](https://www.youtube.com/watch?v=9P9vagG_hql). Acesso em: 14 maio. 2022.

DINATO, Daniel. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. **MODOS**. Revista de História da Arte, Campinas, v. 3, n. 3, p. 276-284, set. 2019. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>. Acesso: em 24 maio 2022.

ESBELL, Jaider. Makunaima, meu avô em mim! **Illuminuras**, Porto Alegre. v. 19, n. 46, p. 11-39, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/85241>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ESBELL, Jaider. Passo a passo Makunaima. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 26 fev. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/26/passa-a-passo-makunaima/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

ESBELL, Jaider. Passo a passo Makunaima. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 04 fev. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/02/04/passa-a-passo-makunaima/>. Acesso em: 31 mar. 2022.

ESBELL, Jaider *et al.* Makunaimã – o mito através do tempo. **Galeria Jaider Esbell**, [S. l.], 13 set. 2019. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2019/09/13/makunaima-o-mito-atraves-do-tempo/>. Acesso em: 18 maio. 2022.

ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA “IRACEMA NOGUEIRA”. **Plano Político Pedagógico (2022-2024)**. Araraquara: EMD, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GERMANO, Beta. Re-Antropofagia, de Denilson Baniwa, de 2018. **Artequeacontece**, [S. l.], 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.artequeacontece.com.br/a-semana-de-22-mario-de-andrade-e-as-ideia-de-brasilidade/>. Acesso em: 24 maio. 2022.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de criação. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, São Leopoldo-RS, v. III, n. 2, p. 65-74, dez. 2001.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir** – a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KREPSKI, Lucia Helena. **O ensino de dança na Escola Municipal de Dança de Araraquara**. 2020. 130f. Dissertação (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara (Uniar), Araraquara, 2020.

MARQUES, Isabel. A dança no contexto e os novos contextos da dança. *In*: SANTAELLA, Lucia; MOTTA, Everson (org.). **Dança sob o signo do múltiplo**. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2020.

MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel. Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade. *In*: PEREIRA, R.; SOTER, S. (org.). **Lições de Dança 4**. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2004. p. 135-160.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RENGEL, Lenira Peral; SANCHES NETO, Antrifo Ribeiro; BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões (Beth Rangel); AQUINO, Rita Ferreira de. **Arte/dança como tecnologia educacional I**. Salvador: Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30858/1/eBook%20Arte%20Dan%c3%a7a%20como%20Tecnologia%20Educativa%20I.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

RENGEL, Lenira Peral; BRANDÃO, Ana Elisabeth Simões; SANCHES NETO, Antrifo Ribeiro; SILVA, Dulce Tamara da Rocha Lamego da. **Dança como tecnologia educacional II**. Salvador: Escola de Dança; Superintendência de Educação a Distância, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/553576/2/eBook%20DANB06%20-%20Danca%20como%20Tecnologia%20Educativa%20II.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2022.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como educação. **Rev. Exitus**, v. 9, n. 4, Santarém/PA, out./dez. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-94602019000400262&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 03 maio 2022.

SILVA, Luciane Ramos. A dança dos outros – Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo. **Moringa Artes do Espetáculo**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 91-98, jun./dez., 2019.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

## APÊNDICE B – RELATOS PÚBLICOS<sup>65</sup>

Dados pessoais:

Suzane Rossan

Contato: (16) 98863-4916, suzane.rossan@gmail.com

Mini bio: Bacharel e Licenciada em Dança pela Unicamp e pós-graduada em Gestão Cultural pelo Senac/SP. É professora da Rede Municipal de Ensino de Araraquara, atuando na educação integral do Ensino Fundamental.

O espetáculo traz uma atmosfera de suspensão, como algo meticulosamente alinhavado, à mercê do desejo de trazer uma narrativa instigante aos olhos do espectador - horas por meio de estranheza, horas por meio da curiosidade, horas por meio da beleza.

Deixa clara a presença de um olhar orientador do todo, enquanto traz evidente uma dramaturgia consciente: um fio contínuo, mas que se permite perpassar nuances diversas: cores, energias, estéticas e linguagens. Traz uma escolha inteligente de aparatos cenográficos. São mutáveis, transformadores. São espaço-entre, mas também são passíveis de preencher. Exaltam, mas também circundam. São horizonte, mas também são próximos. São urbanos, são natureza, são paisagem, são apoio. Estão em função da ideia de que "Quando viu, já mudou" - assim como a vida, assim como o tempo.

Nos deixa a sensação de que vimos danças de corpos que sabem bem o que estão fazendo e sobre o quê estão falando. Traz movimentos em função de um enredo bem desenvolvido e estudado, indo contra uma estética vazia de sentido.

Permite o cru, no sentido de em muitos momentos não temer a força do gesto genuíno. Mas demonstra se pautar em estratégias refinadas de pesquisa e de possibilidades narrativas, porque quando acaba, percebemo-nos de volta ao campo real do qual nos mantivemos suspensos.

Dados pessoais:

Beatriz Borghi

Contato: (16) 98122-0364

Mini bio: Bacharel e Licenciada em Dança pela Unicamp, educadora das "Oficinas Culturais" Secretaria de Cultura do Município de Araraquara, representante da cadeira de dança do conselho municipal de Cultura.

Viver a história dessa escola é viver o sonho desses alunos, desses professores e dessa cidade. É fazer parte de uma resistência e um respiro numa arte que se sufoca em egos e ambivalências.

Makunaima é sobre a gente e é sobre o outro; viver em harmonia com nossas faíscas e com nossas selvas internas. É acolher e respeitar, dilacerar as fronteiras e abraçar o que nos é mais sagrado: a natureza. Trazer e plantar essa semente dentro de uma Escola Municipal de Dança (que já é por si só, sua existência é uma revolução) é fazer brotar uma linda árvore de consciência coletiva e reflorestar nossas mentes.

Dados pessoais:

<sup>65</sup> Relatos cedidos à pesquisadora, entre os meses de de 2022 a março de 2023.

Rosana Aparecida Silva  
Contato: (16) 99634-8862

Mini Bio: Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais mestra em Sociologia pela UNESP, atriz, contadora de história, professora de teatro e música na Rede de Ensino Integral do Município de Araraquara.

Sobre a Escola Municipal de Dança: Sou Rosana Silva atriz Contadora de Histórias, e atualmente trabalho com as oficinas de Música e Artes Cênicas na Educação Integral da EMEF CAIC Vale do Sol. Em 2009 conheci a Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira, dando aulas de Filosofia. Fiquei encantada e entusiasmada com a Escola e todo processo de Ensino Aprendizagem de Arte. E desde então os profissionais e a proposta de trabalho viraram referências para mim. Em 2012 trabalhei como Professora de Relações/ Educação Ambiental e continuei observando a beleza e força de uma escola de Dança pública. Em 2018, 2019 e 2021 trabalhei como professora de Teatro. Em Mostras Culturais da Educação Integral, observei de perto a Escola virando referência de trabalho com Arte para todas as outras Escolas, e como o alto nível de criação e produção artística contribuiu para que outros profissionais buscassem elevar o nível do próprio trabalho.

A EMD Iracema Nogueira é um Espaço/Território/Chão/Terreiro/Pátio/Palco de profundos processos de construção da Pessoa Humana. Quem se sintoniza com a proposta de criação artística vive um tempo de ressignificado da própria existência; vive conflitos de relacionamento e superação de si e da ação coletiva. A busca de soluções individuais fortalece o repertório de subjetividades de cada um e constrói um corpo. Esse corpo se desenvolve e cresce inspirado na dança da vida e dos passos específicos. Todo esse processo de aprender a ser e viver a dança e as outras artes é imprescindível para o desenvolvimento do nosso Ser no Mundo. São tantas as pessoas que passam, ficam e vão que as marcas deixadas são compreendidas de muitas formas. Umás são esquecidas, outras vão preenchendo o inconsciente coletivo, individual e familiar, outras representam um apego apaixonado, um caminho que chegou e ficou para se tornar uma jornada e trajetória de vida, outras tantas foram vividas no calor do momento, tantos frios na barriga, tantas inseguranças, tantos desejos de Potência e coragem, tantas decisões para Ser no palco o melhor que pudessem ser. Tantos poucos casos. É a vida acontecendo em sua Potência Máxima de crescimento. A EMD é um tempo de crescimento, sustentação, vividos em constante decisão. Falo dessas decisões diárias que precisam ser tomadas no calor do momento. Decisão como reação, resposta ao fazer diário da vida e da convivência humana. Decisão que deve ser experienciada em cada 8 tempos que se conta. Criar algo, obedecer a comandos, fazer o que um adulto propõe, executar um ritmo, um passo, um desenho ou o que for nos convocar a um estado de presença que ora atingimos com alegria, outras com controle, outras com entusiasmo e assim por diante. Me faltaram palavras... Saber da existência de uma escola pública de dança e de todas as condições de acesso e permanência oferecidas pelo poder público é realmente incrível, necessário e revolucionário. Saber de cada Ser responsável por criar arte com crianças e adolescentes é todo um universo particular e coletivo. Cada adulto/ profissional com suas dores, traumas, expectativas, visões de mundo, Potência intelectual e Estética, amadurecimento nas relações é também a representação das complexidades da existência. As propostas artísticas da EMD ressoam muito em mim. Eu acredito na Escola e a dinâmica de rotatividade de propostas é um ganho. É só na e pela diversidade que podemos ser versões melhores de nós mesmos e do país.

O espetáculo do ano de 2022 é um marco de pensamento atualizado. Reconta histórias, apresenta novas perspectivas das histórias culturais e artísticas da cidade de Araraquara e do Brasil. A beleza do cenário e dos objetos cênicos me impressionou.

Eu fui atravessada pela consciência ambiental proposta com a leitura crítica do desmatamento das florestas e das enchentes nas cidades. A questão do individualismo e da falta de conexão com a vida coletiva é muito importante para mim.

---

Dados pessoais:

Rafaella Berto Pucca

Contato: (16) 99701-3393

Mini Bio: Bacharel e Licenciada e Mestra em Letras pela UNESP, Atriz e professora de teatro, Coordenadora do Centro de Ofícios e Artes “Judith Lauand” da Secretaria Municipal de Cultura.

MAKUNAIMA: uma escola para reflorestar mentes.

Existe um lugar, além da linha do trem, que efetivamente concretiza muitos sonhos: é bonito, diverso, alegre, com acessibilidade, movimento, criação, consciência social e política, liberdade de ser e estar. Falo da Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira de Araraquara.

Nasceu da vontade de democratização das artes, contra os conservadorismos de uma cidade que entendia dança apenas para a elite que por ela poderia pagar, afinal para estes senhores “dança não é política pública, dança não é educação, dança não emancipa ninguém, dança é só entretenimento”. A EMD nasce para desconstruir tudo isso, e desconstrói, há 21 anos e em cada processo de criação e apresentação de espetáculo de conclusão do ano. A escola tem a dança como carro chefe, mas traz aos estudantes oficinas das mais diferentes linguagens artísticas, ampliando o repertório cultural de crianças e jovens que levarão maior sensibilidade para vida. Já formou artistas renomados, mas também deu ao mundo profissionais das mais diferentes áreas (concluindo curso superior ou não), com a capacidade de olhar para o mundo com empatia, solidariedade está de que estamos todos precisando.

Conheço e acompanho esta trajetória desde a proposta e fundação, comecei a fazer parte dela em 2010, como professora de teatro concursada. Mas em 2022, contemplei uma experiência distinta, agora sendo gestora do Programa irmão, as Oficinas Culturais; fui contemplar como público, convidada por ex-alunes e colegas de longa data, a finalização do processo MAKUNAIMA – produção que dialoga com as obras de Jaider Esbell, Mario de Andrade e Ailton Krenak.

Como é diferente estar de fora, imaginar como foi construída cada cena, quais as mentes pensantes de cada proposta e execução. Ledo engano, pois a dificuldade em se identificar quem está por trás, está justamente na construção coletiva. Reflorestar mentes é um conceito que começa por si só no pensar sistêmico, onde o ego do crédito pessoal não cabe, pois “eu sou porque nós somos”, não existe o uno sem o outro. As cenas pisam leve sobre o palco, as marcas e pegadas ficam na alma. O herói sem nenhum caráter é entendido na sua concepção original, ou seja, não há falta de ética em Macunaíma, pelo contrário, a perda de caráter é a desconstrução dos valores ocidentais pela busca da identidade brasileira na diversidade (em busca da Muiraquitã). As músicas selecionadas, o reviver mitológico, os saberes ancestrais e as conexões contemporâneas efetivam no espetáculo mais um sonho: educar com a

consciência Terrana, entendendo todas as formas de vida em comunhão e sem hierarquias. Mais uma incrível conquista do Iracema, Evoé, e vida longa a EMD!!!!

---

Dados pessoais:

Bárbara Miglioli

Contato: (11) 94254-2764

Mini Bio: Bacharel, Licenciada e Mestre em Química pela UNESP, pesquisadora e integrante do Grupo “Bonde das Batukera”

O espetáculo me causou grande comoção. Os temas tratados em cena eram muito fortes e rotineiros, desde a vida e sofrimento de pessoas em situação de rua, frente à indiferença dos outros, até a extinção de povos originários e de seus saberes e terras sagradas. A dança, a música e a expressão corporal dos jovens teceram com delicadeza e poesia a trama de assuntos sérios que devem ser urgentemente notados. Chorei de emoção, de alegria e de tristeza, vendo a força e a coragem dos jovens ao retratar tais temas. Me arreepei, sorri e cantei junto com tantas músicas conhecidas e que são, além de poesia, um grito de aviso. Vi a dança como forma de expressão, senti as mensagens que eram passadas nos olhos e na pele. Durante todo o espetáculo me deparei refletindo o quanto a escola Iracema Nogueira é uma ferramenta potente de formação e, sobretudo, salvação de tantos jovens da cidade. Quisera eu, quando criança, ter tido acesso a uma escola tão maravilhosa e potente

---

Dados Pessoais:

Fabiana Virgílio

Contato: (16) 99706-0889

Mini Bio: Bacharel em Direito – UNIARA, atriz, ativista cultural e vereadora do Município de Araraquara.

Ailton Krenak nos desafia quando nos impõe a tônica para refletir sobre “Ideias para adiar o fim do mundo” e a primeira certeza é que a Escola Iracema Nogueira, ADIAR O FIM DO MUNDO!

Em tempos de desassossego e de inconstância coletiva, a Iracema Nogueira se alicerça como premissa basilar do direito à vida plena e abundante. É nela que todas as inquietudes e desassossego é deixada para fora dos portões da escola e o que existe dentro são corações pulsantes, criatividade ativa e livre fruição de nossas existências, questões épicas para adiar o fim do mundo e que ano após ano se reinventa.

Sob a coordenação artística de Geórgia Palomino, o espetáculo final de 2022 vem arraigado do revistar Araraquara, nossa cidade quente, terra do Sol, dourada e que foi inspiração para a escrita de Macunaíma e sob a ode desse anti-herói se levantam heróis brasileiros, do dia a dia no palco desbunde da EMD.

Os elementos cênicos mutáveis transformam cubos metálicos em edifícios, abrigos, ruas, se transformam em versos, em prosas e suspendi o tempo.

O espetáculo inicia mansinho, trazendo os elementos oníricos mitológicos, depois adentra para um organismo vivo denso chamado cidades, a mesma que nos acolhe, nos impulsiona e que as vezes nos repele. O espetáculo traz reflexões sociais necessárias e emergentes, tais como o aumento da população em situação de rua e de maneira empírica nos mostra a reflexão “transitório”, pois o estar população em

situação de rua não pode e nem deve ser algo perpetuo. O espetáculo é brilhantemente conduzido dentro de nossos sentidos, literalmente, até o olfato foi chamado pelo cheiro de queimada cênica que nos sufocou (metaforicamente) e vez o público chorar com as mortes das árvores.

O espetáculo nos impõe a do século XXI: não haverá vida se não houver meio ambiente e isso nos atravessa pela arte, essa mãe fértil, atingível, etérea de nossas existências, A ARTE, sempre ela, que nos arrebatada e que sempre nos mostra quão necessária é, Ferreira Gullar já dizia: “A arte existe porque a vida só não basta” e que bom, que bom existir a EMD e dessa forma, vamos adiando o fim do mundo e reflorestando nossas mentes.

---

### **Relatos dos educadores da EMD, sobre seus processos e impressões, coletados pela pesquisadora em março de 2023.**

Dados pessoais:

Aline Escamilha

Mini Bio: Licenciada em Educação Física, Especializada em Dança, bailarina coreógrafa, professora de sapateado da EMD

Cena: Desmatamento

Sobre o processo de criação da coreografia eu não tinha ideia do que seria isso, né? O que me causou alguma angústia. A única coisa que eu tinha em mente é que eu não queria que os alunos se sentissem como vilões, como desmatadores. Eu coloquei para eles que eles seriam tanto o sujeito que age cortando as árvores, e eles seriam também os receptores dessa devastação. O Sentindo o próprio corpo é como sendo as próprias árvores ou como sendo o próprio ser humano, que ao mesmo tempo que destrói, recebe a reação de ser destruído.

A gente conversou sobre isso. Não é que é isso mesmo que acontece, não é um ser humano destrói e recebe. A reação do mal que ele fez. Também comentei com os alunos que eles poderiam. Se sentir como se fossem as próprias ferramentas. O próprio Machado, a própria máquina. Os tratores, que fazem a derrubadas das árvores. Então, seria o a gente que destrói. Eles recebem também essa destruição e eles são o objeto que causa essa destruição.

De todo esse processo reflexivo. Eu selecionei alguns vídeos do YouTube que falavam sobre desmatamento e a relação disso com o meio ambiente e como o ser humano sofre essas consequências e reflexões sobre poder, ganância, que o ser humano tem com relação ao outro ser humano, com relação a se sentir dono da natureza e tratá-la como ele bem entende e dos reais motivos do desmatamento. E com relação ao aspecto das doenças, inclusive Coronavírus. O que toda essa desarmonia e desrespeito causa para nós mesmos?

Um outro momento foi uma roda de discussão entre os alunos, em que eu pedi que eles colocassem alguma situação, que eles tivessem presenciado, com relação ao corte de árvore.

Enfim, eu sei que a gente comentou sobre esse assunto de que toda ação tem uma reação e ações que não são corretas resultam em catástrofes mesmo e aí a gente fez essa abrangência para o que acontece no mundo. Dessas ações incorretas que resultam em catástrofes, naturais, coisas que o ambiente sofre mesmo por conta da ação errada do ser humano.

Com relação a parte coreográfica específica do sapateado, eu escolhi uma música que fosse neutra, então eu optei por um instrumental do grupo Akiti e deixei-me envolver por aqueles sons, e criei primeiramente o ritmo que eu gostaria que fosse ouvido. Então eu parti do ritmo, não da movimentação, então explorei esse ritmo, fiz a criação e passei para os alunos treinarem. A gente, eu e os alunos colocamos na lousa algumas palavras que remetiam a essa ideia do desmatamento, então cada um foi trazendo as suas palavras: Cortar, fatiar, derrubar, destruir, desmatar, machado, trator, e partindo dessas palavras, a gente fez um laboratório de movimentação espontânea com eles ao som da música e dessa ideia que eles foram colocando nos seus corpos, eu captei algumas dessas e usei na coreografia.

A criação rítmica foi primeiro e, depois de treinar esse ritmo é que a movimentação corporal foi colocada em favor do assunto, da temática, do desmatamento para remeter então e trazer essa ideia do personagem. E por último, foi a cena final. Não é uma cena que não necessariamente foi sapateado, eu pedi que os alunos assistissem, alguns vídeos do YouTube de como que é o corte da árvore e a gente viu algumas máquinas. que fazem cortes drásticos. Não é na mata, então são máquinas assim realmente destruidoras, que picota uma árvore, arrastam as árvores. Uma coisa bem forte, impactante, destrutiva, assustadora mesmo, e vimos também tratores com uma corrente que vai arrancando as árvores pela raiz, deitando toda a mata e, por fim, as Queimadas.

Depois de assistirmos esses vídeos, a gente ficou uma aula inteira nos 10 minutos finais da aula, eu falei, olha para a gente não perder todo esse assunto que a gente conversou e essas informações que a gente visualizou, vocês têm 10 minutos para fazer uma criação com tudo isso que vocês viram e aqui estão disponíveis alguns materiais, então deixei os tubos de PVC, uma corda também e falei que eles usassem aqueles materiais criando uma cena. Então eu saí da sala em 10 minutos eles tinham construído maravilhosamente uma cena que foi que representou toda aquela cena final, lógico que foi um esqueleto, né da cena, mas ali continha tudo o que era necessário a tinha os PVC sendo usados como troncos de árvores e tinha os PV também sendo usado como Machado para cortar a árvore, e sendo usados como tratores que passam por cima. Tinha uma corda também, que depois foi substituída pela corrente, mas eles representaram essa corda também puxando, arrancando as árvores pelas raízes.

E, por fim, a também teve o material dos véus, véu fan que eu conheci através na linguagem da dança do ventre e achei que seria muito pertinente para representar as queimadas, o fogo e a criação desse véu fan também é outra coisa que foi muito legal. É que eu só ensinei os alunos como segurar esse véu, não ensinei um único movimento, eles trouxeram toda a bagagem corporal que eles têm das aulas dedança e uma coisa muito individual também, de trazer à tona os seus sentimentos. Eu, eu via que eles se sentiram livres usando aquele material não tiveram nenhuma dificuldade de usá-lo

O material humano deles também foi muito bom, não só em questão corporal de movimento, mas intelectual mesmo, de entender a proposta, então aquele conteúdo foi muito legal. Fiquei muito feliz mesmo. Foi um resultado bem legal e eles saíram satisfeitíssimos. Nessa última aula que eles em 10 minutos fizeram essa criação, foi incrível, eu os aplaudi, arrepiei. Eles se sentirão assim: Nossa, nós construímos isso! Depois houve lapidações, ajustes, mas a ideia, a construção de toda essa temática, dessa história foi deles.

---

Dados pessoais:

Henrique Bisetto

Contato: (16) 98170-9498; hbisetto@yahoo.com.br

Mini Bio: Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais, especializado em arte-musicalização, professor de capoeira da EMD

Cena: Enchentes

A coreografia enchente foi criada por mim, pelo professor Rodrigo Canela, e pelos alunos do 2º e 3º para o espetáculo “Makunaimã: reflorestando mentes”, na EMD em 2022.

Sobre a organização da montagem e dos ensaios, tínhamos aula juntos, eu e o professor Rodrigo, às segundas-feiras com os alunos do 2º e 3º ano da EMD. Durante a semana eu tinha em média uma aula com estas turmas a cada dia da semana.

No início, fiz uma sensibilização do tema “enchente” através de uma conversa orientada com os alunos acerca do tema, seguido de vídeos e reportagens sobre o assunto. Após isso, o professor Rodrigo montou uma sequência coreográfica de dois “oitos” aproximadamente com movimentos de dança contemporânea e capoeira. Esse foi o início prático da montagem, embora estas movimentações não tenham ficado no início da coreografia.

A professora Priscila, então professora de música, nos ajudou com a escolha da música, recomendando a música “Enchente”, do grupo Clarianas. Analisamos a música, fizemos uma contagem e seguimos com o processo de criação.

Em uma das minhas aulas, propus a criação de uma cena cômica (levando em consideração a faixa etária), com aspectos teatrais, a respeito de uma situação que poderia acontecer em uma enchente. A turma foi dividida em dois grupos, orientamos os alunos a usarem alguns objetos da sala de aula como objetos cênicos (bancos, caixas, baldes) e assim os alunos criaram dois ideias interessantes que foram aproveitadas e aperfeiçoadas com técnicas cênicas e cálculo do tempo para encaixe na música. Esta aula contou com a ajuda da professora Pamela, de teatro, que estava de janela no dia e topou acompanhar o processo de criação dos alunos.

Em outra aula minha, aproveitei os berimbaus que estão na sala de capoeira e pedi para eles imaginarem que aquilo era um rodo e criar uma sequência de um “oito” tendo o rodo como objeto cênico para uma coreografia. A divisão agora foi feita em duplas e o registro no final da aula foi feito pelo celular. Estas criações também foram aproveitadas na coreografia utilizando doze rodos aqui da escola.

O professor Rodrigo criou as sequências de dança contemporânea com movimentos de capoeira nos outros momentos da música, assim como também auxilia no processo de limpeza da movimentação, tanto da cena teatral como também da parte da coreografia com os rodos.

A professora Denise preparou as caixas que foram utilizadas como objetos cênicos e simulavam caixas que são utilizadas em uma mudança rápida motivada pela enchente. O professor Carlos Fonseca e a professora coordenadora Geórgia auxiliaram na correção técnica e cênica participando cada um em uma aula comigo.

No dia da apresentação, o aluno Gabriel, que tinha um papel cênico importante em várias partes da coreografia, machucou o pé e teve que passar por uma cirurgia, não podendo, portanto, participar da apresentação. Fizemos uma adaptação rápida com o aluno José Elton fazendo um solo nos momentos em que ele era a dupla do Gabriel e preenchendo outros espaços do palco que antes eram ocupados também

pelo Gabriel. O Gabriel veio até a escola para assistir ao espetáculo e estava bastante chateado por não poder participar da apresentação.

A aluna Anahy é uma pessoa com deficiência e participou da coreografia. Além de suas limitações físicas e cognitivas, ela faltava bastante porque fazia aulas de reforço na outra escola. Apesar destas questões, montamos uma movimentação de acordo com o que ela podia fazer e pedimos ajuda de uma outra aluna, Vitória Barros, para orientá-la, nas coxias nos momentos em que ela entrava em cena.

Considero que o trabalho foi bem-feito e que os alunos ficaram satisfeitos com o resultado, assim como nós professores, a equipe e a plateia. Além disso, a coreografia estava em um nível que, unindo a seriedade com momentos cômicos, conseguiu comunicar a mensagem da questão “enchente” aos alunos e assim ser mais significativa para eles. Por fim, o processo colaborativo foi fundamental para mim que venho da capoeira e não tenho uma formação cênica. E o fato de ter sido feito na coletividade, contando com professores e os alunos nos processos de criação e ensaio, é muito satisfatório pois se aproxima das criações da cultura popular da qual sou admirador.

Dados pessoais:

Rodrigo Canela

Contato: (16) 99777-3632

Mini Bio: Bacharel e Licenciado em Educação Física e especializado em Fisiologia do Exercício

Cena Quanto Vale?

O processo de criação do quanto vale foi uma coreografia que ela teve um caráter bem colaborativo e bem misturado, né? É que a gente colocou elementos da capoeira, da dança contemporânea, do sapateado.

O tema é muito forte que foi a tragédia de Mariana, né? Então nós usamos esses elementos como técnica, a técnica da capoeira, com a dança contemporânea já faço esse trabalho já há um tempo e aí nesse ano nós tivemos oficina do Alisson Lima, que também tem faz esse tipo de abordagem. Então a gente aproveitou muito nesse contexto. A professora Janaína, entrando com o sapateado.

A linha de raciocínio foi exatamente falar um pouco do descaso com os povos ribeirinhos, com a ambição, é uma crítica social. A ambição das mineradoras em detrimento aos recursos naturais. O quanto que o homem dentro da sua ganância acaba depredando tudo que ele tem, porque a gente faz parte da natureza, a gente faz parte da Terra, a Terra não é nossa.

Ele foi muito desafiador porque em relação à parte de comportamentos, porque foram 2 turmas que não tinham uma ligação muito forte entre elas, na época, o quarto e quinto ano e o processo de composição do figurino foi maravilhoso. Eu acho que foi um start. Nós fizemos com a música, né? Nós, o figurinista, um laboratório na lama, onde a gente confeccionou esses figurinos na lama, e aí a gente aproveitou, virou brincadeira, a gente rolou na lama. Fizemos o nosso figurino ali e essa interação causou uma transformação muito grande, principalmente nas turmas de quarto ano, porque eles eram uma turma com uma autoestima muito baixa e isso os despertou eles agora estão muito diferentes, e ali foi o ponto de mudança do comportamento deles. Eles se sentirem artistas se sentirem capazes, estavam presentes, né? Independente de corpos de técnica, enfim de padrões, né? Então me marcou muito

esse processo, mais até do que qualquer resultado cênico, né? Apesar de ter sido muito bonito. Imagino que seja pelo fato dessa transformação de atitude das turmas. E isso me chamou muita atenção. Eu gravo isso e vou gravar por um bom tempo. Acredito que eles também.

---

Dados pessoais:

Vivian Tavares

Contato: (16) 98138-6800

Eu vou deixar aqui registrado como o espetáculo tem importância na minha vida. Na verdade, cada espetáculo tem muita importância na minha vida, são muitas, inúmeras aprendizagens e em todos os sentidos, nas relações, nas pesquisas, nas criações e nas produções. São processos muito importantes que me fazem crescer como pessoa e como profissional. Desenvolver isso com os alunos é um desafio, porque são temáticas parecem que não estão nossa vida cotidiana, mas estão. Então assim, tem todo um processo da gente trazer essas pesquisas para a nossa realidade. Então, quando eu digo que elas não fazem parte, fazem é porque a gente muitas vezes não para pensar em tudo isso que a gente está vivendo essa contemporaneidade, enfim, e o que de resgate histórico que é, e a gente tem que fazer a cada a cada momento, então assim, desenvolver isso com as crianças é muito desafiador, porque é uma responsabilidade muito grande, mas que, as coisas vão fluindo de acordo com a característica da turma com, enfim, com as condições que a gente desenvolve. Foi bastante desafiador nesse sentido de entender também o que nós estávamos fazendo e chegarmos ao resultado, foi bastante interessante até o processo de mudança de música, né? Passando pela aceitação disso e incorporar esta nova versão né? Que com certeza ficou muito boa. Então é isso. Acho que foi muito valioso, como todos os anos, a cada espetáculo que é construído aqui na escola, agrega muito, muito valor para minha vida como um todo.

Como mãe de aluno é mágico, é encantador, muito gostoso ver, o João Lucas curtindo todos esses processos e ele é uma criança que gosta, que interage, que participa e que está muito feliz. Isso me deixa também muito tranquila de saber que ele está num lugar por escolha dele. Ele é uma criança que nasceu praticamente aqui na escola, né? É vivenciou inúmeras. Apresentações, Projetos, eventos, mas com o público e a partir do momento que ele está no palco como aluno, então é um orgulho muito grande de estar aqui na escola, de acompanhar esse processo dia a dia com ele. Então assim, é uma realização. É satisfação de estar junto com ele aqui, diariamente, vendo-o evoluir a cada dia, a cada aula, e aplaudi-lo no final da apresentação dele. Isso é muito gratificante. Deixa a gente muito feliz e vamos incentivá-lo para que ele tenha a arte como alimento para a vida dele, que eu acho que isso vai fazer uma grande e já faz uma grande diferença.

---

Dados pessoais:

Carlos Fonseca

Contato: (16) 99155-9793

Minha "chegada" ao processo de elaboração e montagem do espetáculo "Makunaimã: reflorestando mentes" se deu meio que tardiamente, nos seus momentos finais. Dessa forma, constituiu um movimento de escutar e tatear

gradativamente a produção. A partir de um convite prévio de Geórgia, antes mesmo de meu regresso à escola, procurei desenvolver a proposta de uma coreografia com o Núcleo de Formados e Formandos sobre o tema da Cura, sempre considerando os saberes prévios e parcos sobre o tema do espetáculo: a questão do Macunaíma e certa revisão histórica da produção ficcional de Mário de Andrade. Pautando-me no histórico e no perfil do que são as produções do Núcleo e pensando também na honestidade do meu distanciamento em relação aos demais professores no processo de montagem, acionei alguns pressupostos. O primeiro deles era sobre a reverberação dos valores trazidos, apropriados os usurpados dos povos indígenas, mas que, de uma forma ou de outra, configuram modelos alternativos de (re)existência nas grandes cidades, como o das culturas e práticas neoxamanismo. Assim, a coreografia aponta, ao mesmo tempo, caminhos e demandas de um novo ser/estar no mundo, que se relaciona, obviamente, com o contexto contemporâneo, capitalista, imediatista e consumista dos tempos coevos. A coreografia partiu de motivos como: mandalas, abraços, apoio mútuo, equilíbrio, respeito e ancestralidade.

Na montagem da cena em que se encontram as cobras mítica e de metal, motivos que atravessam, perpassam e colidem com a relação passado/futuro, natureza/urbanidade, procurei, com base no que havia sido conversado com a Geórgia enquanto diretora do espetáculo, partir da própria ideia antropofágica do devorar/deglutir como ações fundamentais dessas cobras. Faz parte de inúmeras narrativas míticas a existência de monstros "comedores de gente", que, em nossa montagem, "comem" a figura tripartite de Macunaíma e seus irmãos. Ambas as passagens das duas cobras, que se sucedem no palco nos primeiros momentos do espetáculo, percorrem trajetórias espiraladas, numa referência direta ao tempo mítico, segundo podemos encontrar em formulações teóricas de Levi-Strauss, Donald Schüller, Gilbert Duran e Ernest Cassirer, por exemplo. São momentos de grande relevância para a narrativa do espetáculo, sendo que, inclusive, ocorre o retorno de uma das cobras ao fim da coreografia A cura.

---

Dados Pessoais:

Ana Paula Picco

Contato: (16) 99706-4031

“A Escola Municipal de Dança Iracema Nogueira é o local de trabalho dos sonhos de todo profissional de dança”. Escutava essa frase com frequência e depois que comecei a trabalhar lá passou a ser mais frequente ouvir dos outros essa afirmação.

Claro, um ambiente dedicado exclusivamente para o ensino da arte, sobreviver 20 anos em um país que tem por tradição não dar valor devido aos profissionais da cultura, principalmente nos últimos 4 anos, é de se dar o devido valor.

Mas, ainda assim, como um ambiente de trabalho tem seus conflitos e entraves. É uma instituição pública que acaba sofrendo as consequências com mudanças de governo, falta de recursos e burocracias administrativas.

Porém, depois de um ano, posso afirmar que sim, apesar das dificuldades que se apresentam, a EMD é um local almejado de trabalho para um profissional de dança. Em especial para aquele que deseja desenvolver um trabalho de qualidade e que se envolve nas propostas e temáticas propostas. A dinâmica da escola exige do corpo docente tomadas rápidas de decisão. Apesar de um cronograma já estabelecido, com

datas e eventos específicos, surgem demandas que precisam ser realizadas em curtos períodos.

Os que não entendem o funcionamento da escola ou então não tem interesse de envolvimento acabam sendo levados pelos outros, inerentes aos trabalhos desenvolvidos, muitas vezes com produções que destoam dentro do resultado geral apresentado.

Como fechamento das pesquisas e trabalhos desenvolvidos durante o ano temos a espetáculo de final de ano. Em 2022 a temática teve como mote inicial a semana de 22, depois se desenvolveu para uma retomada do modernismo atualmente, para então chegar na temática indígena, através da conexão entre a obra de Mário de Andrade, Macunaíma, e o mito Makunaimã (ou Makunaima), que deu origem à obra.

Apesar de existir uma coordenação artística, responsável por direcionar as pesquisas, o processo foi bem colaborativo, dando abertura para ideias e opiniões do corpo docente. Novamente, houve diferentes níveis de envolvimento e desenvolvimento das produções por parte dos professores/coreógrafos.

Ao todo, em 2022, foram 10 meses de trabalho na EMD Iracema Nogueira. Como recém-chegada, ainda me encontro em “lua de mel”, vendo com muito mais intensidade as vantagens oferecidas e aproveitando as oportunidades que a escola possibilita de desenvolver um trabalho de qualidade, oferecendo aos seus alunos vivências que deveriam ser de muitos mais.

Os processos se deram de maneira bem distinta, até porque uma delas foi feita de maneira colaborativa, o que não havia feito ainda. Para a coreografia Macunaíma, fui buscar na obra o que se o que me chamava mais atenção e que seria pertinente ao tema, como eram apenas 3 alunas, me atentei na questão dos 3 irmãos e pensei na transmutação da personagem principal. Ao longo do livro também levei em consideração a ideia do mito original e da incerteza de não saber se eram 3 irmãos ou 3 faces do mesmo ser demorei para encontrar uma trilha que fizesse sentido, por acaso, nas inúmeras pesquisas, encontrei a música a cara do Brasil, de Ney Matogrosso, que, inclusive, trouxe uma temática atual para o processo.

Na coreografia dos invisíveis, começamos uma conversa com os alunos sobre as pessoas em situação de rua E dividimos a música em partes que seriam coreografadas por mim e outras encenadas. Com a ajuda da professora de teatro. A música usada foi sugerida pela direção criativa. Surgiu então a ideia de trabalhar com 2 grupos, Os Invisíveis e os transeuntes. A coreografia foi feita a partir dessa distinção de 2 mundos que coexistem e, ao final da coreografia trocamos de lugar.

---

Dados pessoais:

Renata Pestana

Contato: (16) 99704-4146

Sou professora Renata Pestana, professora de dança contemporânea do Iracema Nogueira desde a fundação da escola, em 2002. O que eu tenho para dizer em relação a construção, realização, pesquisa, interação, que a gente teve que a gente teve proporcionado no espetáculo. Macunaíma, de 2022, foi um trabalho grandioso, tanto em relação com produto quanto como o processo, porque só quem está dentro da construção da pesquisa, da elaboração da troca, é que percebe tamanha grandiosidade. Desde o trabalho em equipe não é só na pesquisa, as muitas e diferentes, possibilidades de diferentes abordagens até a importância da constante

construção e reconstrução do processo mítico, principalmente dentro do universo indígena. É dos conhecimentos múltiplos que o estudo em cima de uma lenda ou de uma cultura pode proporcionar em termos sociais e culturais. É que as crianças tiveram muitos desdobramentos. Ao longe a gente pode ver isso nos desenhos, nos relatos, no que as mais impressionou, é nas possibilidades visuais de construção cênica, né? Desse processo, nas mensagens é que o espetáculo conseguiu. Definir e colocar em cena não é tanto só no aspecto ambiental quanto no aspecto de respeito, nos importantes olhares que a gente tem que ter. Com relação ao desde o lixo é tecnológico, até o respeito pelo próximo, pela cultura do outro, pelo ponto de vista, pela sabedoria popular. É pelo mundo contemporâneo, pelo mundo dos antepassados, enfim, se isso não ficar claro, ainda que visualmente fique no corpo, fica na memória corporal, fica na memória. É de cada aluno e inclusive de cada espectador. Então eu acho que mais uma vez a gente conseguiu contemplar as diretrizes do nosso processo político pedagógico enquanto Iracema Nogueira e sim, fazer um Marco na construção cultural da história da EMD. Fico muito feliz com o resultado. Tenho grandes aspirações de que isso se repita cada vez mais grandiosamente e vamos aí para 2023.

Falando sobre a montagem da minha coreografia especificamente do espetáculo do A questão é espiritual mesmo, Makunaima que está em tudo e por tudo perpassa. É da questão cíclica também que tudo tem tudo se completa e tudo se retoma, foi nesse sentido que eu optei por trabalhar os canons, das coisas acontecendo em cascata e depois se reconstruindo e depois se desconstruindo. E nesse, nesse movimento cíclico de retomada de tudo, volta e tudo acontece novamente em outro contexto, mas aos mesmos sentidos, né? De constante transformação, reconstrução e modificação. É na evolução do ser humano.

---

Dados pessoais:

Paula Delbon

Conato: (16) 99737-6347

Quando ficou decidido que dentro do espetáculo “Makunaímã - Reflorestando mentes”, a minha temática seria a “favela”, a professora Vívian me sugeriu que fizesse algo sobre a situação do ballet clássico como instrumento de programas sociais que acontecem nas comunidades.

A princípio seriam estudadas as comunidades de São Paulo.

Mas algumas semanas depois essa informação mudou, e então seriam retratadas comunidades do Rio de Janeiro.

Busquei no Google informações sobre projetos que envolvessem crianças, e encontrei uma reportagem sobre o projeto “Favelas do Brincar”. O projeto busca trazer momentos de ludicidade e impulsionar a aprendizagem através das brincadeiras no espaço da favela. Esse projeto percorre favelas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Essa informação me chamou a atenção porque independente do espaço em que a criança habita, nela em primeiro lugar habita a infância. Quando o assunto é retratar a favela, a primeira informação que vem à mente é a questão da violência. Com a leitura dessa reportagem minha abordagem inicial foi rumo a infância: criei uma cena em que as meninas brincavam e quando a bailarina passava por elas, todas seguiam a colega para o balé. Com a composição do cenário e do figurino, creio que ficou claro que se passava no ambiente da favela. Assim como nas cenas e transições que vieram a seguir.

Encontrei também em meio aos estudos, um vídeo de uma aula de balé acontecendo dentro de uma sala de dança enquanto do lado de fora acontecia uma ação policial. O que muito me chamou atenção nesse vídeo, foi que de dentro da sala os alunos viam o que acontecia lá fora, mas isso não os tirou a atenção da aula, mesmo após um dos policiais apontar a arma para dentro da sala.

Com esse vídeo, cheguei a pensar em compor uma cena se passando atrás das meninas enquanto elas dançavam, talvez em meio ao cenário. Mas com as outras dificuldades coreográficas que me apareceram e o pouco tempo para realização do espetáculo, acabei abandonando essa ideia.

Assim, seguindo os estudos para encontrar possíveis gatilhos para inspirar a criação coreográfica, iniciei a busca musical. Apesar das músicas que encontrei, escolhi “REFAVELA- Gilberto Gil” que foi sugerida pela Geórgia, e que na minha opinião melhor se encaixaria com a linguagem do balé.

Feitas essas duas pesquisas, fiz ainda um terceiro estudo: dos passos que foram trabalhados ao longo do ano nas aulas de balé e que poderiam compor a coreografia. Para a composição da coreografia de balé não encontrei muitas dificuldades, a não ser o pouco tempo que temos para realizar as correções.

Após a coreografia do balé clássico, a turma com a qual estava coreografando também dançaria a coreografia do “passinho”, mostrando assim o contraste que há das danças que acontecem nas favelas. Para a criação dessa coreografia, eu estaria junto de um professor de danças urbanas para acompanhar o processo e ajudar nos ensaios quando ele não estivesse. Mas, devido a problemas com a parceria que a escola estabeleceu com ele, a coreografia não foi completada e eu assumi. Isso aconteceu até certo ponto, pois como eu não domino essa linguagem, pedi ajuda da professora Janaína para concluir o trabalho e juntas ensaiamos a turma. Tivemos muito pouco tempo para a criação da coreografia do “passinho”, na minha opinião precisaríamos ter ensaiado mais.

Contei com a ajuda da Geórgia para as transições de cena, composição de cenário, tal como elementos de cena e com o Muca Rangel para criação dos figurinos.

Ao final, a Geórgia preparou as cenas de transição entre coreografias trazendo a cena a questão violência vivida no ambiente das favelas. Isso, na minha opinião era um elemento que faltava e que precisava ser retratado.

---

### **Relatos das estudantes sobre o passeio pedagógico de São Paulo, coletado pela pesquisadora em junho de 2022.**

Dados pessoais:

Gabrielle Ulisses

Formada na EMD em 2020, integra o Núcleo de formados formandos da EMD

Contato: (16) 99603-4251

Ontem foi incrível a gente ter ido para São Paulo, ver a exposição do Sebastião Salgado, foi muito bom, me impactou muito, porque eu nunca tinha tido a experiência de viver uma exposição fotográfica ainda mais dele que eu já tinha ouvido falar já sabia de alguns de seus princípios, ele sempre está querendo focar nas minorias da sociedade e todo tempo que eu passei no Iracema (EMD) a gente sempre buscou trazer as pessoas que estão sempre a margem da sociedade. Ver pelos olhos dele (Sebastião Salgado), pela pelas fotos que ele tirou, mexeu muito comigo, porque eu lembrei de todos os movimentos que a gente já vivenciou no Iracema. Foi muito

incrível e indescritível a sensação que eu senti ao ver as fotos, elas são incríveis! Nossa as fotos pareciam texturadas!

Assim foi muito bom!

Depois a gente foi lá no teatro São Pedro foi também muito incrível, eu nunca tinha ido em outro teatro sem ser o daqui da cidade (Araraquara) do Teatro Municipal e foi muito bom também poder ver olhar para as coreografias, que a gente foi assistir e bastante coisa que a gente já aprendeu e vivenciou também no Iracema e ver a junção de tudo, das luzes do som, ver os bailarinos dançando, é muito bom a gente ver de fora, foi muito bom ver de fora e ver que por trás de tudo aquilo que eu tava vendo tinha um processo e que eu também já tinha passado por algo parecido no Iracema, então assim foi muito incrível muito incrível mesmo Fiquei muito feliz de ter ido.

Dados pessoais

Poliana Jacob de Almeida

Formada na EMD em 2020, integra o Núcleo de formados formandos da EMD

Contato: (16) 98869-4360

Minha experiência de ir para o teatro São Pedro e assistir essa companhia (SPCD) foi perfeita, porque eu amo eu respiro arte, eu respiro dança, então tudo que tiver de arte envolvido eu vou amar independente do que seja. Eu amei ver os bailarinos e tudo que envolvia a coreografia eu amei a continuidade que eles davam na apresentação com as luzes, a música ao vivo, eu nunca tinha visto uma coreografia com música ao vivo, foi muito, muito lindo. O teatro (Theatro São Pedro), nem tenho que dizer, eu amei muito! Lindo! Quero muito voltar, ir lá assistir várias coisas! Porque sério, eu amei! Foi incrível.

**Relato sobre a experiência da participação do Espetáculo: *Ciranda dos sonhos: Historiografias dançadas*, apresentado no Festival Internacional de Dança de Araraquara (FIDA) no evento de premiação “Hora ao Mérito” concedido à EMD- set. 2022. Depoimento coletado pela pesquisadora em março de 2023.**

Dados Pessoais:

Bruno Bolatto

Publicitário, formado na EMD em 2010 e ex-integrante do Núcleo de Formados e Formandos da EMD

Contato: (16) 98807-5220

O que foi a apresentação no FIDA para mim?

Após alguns anos pude retornar a uma sala de aula de dança. Confesso que havia um certo medo e incerteza de tudo aquilo e até mesmo da capacidade em retornar, mas também uma ansiedade e felicidade por estar de volta ao lugar de onde nunca deveria ter saído.

Ao entrar na escola, a primeira emoção vem à tona, ouço de longe o Trenzinho Caipira de Villa Lobos (a música que marcará a minha despedida, marcava também, mesmo que breve, o meu retorno). No mesmo instante o corpo inteiro já se encontrava arrepiado e mais do que pronto para viver tudo aquilo novamente.

Talvez dançar seja como andar de bicicleta: nós nunca esquecemos. É intrínseco, acredito que grave na alma, basta a música tocar para que tudo possa ser recordado e como em um abrir das cortinas, o corpo se movimenta, ganha ritmo, ganha melodia, vira arte.

Ao longo dos meus mais de 15 anos com a dança pude dividir os palcos e as salas de aula com as mais diversas pessoas, das mais diversas idades e pensamentos. Dessa vez não fora diferente: novas pessoas, novos jeitos, novos pensamentos, novas histórias.

É incrível como aquilo que nos faz bem, passe tão depressa. Em um período de um pouco mais de 1 mês tivemos o primeiro ensaio e a apresentação final, mas pude aproveitar cada momento, cada contato com o chão, cada movimento, cada nota da música que adentrava a minha essência.

Eis que chega o dia 26/09/2022. Poderia ser mais uma apresentação qualquer, mas nunca é. Os primeiros passos em direção ao palco já indicavam uma explosão de sentimentos e todo o resto se torna natural. A vontade aumenta, o movimento alcança formas inimagináveis, um salto atinge as nuvens e o sorriso ganha um espaço de destaque em meio a tanta coisa.

Ali mesmo no palco as lágrimas começavam a cair, a emoção já havia tomado conta de todo o meu ser e transbordou da forma mais linda possível. Ao sair para a coxia, a lembrança veio à tona e hoje o homem, torna a ser um menino, agachado, aos prantos e feliz. Abraços, felicitações, encontros e lágrimas, mas todas elas remetem a uma única palavra: felicidade.

A vida nem sempre é simples e escolhas são necessárias. O Palco foi uma escolha de anos atrás, mas que é dificultosa atualmente. A saudade apertada, a vontade de voltar é grande, mas a vida as vezes nos leva a outros caminhos, mas como disse no começo, sei que a dança é intrínseca, pois eu não aprendi, ela sempre esteve em mim e pode levar anos para que eu reencontre os palcos, mas quando o fizer, não tenho dúvidas, que será como se nunca tivesse parado.

## **ANEXO A – DISCURSO DA ORADORA DA TURMA, POLIANA JACOB DE ALMEIDA, NA FORMATURA, EM DEZEMBRO DE 2022**

Iracema, esse nome nos remete a tantas coisas: a gratidão; ao aprendizado; a felicidade; a arte e há tantas outras mil palavras. É um lugar mágico, deve ser porque foi uma das melhores coisas que entraram na minha vida e para outros foi a melhor coisa e eu falo isso com tranquilidade, Iracema tem muitas qualidades, mas acho que a maior de todas é de como ela transforma a vida de qualquer pessoa que fica na Escola. Iracema ajuda tantas crianças e adolescentes que estão sem rumo com problemas sérios, ou nem tão sérios, mas que faz a diferença de quando essa criança chega no pátio, conversa, dança se solta nas aulas e isso faz tanta diferença na vida dessa criança. Eu tenho certeza de que deve ser por isso que essa escola está completando 20 anos e já tem tantas memórias maravilhosas.

Nós conhecemos várias histórias de alunos que passaram por problemas bem sérios e aqui era um refúgio para essas mesmas pessoas e para nós também é, aqui a gente se sente em casa, a gente pode voltar aqui para rever todo mundo, os professores e profissionais que marcaram muito a gente e que somos imensamente e eternamente gratos, por tudo mesmo que passamos por aqui.

Aqui alguns descobriram um hobby outros o que querem trabalhar uns vieram só para testar algo novo e que conseqüentemente transformou tudo, tudo que tinha um espacinho a Iracema preencheu, ela nos trouxe pessoas incríveis que queremos por perto pelo resto da vida, ela mesmo ajudou a nos ver na dança, a se encontrar, a se entender, a ver suas qualidades e defeitos que nos ajudaram a ser o que somos hoje e claro eu estou dizendo isso, mas daqui há 10 anos a gente vai estar muito diferente né? Para melhor eu espero!

Ganhamos os melhores e para sempre lembrados anos da nossa vida, aprendemos tantas coisas, que nunca conseguiremos ser capazes de descrever o quão perfeito foi. Há tantos momentos que essa escola nos proporcionou, a autonomia que criamos aqui, nos ajudou a nos impor nos assuntos do mundo lá fora!

Professora homenageada foi difícil escolher um só professor, nossa vontade era que todos fossem falados, mas Georgia Palomino vai representar por todos.

Ge, principalmente a gente fica imensamente feliz de saber que somos sua primeira turma formada a que você acompanhou crescer e agora queremos te agradecer por ser artista, agora a diretora artística, professora, amiga incrível que você é. Agradecemos por cada brincadeira, cada piti, cada chacoalhão que precisava ter dado, obrigado por ser aquela professora que contagia todos com sua alegria e jeito, você também é luz para todos nós, admiramos a artista incrível que você é, nos inspira a cada dia sua determinação e foco, nunca vimos igual!

Não sabemos nem a metade de tantas coisas que você resolve no dia a dia, obrigada por todas as aulas, ensinamentos, conversas e tudo! Mas é sério, a gente sabe que você queria nos esganar muitas das vezes, sabemos que isso não é nada perto do que já aguentou por nós. Você vai poder guardar o nosso muito obrigada de verdade.

Obrigada a todos os professores, profissionais, cozinheiras que fazem uma comida que nunca vimos igual e que vamos sentir muita saudade.

Agentes educacionais, vocês fizeram parte dos melhores anos das nossas vidas, vocês nos ensinaram coisas que vamos levar para o resto da vida, vocês nos ajudaram a crescer para o mundo, agradecemos por todos os ensinamentos. Agradecemos por todos os ensinamentos dados, a todos os aprendizados a cada

puxão de orelha a cada “para de faltar” do Canela, Renatinha que para alguns aqui ensinou a fazer seu primeiro rolamento sua primeira cambalhota e isso vamos guardar para sempre!

Enfim vocês estão na nossa história e se pudéssemos levaremos todos com a gente, desculpem pelas dores de cabeça que demos para vocês, a gente deve muita coisa, sabemos que esse texto não chega nem perto do que vocês fizeram por nós, mas nosso agradecimento está aqui como lembrança.

Como tudo na vida tem um começo meio e fim, bom aqui vai ser sem fim, porque vamos voltar várias vezes e como foi mostrado na formatura passamos exatamente o processo disso tudo. A gente está triste? Claro, depois que entregarem aquele diploma vamos todos desabar de tanto chorar, mas faz parte, a vida é feita de ciclos e esse ciclo vai ser sempre muito bem lembrado e guardado com muito carinho nos nossos corações.

Estamos aqui conseguimos nos formar, desde o primeiro dia de experimento, de todo aquele pessoal os que seguraram estão aqui se formando, somos nós: noix é para sempre, somos quem somos porque somos Iracema!

Iracema Nogueira nós amamos muito você vai ser sempre lembrada com os olhos cheios de gratidão! Ninguém passa por aqui como se fosse um lugar qualquer, você formou carreira de profissionais, formou histórias, formou amizade, deu vivências incríveis e somos pessoas muito felizes, você tem um lugar especial nos nossos corações para sempre, obrigada por tudo.

## ANEXO B – PLANO ANUAL 2022- EMD “Iracema Nogueira”



### ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA “IRACEMA NOGUEIRA”

#### **Tema da Unidade:**

“Inverso- Reverso: reverberações modernistas na contemporaneidade.”

#### **Temática da Educação Integral:**

“Tecendo horizontes: fazer-sentir-pensar para reencantar o mundo”.

#### **01. Identificação**

Nome da unidade escolar:

Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”

## EDUCAÇÃO INTEGRAL

### Endereço completo:

Avenida Vicente Jerônimo Freire nº 12 – Vila Xavier – Araraquara / SP

CEP: 14 801-038

### Equipe Gestora:

Diretora de escola: Vanessa Cristina Caiano de Santana

Coordenador Técnico: Geórgia Rita Palomino

Professora coordenadora: Lúcia Helena Krepski

## **02. Projeto Anual 2022**

**Título: “Inverso- Reverso: reverberações modernistas na contemporaneidade.”**

### **Introdução**

O projeto proposto para este ano, surge de intensas trocas e reflexões sobre temas pertinentes na atualidade com toda nossa equipe, onde destacamos a importância do marco comemorativo do Centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo, e como seus desdobramentos ao longo da História nos proporcionam amplo campo de pesquisa para nossas ações artístico/pedagógicas, vindo assim convergir com o tema proposto pela Educação Integral.

Ao pensarmos como abordar a Semana de Arte Moderna de 22 e do movimento modernista que se segue a partir deste evento, refletimos como conseguiríamos realizar esses estudos prático/teóricos com os estudantes em seus diversos contextos, social, educacional e artístico, de modo que eles se aproximassem do tema e assim pudessem estabelecer uma correlação com suas realidades.

Desse modo, vemos a relevância de abordagens sobre a temporalidade onde espaço-tempo venha, segundo Leda Maria Martins (2021), como tempo espiralar, onde retêm-se o passado como presente, “presentifica-se o passado” para moldar um novo futuro, ou seja, o constructo de novos saberes e novas percepções sobre o mundo, “Tecendo horizontes: fazer-sentir-pensar para reencantar o mundo”.

Neste inverso-reverso do tempo espiralar, longe de exaltar ou condenar os modernistas, gostaríamos de analisar com os estudantes os desdobramentos e influências que este movimento realizou não tão somente nos aspectos artístico-culturais, mas sociais e políticos do Brasil, ao longo desses 100 anos. E desvelar o reverso, “o avesso do mesmo lugar”, como no samba-

enredo da Mangueira, em busca daqueles sujeitos que estavam à margem deste movimento modernista no início do século XX e que ainda lutam por um lugar de representatividade na atualidade.

Nos valendo das orientações dos PCNs para o uso de temas transversais, visamos através dos artistas precursores do modernismo, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral e Villa-Lobos, abordar questões pertinentes da contemporaneidade, como racismo, sexismo, luta classe, povos indígenas e representatividade.

O que faremos com a herança da Semana de Arte Moderna de 22?

“Reantropofizar” nos valendo do conceito de Denilson Baniwa, artista indígena, que se autodeclara antropófago, que busca no protagonismo da arte contemporânea indígena, ferramentas para decolonizar o fazer/pensar e assim lutar e resistir pela causa dos povos originários do Brasil. Desse modo, sem negarmos o que “trazemos”, problematizaremos, analisaremos e nos reinventaremos, almejando que os sujeitos envolvidos possam ampliar e criar horizontes.

### **Justificativa**

“Semana de 22 ainda diz muito sobre a grandeza e a barbárie do Brasil de hoje”.

Este emblemático título do artigo de José Miguel Wisnik, nos provoca a aprofundarmos nossas reflexões, diálogos e análises a partir da Semana de Arte Moderna de 22, e assim direcionar nosso processo de ensino/aprendizagem pela/para/em Artes, para sobretudo podermos compreender este conturbado momento histórico que estamos passando, de tantos retrocessos (político, econômico, social e cultural).

As Artes e a Cultura vêm sendo atacadas e estão sofrendo fortes retaliações com o terrível dismantelamento de instituições culturais no nosso país. Portanto é urgente e necessário que instituições como a Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira”, resista para continuar a existir, demonstrando o quanto a Arte e a Educação, são imprescindíveis para o desenvolvimento integral de pessoas mais autônomas e que possam vir efetivamente a protagonizar mudanças positivas na nossa História.

Utilizando o ditado ioruba: “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje”, acreditamos que possamos e devemos transformar a História única, oficial, que rechaça, invisibiliza, silencia e menospreza minorias em muitas outras Histórias, que segundo

Chimamanda Ngozi Adichie, “podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despertar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada”.

O inverso reverso do movimento modernista e por consequente o Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, nos provoca a “reconhecer o outro em si”, possibilitando o desenvolvimento nos estudantes da alteridade, da solidariedade, da amplitude da consciência de si, do outro e do mundo que o cerca, gerando alterações atitudinais, tão necessárias às transformações sócio/políticas/culturais.

### **Objetivo geral:**

Possibilitar aos estudantes, equipe de docentes e de gestores, experienciar, compreender e incorporar (fazer/sentir/pensar), o processo de ensino/aprendizagem, desenvolvendo processos artístico/pedagógicos inter/transdisciplinares, colaborativos, horizontais e dialógicos no qual culminará em um Espetáculo de Dança.

### **Módulos, meses de desenvolvimento e objetivos específicos:**

Os nomes dos módulos foram elaborados coletivamente a partir de entrelaçamentos entre nosso fazer-pensar-sentir dentro dos processos de ensino/aprendizagem e da proposta do tema.

<b>Módulos</b>	<b>Meses de desenvolvimento</b>	<b>Objetivos Específicos</b>
Módulo I: <b>“Traços do modernismo nas identidades”</b>	Março, abril, maio e junho	<p>Pesquisar e desenvolver painel de tempo espiralar;            Desenvolver noções prático/teóricos de Corpo-lugar-memória;            Identificar traços modernistas ao longo da História;            Relativizar, cultura erudita, popular e de massa;            Relacionar e problematizar movimentos artísticos/culturais, vanguardistas (legitimados) e periféricos (invisibilizados);            Identificar apagamentos históricos nos movimentos artísticos/culturais;            Problematizar a visibilidade e valorização e reconhecimento de artistas, sob uma perspectiva étnico-racial e de gênero;            Definir conceito de representatividade;</p>

<b>Módulo II: (Re) antropofagia</b>	Agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro.	Continuar a desenvolver o painel de tempo espiralar; Desenvolver de modo prático/teórico e criativo, percepções sobre o conceito de antropofagia; Identificar traços do modernismo na atualidade; Promover através do fazer/pensar/sentir processos criativos, na perspectiva de (re) antropofagia. Criar e produzir espetáculo, coletivo, colaborativo de maneira, dialógica e horizontal; Avaliar o processo artístico/pedagógico de ensino/aprendizagem no constructo de novos saberes;
---	---	---

### 03. Organização das Turmas

#### Manhã

Turmas	Nº de alunos	Ano escolar
1º ano e 2º anos	24	4º, 5º, 6º
2º ano	13	4º, 5º, 6º
3º ano	16	5º, 6º, 7º
4º ano	18	6º, 7º, 8º
5º ano	12	6º, 7º, 8º, 9º
6º ano	5	8º

#### Tarde

Turmas	Nº de alunos	Ano escolar
1º ano	38	5º, 6º
2º ano	44	4º, 5º, 6º
3º ano	36	5º, 6º, 7º
4º ano	20	6º, 7º, 8º
5º ano	13	7º, 8º, 9º
6º ano	24	8º, 9º, 1º E.M.

**04. Recursos:**

- Oficinas e materiais existentes;
- Tvs, computadores, filmadora, máquina fotográfica, projetor, celular;
- Vídeos, livros, documentários, conteúdos digitais, plataformas;
- Tecidos, aviamentos e acessórios;
- Materiais para produção de cenário, como papéis, tinta, materiais recicláveis;
- Produção de áudio, vídeos e trilha sonora.

**05. Avaliação:**

Nosso processo de avaliação constituir-se-á das seguintes etapas:

- Avaliação teórica dos alunos em cada oficina ao fim de cada módulo;
- Avaliação Prática dos alunos em cada oficina ao fim de cada módulo;
- Avaliação do processo de montagem do espetáculo ao fim de cada módulo referente ao mesmo, feita pelos docentes e equipe gestora em reunião pedagógica;
- Avaliação do produto do espetáculo com alunos participantes, professores e equipe gestora, na semana seguinte à apresentação do espetáculo;
- Avaliação realizada com os docentes na última semana de aula;
- Avaliação do processo de criação dos TCCs.

**Referências:**

ADICHIE-. Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. trad. Júlia Romeu. São Paulo. Companhia das Letras.2020.

AMARELO. Fred Ouro Preto. Evandro Fióti. São Paulo. Laboratório Fantasma. 8 dez. 2020

DINATO, D. ReAntropofagia: a retomada territorial da arte. MODOS. Revista de História da Arte. Campinas, v. 3, n. 3, p.276-284, set. 2019.Disponível em:<<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/mod/article/view/4224>>.acesso 14 mar. 2022.

MARTINS.Leda Maria Martins. Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro. Cabogó. 2021

RAMOS, Jarbas Siqueira. Desvelando o corpo-encruzilhada: reflexões sobre a encruzilhada como espaço de interseção. Uberlândia/MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Anais Abrace. <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/4470>> acesso 8 mar.2022.

WISNIK. José Miguel. **Semana de 22 ainda diz muito sobre a grandeza e a barbárie do Brasil de hoje.** Folha de São Paulo.12 fev.2022.Ilustríssima. <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2022/02/semana-de-22-ainda-diz-muito-sobre-a-grandeza-e-a-barbarie-do-brasil-de-hoje.shtml>> acesso 4 mar.2022.

## 06. Anexos do Projeto anual da EMD

### Anexo I: Equipe Escolar

<b>Nome Completo</b>	<b>Matrícula</b>	<b>Função</b>	<b>Horário de Trabalho</b>
Vanessa Cristina Caiano de Santana	161179	Diretora	9:00 às 18:00 h
Lúcia Helena Krepski	151653	Professora Coordenadora	2ª, 4ª e 6ª feiras: 7:00 às 17:00 h; 3ª e 5ª feiras: 8:00 às 18:00 h
Geórgia Rita Palomino	205370	Coordenadora Técnica	2ª e 4ª feiras: 9:00 às 18:00 h; 3ª e 6ª feiras: 8:00 às 17:00 h; 5ª feira: 7:30 às 16:30 h.
Rosemara Alves Penha	177849	Agente Educacional readaptada	6:45 às 13:00 h
Liliana dos Santos Joia	171301	Professora de Ballet Clássico	2ª, 4ª e 6ª feiras: das 7:00 às 12:15 h/ 3ª e 5ª feiras: das 7:00 às 13:15 h
Renata Goulart Pestana	160881	Professora de Dança Contemporânea	2ª, 4ª e 6ª feiras: das 12:15 às 17:30 h/ 3ª e 5ª feiras: das 11:15 às 17:30 h
Ana Paula Mattoso Pico	252190	Professora de Dança Contemporânea	2ª e 6ª feiras: 7:00 às 12:15 h/ 3ª feira: 7:00 às 13:00 h/ 14:00 às 17:00 h/ 4ª feira: 7:00 às 12:00 h/ 14:00 às 17:00 h/ 5ª feira: 7:00 às 13:00 h/ 14:00 às 15:00 h
Aline Raile de Miranda Escamilha	169862	Professora de Sapateado/ Danças Urbanas	7:00 às 11:00 h
Janayna Maria Perucci Marcatto	178802	Professora de Sapateado/ Danças Urbanas	13:30 às 17:30 h
Vivian Ibelli Tavares	140562	Professora de Sapateado	2ª feira: 12:15 às 17:30 h 3ª feira: 7:30 às 13:00 H/15:00 às 17:30 h 4ª feira: 7:30 às 11:30 h 5ª feira: 11:15 às 17:30 h 6ª feira: 7:30 às 11:30 h
Henrique Bisetto	200956	Professor de	2ªfeira: 7:00 às 12:00

		Capoeira	h/ 14:00 às 17:00 h 3ª e 5ª feiras: das 7:00 às 13:15 h 4ª feira: 7:30 às 12:00 h/ 15:00 às 17:30 h 6ª feiras: das 7:00 às 12:15 h
Rodrigo Calvanese Canela	168980	Professor de Capoeira	2ªfeira: 7:00 às 12:15 h 3ª e 5ª feiras: das 11:15 às 17:30 h 4ª e 6ª feiras: das 12:15 às 17:30 h
Lilian Aparecida Sampaio	138672	Professora de Música	7:00 às 11:00 h
Renato Remanaschi Cabrini	200964	Professor de Música	2ª, 4ª e 6ª feiras: das 12:15 às 17:30 h/ 3ª e 5ª feiras: das 11:15 às 17:30 h
Paula Roberta Delbon Martins	221090	Professora de Ballet Clássico	2ª, 4ª e 6ª feiras: 13:20 às 17:20 h (horário amamentação) 3ª e 6ª feiras: 12:20 às 13:00 h/13:15 às 17:35 h (horário amamentação)
Maria das Graças Tidei Castanho de Almeida	137852/ 169307	Professora de Artes Visuais	7:00 às 11:00 h/ 13:30 às 17:30 h
Denise Ianuskievcz Torres		Professora de Artes Visuais	2ª, 4ª e 6ª feira: 12:30 às 17:45 h 3ª feira: 11:30 às 17:45 h 5ª feira: 7:00 às 13:15 h
Pâmela Priscila Pires	209333	Professora de Teatro	2ª, 4ª e 6ª feiras: das 6:45 às 12:00 h/ 3ª e 5ª feiras: das 6:45 às 13:00 h
Daniela Lázaro T. Rosa	208817	Professora de Teatro	2ª, 4ª e 6ª feiras: das 12:15 às 17:30 h/ 3ª e 5ª feiras: das 11:15 às 17:30 h
Inaiá Braghini	72621	Professora de Áudio Visual/ Relações	2ª feira: 7:00 às 11:00 h/ 13:30 às 17:30 h 4ª feira: 7:00 às 11 h 5ª feira: 13:30 às 16:30 h (HTPL das 16:30 às 17:30 h) 6ª feira 7:00 às 10:00 h (HTPL das 10:00 às 11:00 h)
Nelma Maria Coelho Falcoski	148105	Agente Educacional	7:30 às 16:30 h
Lilian Redondo Martins Pirolla	109770	Agente Educacional	7:15 às 16:45 h
Ivani Batista Rocha	35300	Agente Educacional	8:30 às 18:00 h
Lidiane Sant'Anna Campos	246395	Agente Educacional	7:40 às 17:40 h
Marco Túlio da Silva Ferreira	96806	Agente Social	8:20 às 17:20 h
Maria de Lourdes Perez Tossato	158739	Agente Social	6:30 às 15:30 h

Marisa dos Santos Antonio	174548	Agente Social	7:30 às 11:30 h
Fábio Cesar Marcelino	138541	Agente Operacional	6:45 às 15:45 h
Adriana Cristina Veltri	78905	Agente Operacional	8:00 às 18:00 h
Maria Lúcia Gonçalves de Brito		Agente Operacional (Soluções)	6:00 às 15:48 h
Telma Suely da Silva		Zeladora (Sangra D'água)	7:00 às 16:48 h

#### Anexo II: Horário das Aulas

Encontra-se em anexo.

#### Anexo III: Projetos Especiais

- \*Estudos e comemoração do Carnaval
- \* Aula Inaugural
- \*Comemoração do Dia Mundial do Teatro e Circo
- \* Comemoração dos Povos Indígenas
- \*Comemoração ao Dia Internacional da Dança
- \* Comemoração ao Dia Internacional do Sapateado
- \*Arraiá das Artes
- \*Desfile cívico de 22 de agosto
- \*Festival de Dança de Araraquara
- \* Comemoração dos 20 anos de aniversário da escola
- \* Espetáculo anual dos alunos de 1º a 6º anos
- \* Comemoração ao Dia da Consciência Negra
- \*Projeto Palco Livre
- \*Apresentações de TCC's e solenidade de formatura dos alunos do 6º ano
- \*Núcleo de Dança de Alunos Formados e Formandos da EMD (ano todo, aos sábados)

#### Anexo IV: Horário das Refeições

Refeições	Horário	Observações
Café da manhã/lanche	8:40 às 9:00	Oferecido a todos os alunos do período da manhã
1º Almoço	11:30 às 12:00	Optativo aos alunos do período da manhã
2º Almoço	13:30 às 13:30	Optativo aos alunos do período da tarde
Lanche	16:00 às 16:20	Oferecido a todos os alunos do período da tarde.

#### Anexo V: Horário de HTPC

Dia	Horário	Professores
Terças-feiras	11:30 às 13:00	13
Quintas-feiras	11:30 às 13:00	13

Anexo VI: Calendário Escolar 2022



Escola Municipal de Dança “Tracema Nogueira”  
**Calendário Anual – ANO 2022**

Mês	Dia/Período	Atividade
Janeiro	28 e 31	Acolhimento/ Reunião Pedagógica e Administrativa
Fevereiro	01	Elaboração do Planejamento anual e organização dos espaços
	02	Início das aulas 2º a 6º anos
	21 a 25	Estudos de Carnaval e elaboração de músicas, performances e adereços
Março	02 a 04	Planejamento do 1º semestre
	28	Comemoração interna – Dia do Teatro e do Circo
Abril	02	Cortejo em Comemoração ao Dia do Circo: “Almoçando Piolhinho” (ACL)
	18 e 19	Comemoração dos Povos Indígenas
	20	Reunião Pedagógica e administrativa com dispensa de alunos: Avaliação do 1º bimestre, permanência ou mudança de estratégias
	25 a 29	Semana de Comemoração Dia Internacional da Dança
	27	Reunião de Pais
Maio	02	Início das aulas dos alunos ingressantes de 1º e 2º anos
	04	Reunião de Pais dos alunos ingressantes
	25 a 28	Comemoração Dia Internacional do Sapateado
Junho	04	Aula Inaugural
	27 a 30	Estudos da Cultura Caipira (músicas, causos, coreografias, figurinos e adereços)
Julho	01	Arraiá das Artes – Festa interna
	11 a 30	Férias discentes e docentes
Agosto	01 e 02	Reunião Administrativa e Pedagógica: avaliação do 1º semestre e planejamento 2º semestre
	03	Início das aulas 2º semestre
	10	Reunião de Pais
	22	Desfile – Aniversário de Araraquara (ACL)
Setembro	5 a 11	Festival Internacional de Dança de Araraquara - FIDA
	27	Reunião Pedagógica e administrativa: Avaliação do 3º bimestre, permanência ou mudança de

		estratégias
Outubro	11	Comemoração Interna 18 anos da EMD com apresentação do espetáculo Nina
	17	Reunião Pedagógica: organização das atividades relacionadas ao espetáculo da escola
	22	Ensaio Geral do Espetáculo de 1º a 6º anos (ACL)
	24 a 28	Semana de apresentação do espetáculo de 1º a 6º anos
Novembro	03 e 04	Avaliação do espetáculo com alunos e professores
	07 a 30	Processos de Criação: Projeto Palco Livre
	20	Comemoração ao Dia da Consciência Negra (ACL)
Dezembro	02	Palco Livre
	05 a 09	Semana de imersão com os alunos de 6º ano: finalização dos TCCs (espetáculo de formatura)
	12	Ensaio geral
	13	Formatura dos alunos de 6º ano
	22	Término das atividades com alunos 2º semestre
	23	Reuniões de Avaliação e encerramento do ano escolar

- Calendário sujeito a alterações conforme necessidade da escola.

Equipe EMD.

#### Anexo VII: Plano de Metas

Em reunião realizada no dia 02 de março de 2022 com equipe gestora, professores e agentes educacionais, com o objetivo de redigir coletivamente o nosso Plano de metas, obtivemos as seguintes informações:

#### **Relatório sobre elaboração em equipe do plano de metas EMD 2022.**

**POTENCIALIDADES:** Entendemos como potencialidades as características e as iniciativas já anunciadas em reunião, e que merecem sua continuidade ou implementação. São elas:

- Construção dialógica;
- Comprometimento;
- Interdisciplinaridade;
- Vínculo afetivo;
- Flexibilização na alteração do calendário de atividades e adequações na organização de atendimento dos alunos para melhor rendimento das aulas e para garantir uma qualidade de vida mais satisfatória aos alunos;
- Melhor exploração dos espaços alternativos;
- Plataformas digitais, redes sociais e grupos na web para uma comunicação mais eficaz e para divulgação dos projetos e atividades desenvolvidas na escola.

**FRAGILIDADES:** Entendemos como fragilidades as características e limitações que merecem alguma iniciativa no sentido de sua modificação. São elas:

- Limitações para adequação dos espaços;
- Diminuição de evasão;
- Aumento no número de matrículas de alunos ingressantes;
- Espaço para espetáculos;
- Manutenção dos espaços artísticos externos à escola e com os quais contamos;
- Falta de organização dos materiais e procedimentos nos espetáculos e aulas

#### **PLANO DE METAS**

- **META 1:**

**Aprimorar e intensificar os processos de ensino e aprendizagem e atingir um melhor nível técnico e artístico com os alunos.**

**INDICADORES:** Dificuldades e limitações observadas pelos professores na compreensão e execução em sala de aula

**PROBLEMA:** Os alunos não estão apresentando o rendimento técnico esperado nas linguagens artísticas.

espetáculos montados.

**CAUSAS:** a) número diário de faltas e afastamentos de professores; b) dificuldade em encontrar na Rede especialista para substituir professor afastado; c) infrequência dos alunos

**OPERAÇÕES:** a) conscientização diária dos alunos e famílias no sentido de garantir a assiduidade às aulas; b) proposições de atividades diferenciadas em cada linguagem que envolvam os alunos e os desperte cada vez mais para o universo da Arte e suas amplas possibilidades, inclusive com exploração de mídias digitais; c) estabelecimento de parceria com a Secretaria de Educação quando houver necessidade de reposição de professor especialista para cobrir faltas, afastamentos e contratações.

**RECURSOS:** Sala de aula com seus respectivos equipamentos; equipamentos digitais disponíveis na escola; parcerias com a Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura e outras Secretarias; contato próximo e diário com as famílias e alunos.

**PRAZO DE EXECUÇÃO:** dezembro de 2022.

**RESULTADOS DA OPERAÇÃO A:** Aumento do número da frequência diária dos alunos; Maior envolvimento dos alunos em decorrência das propostas de atividades diversificadas de cada linguagem; Manutenção do número de aulas semanais por linguagem proposto no currículo da escola para cada turma.

**AValiação:** observação do desempenho dos alunos nas aulas e produções artísticas.

**REVISÃO GERAL:** Analisar a caderneta de frequência periodicamente; em reunião pedagógica, analisar coletivamente os planejamentos desenvolvidos ao longo do ano; revisar coletivamente as propostas de atividades diferenciadas trazidas por cada linguagem ao grupo de alunos.

- **META 2:**

**Diminuir faltas e evasão escolar**

**PROBLEMA:** Grande número de faltas diárias dos alunos.

**INDICADORES:** Diários de classe.

**CAUSAS:** Falta de envolvimento com a escola; Falta de um controle mais rigoroso juntamente com as famílias; Cansaço e desinteresse dos alunos.

**OPERAÇÕES:** a) maior rigor no uso dos diários de classe com uma verificação cuidadosa da frequência junto às famílias; b) Participação de diferentes turmas em eventos para os quais a escola for convidada; c) Acompanhamento regular das alterações propostas na nova organização curricular da escola a fim de adequar as lacunas existentes.

**RECURSOS:** Diários de classe e telefone para entrar em contato com as famílias; reuniões coletivas para adequações.

**PRAZO DE EXECUÇÃO:** Todos os meses, ao longo do ano.

- **RESULTADOS:** Maior controle da assiduidade e menor número de faltas; Gestão efetiva dos eventos que a escola participa garantindo a participação de todas as turmas; Realização de alterações no currículo da escola se necessário.

**AVALIAÇÃO:** Verificação semanal dos diários pelo professor responsável pelo respectivo diário. Análise da participação das turmas em eventos. Reuniões coletivas com foco no currículo da escola e atendimento dos alunos.

**REVISÃO GERAL:** Discussão sobre os principais casos de falta nas reuniões pedagógicas.

### **META 3:**

#### **Garantir um maior envolvimento das famílias com a escola**

**PROBLEMA:** Necessidade de maior envolvimento das famílias com a escola.

**INDICADORES:** Presença reduzida em reuniões de pais; poucos responsáveis interessando-se em participar do Conselho de Escola; presença reduzida de responsáveis quando solicitados a renovar matrícula; inadimplência no envio de documentos que são solicitados para compor o prontuário dos alunos; contatos telefônicos sempre desatualizados.

**CAUSAS:** Alegação de falta de tempo e de atenção na vida escolar do aluno devido ao trabalho e às outras atividades que ocupam no cotidiano.

### **OPERAÇÕES:**

- a) estimular e conscientizar às famílias sobre a importância da participação dos pais nas reuniões e no conselho de escola;
- b) garantir que os bilhetes destinados aos responsáveis sejam recebidos, através de canhotos de devolução com assinatura;

- c) envio de bilhetes e comunicados da escola via WhatsApp em grupos fechados por turmas e administrados pelos professores;
- d) postagens de comunicados nas redes sociais da escola como Facebook e Instagram;
- e) desenvolver encontros e eventos que promovam interação, fruição e práticas artísticas envolvendo as famílias no ambiente escolar.

**RECURSOS:** mídias digitais, papel, reuniões e eventos nas dependências da escola.

**PRAZO DE EXECUÇÃO:** Ao longo do ano letivo.

**RESULTADOS:** maior participação dos pais em reuniões, eventos e Conselho de Escola; cumprimento das solicitações enviadas pela escola; entrega dos documentos solicitados; contatos atualizados com frequência.

**AVALIAÇÃO:** Verificação quantitativa da presença dos responsáveis nos eventos e no Conselho de Escola; verificação constante da atualização dos prontuários de alunos.

**REVISÃO GERAL:** Análise atenta e frequente da equipe gestora acerca dos eventos e documentações de alunos.

#### **META 4:**

**Aumentar o número de alunos ingressantes nas turmas de 1º ano**

**PROBLEMA:** Desde 2019, com o aumento das escolas regulares de tempo integral, a procura pelas vagas de alunos ingressantes na E.M.D. tem sido muito baixa em relação à quantidade de vagas oferecidas.

**INDICADORES:** Número de matrículas realizadas e de alunos ingressantes.

**CAUSAS:** aumento das escolas de tempo integral obrigatório na rede estadual; desinteresse de estudantes e famílias em atividades educacionais em decorrência da suspensão destas atividades no período pandêmico do COVID-19.

#### **OPERAÇÕES:**

- a) Criar parcerias com escolas de ensino regular da rede municipal garantindo transporte escolar aos alunos;

- b) Investir em uma divulgação presencial mais efetiva e atraente aos alunos, levando inclusive demonstrações artísticas de atividades práticas que a E.M.D. oferece;
- c) Investir em divulgação impressa, visual e midiática a fim de alcançar o maior número de pessoas e públicos possíveis;
- d) Promover mais apresentações artísticas externas da E.M.D. voltadas ao público geral a fim de levar essa escola ao conhecimento dos cidadãos e famílias araraquarenses.

**PRAZO DE EXECUÇÃO:** ano de 2022 e 2023

**RESULTADOS:** Preencher o número de vagas oferecidas em edital no período de inscrição em ambos os períodos, de preferência ficando com alunos excedentes na lista de espera.

**AVALIAÇÃO:** Análise do número de matrículas efetuadas e das parcerias efetivadas com escolas municipais de ensino fundamental.

**REVISÃO GERAL:** Grupos de trabalho constantes com a equipe gestora da Secretaria de Educação para efetivação das ações propostas.

## **REGIMENTO INTERNO**

### **1. Procedimentos para a matrícula dos alunos**

Os alunos ingressam na E.M.D. Iracema Nogueira através da realização de um processo seletivo. A cada ano são abertas inscrições para o processo seletivo onde são realizadas atividades/vivências das aulas desenvolvidas na escola. São aplicados questionários e leituras para avaliarmos em que nível de alfabetização a criança se encontra. Podem se inscrever crianças que estejam no 3º, 4º ou 5º ano do ensino fundamental no ano de ingresso na Escola Municipal de Dança. Os aprovados no processo seletivo devem efetuar a matrícula, apresentando todos os documentos solicitados, entre eles o comprovante médico de aptidão para a realização de atividades físicas.

Os alunos que já frequentam a EMD devem, através de seus responsáveis, realizar a renovação de matrícula para o ano seguinte, e renovar o comprovante médico de aptidão para a realização de atividades físicas.

## **2. Critérios para agrupamento de alunos e organização das turmas**

Os alunos permanecerão na EMD por 6 anos, por isso a organização das turmas é feita por anos. Desse modo, as turmas vão do 1º ao 6º ano.

Os alunos ingressam no 1º ano, estando matriculados no 3º, 4º ou 5º anos do ensino fundamental. Para eles frequentarem o ano seguinte da EMD, devem obter uma frequência de 75% no ano anterior. Não atingindo essa frequência, sem atestados médicos que justifiquem as faltas, o aluno é eliminado por evasão e pode voltar a ser aluno da escola no ano seguinte, desde que refaça o ano anterior no qual evadiu-se.

## **3. Horário de funcionamento:**

De segunda a sexta-feira das 7:00 às 18:00 horas.

### Horário das aulas:

Período Manhã: 7:00 às 10:30 h

Período Tarde: 14:00 às 17:30 h

### **4.1. Direitos dos Alunos**

1º: Ter garantido o ensino de boa qualidade ministrado por profissionais habilitados e educadores qualificados.

2º: Ser respeitado como pessoa humana, com a garantia de sua inviolabilidade física, psíquica e ética.

3º: Ser tratado com civilidade e respeito pela equipe gestora, professores e demais profissionais da escola, bem como pelos colegas.

4º: Vivenciar um espaço democrático e participativo em que possa manifestar suas ideias e ser respeitado em suas opiniões.

5º: Usufruir de acesso a todos os espaços escolares, equipamentos, recursos e materiais, considerando a sua singularidade.

6º: Ser atendido em espaço escolar limpo e organizado, com materiais adequados às atividades a serem desenvolvidas.

7º: Receber alimentação de boa qualidade, de acordo com o cardápio organizado pela equipe de nutrição escolar.

8º: Ser atendido com transporte seguro, de acordo com as normas de trânsito, e com pontualidade.

9º: Tomar conhecimento sobre as disposições contidas no Regimento Escolar e ter acesso a ele.

## 4.2 Deveres dos Alunos

10º: Cumprir os horários de entrada e saída da escola:

Manhã: 7:00 às 10:30 horas

Tarde: 14:00 às 17:30 horas.

11º: Frequentar todas as aulas com assiduidade. Faltas deverão ser justificadas com atestado médico.

12º: Participar de todas as linguagens artísticas e todas as oficinas que a escola oferece, bem como de apresentações e eventos convocados pela Escola.

13º: Respeitar a rotina e organização da escola: entrada, troca de aulas, horários de refeição, higiene, uso de sanitários, e saída.

14º: Apresentar-se devidamente uniformizado com a camiseta da escola, usando também as vestimentas e calçados específicos de cada aula (collant, meia calça, saia, sapatilha, sapato de sapateado), que devem estar conservados e limpos. Não utilizar acessórios, tais como bijuterias, piercing, boné, entre outros, e calça jeans. As meninas devem estar de cabelos penteados e presos.

15º: Zelar pela higiene pessoal: tamanho e limpeza das unhas, roupas e meias limpas, uso de antitranspirante, limpeza dos cabelos.

16º: Prezar pela utilização, manutenção e conservação das instalações, móveis, equipamentos e materiais utilizados nas aulas e apresentações.

17º: Agir com civilidade nas relações interpessoais, respeitar o Regimento Escolar, as normas de convivência e as determinações da Direção, professores e funcionários da escola.

18º: Não portar objetos que não façam parte do material escolar e que podem representar desentendimentos, constrangimento, perigo à saúde, segurança, integridade física e moral a si mesmo e a outrem.

19º: Não usar celular ou qualquer tipo de aparelho eletrônico.

20º: Responsabilizar-se pelo uso e conservação do vale transporte fornecido pela Secretaria de Educação, utilizando-o somente para o acesso à escola e às atividades externas por ela propostas.

21º: Realizar a recarga do vale transporte no NGSAT.

22º: Cuidar de seus pertences e objetos pessoais sob sua responsabilidade.

23: Entregar aos Responsáveis os Bilhetes e Comunicados emitidos pela escola e devolvê-los assinados quando solicitado.

24º: Não perder de vista o foco artístico da Escola, bem como os valores da DISCIPLINA, COMPROMETIMENTO, AFETIVIDADE E CORTESIA.

### **5.1 Direitos dos Responsáveis**

- 25º: Conhecer o Projeto Político Pedagógico, o Regimento e o Calendário Escolar.
- 26º: Ser respeitado e tratado com civilidade pela equipe gestora, professores e demais profissionais.
- 27º: Procurar a direção da escola sempre que houver dúvidas e necessidades de esclarecimentos.
- 28º: Participar dos órgãos colegiados da escola.

### **5.2 Deveres dos Responsáveis**

- 29º: Incentivar o aluno a participar das aulas e atividades escolares.
- 30º: Respeitar todos os profissionais da escola.
- 31º: Cumprir rigorosamente os horários de entrada e saída dos alunos.
- 32º: Providenciar o uniforme da Escola para seus dependentes.
- 33º: Manter atualizados os dados do aluno, principalmente o endereço e o telefone.
- 34º: Renovar a matrícula do aluno no período solicitado pela escola, entregando todos os documentos solicitados.
- 35º: Apresentar anualmente o atestado médico de aptidão física no período da renovação de matrículas.
- 36º: Comparecer às reuniões, convocações e atividades promovidas pela escola.
- 37º: Comunicar a direção da unidade quando o aluno precisar faltar e justificar a falta com atestado médico.
- 38º: Zelar pela integridade física, emocional e asseio do aluno.
- 39º: Comunicar à escola a ocorrência de problemas de saúde e doença contagiosa que possa colocar em risco a saúde e o bem-estar da comunidade escolar;
- 40º: Responsabilizar-se pelos problemas de saúde do aluno, comparecendo à unidade para buscá-lo quando não se sentir bem durante a aula e acompanhá-lo nos atendimentos necessários;
- 41º: Apresentar receituário médico quando houver necessidade de o aluno fazer uso de medicação no horário escolar;
- 42º: Realizar a recarga do vale transporte no NGSAT.

### **6.1 Direitos dos profissionais da Escola**

- 43º: Ser tratado com civilidade e respeito pelos seus pares, alunos e pais de alunos.
- 44º: Vivenciar um espaço democrático e participativo em que possa manifestar suas ideias e ser respeitado em suas opiniões.

45º: Usufruir de acesso a todos os espaços, equipamentos, recursos e materiais escolares.

46º: Participar da elaboração do Projeto Político Pedagógico, Plano Escolar e Regimento Interno da Unidade.

47º: Participar dos órgãos colegiados da escola.

## **6.2 Deveres dos profissionais da Escola**

48º: Realizar todas as atividades inerentes à sua função com responsabilidade, mantendo a documentação de sua área de competência em ordem e entregando-a dentro dos prazos solicitados.

49º: Incentivar o aluno a participar das aulas e atividades escolares.

50º: Tratar com civilidade e respeito seus pares, alunos e responsáveis.

51º: Registrar diariamente e corretamente sua entrada e saída, cumprindo sua jornada diária;

52º: Não se ausentar de seu local de trabalho, durante o expediente, sem prévia comunicação e autorização da Direção da unidade;

53º: Comunicar a Direção previamente quando for faltar, assim como o período em que ficará afastado de suas atividades.

54º: Participar das Reuniões Administrativas e/ou Pedagógicas.

55º: Participar e colaborar com a organização de eventos educacionais, comemorativos, cívicos e culturais.

56º: Não fumar nas dependências da escola;

57º: Zelar pela utilização, manutenção e conservação das instalações, móveis, equipamentos e materiais utilizados nas escolas e apresentações externas.

58º: Apresentar-se ao trabalho com trajas adequados.

59º: Não utilizar celular em espaços comuns aos alunos durante os horários de aulas, exceto com a autorização do professor para o desenvolvimento de alguma atividade específica.

60º: Conhecer o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar da Unidade

## **6. Acompanhamento da frequência dos alunos**

A frequência é registrada diariamente pelos professores e educadores em caderneta escolar, sendo feita a chamada na 1ª aula. Como temos frequentemente casos de alunos que chegam atrasados e entram na 2ª aula, a Coordenadora Pedagógica registra no campo Observações da caderneta, no final do dia, os nomes dos alunos que chegaram atrasados

e estiveram presentes nas demais aulas, pois a Secretaria da Escola possui um caderno de controle dos atrasos. Cada professor é responsável por uma turma, de modo que lhe é atribuída a responsabilidade de manter a caderneta de frequência organizada.

## **7 Protocolo de atendimento em casos de infrequência e de violação de direitos**

Para os casos de infrequência e violação de direitos, aplicamos as medidas apontadas no documento “Protocolo de atendimento de Alunos” que orienta todas as escolas e todas as modalidades de Ensino da Rede Municipal de Araraquara.

### Infrequência:

Quando o aluno apresenta 5 faltas consecutivas ou 10 intercaladas sem justificativa, a Coordenadora entra em contato com a família solicitando justificativa. Se a família informa que a criança não irá retornar, de acordo com a justificativa dada, solicitamos que o responsável venha até a unidade assinar a desistência do aluno. Se a família justifica as faltas e informa que a criança vai retornar e esta não retorna, tentamos contato com a família novamente, e se ainda assim não há o retorno, a escola notifica o Conselho Tutelar via ofício solicitando a interferência deste serviço de apoio.

### Violação de Direitos:

Os professores e educadores devem estar atentos à observação dos alunos em seus aspectos físicos e emocionais. Se algum professor/educador percebe qualquer alteração significativa nestes aspectos e desconfia que o aluno está sendo exposto a qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, comunica imediatamente a Direção da Unidade. De acordo com a ocorrência, a equipe gestora aciona a família para que compareça à escola a fim de tomar conhecimento do problema e tentar saná-lo, fornecendo os encaminhamentos necessários. Dependendo da gravidade, e se o problema persistir, a equipe gestora encaminha formulário de Notificação de Ocorrência aos seguintes órgãos:

- CREAS
- Conselho Tutelar
- Secretaria Municipal de Educação
- A unidade educacional encaminha o aluno à Unidade Básica de Saúde (PSF/ Centro Municipal de Saúde) ou Unidade de Pronto Atendimento em caso de urgência/emergência decorrente de violência física.

Em caso de reincidência efetua notificação compulsória citando as estratégias já estabelecida à Promotora de Justiça – Vara da Infância e Juventude.

## **8 Procedimentos em casos de atrasos e saídas antecipadas**

Os alunos têm uma tolerância de 15 minutos para entrarem na 1ª aula, desde que esse atraso não seja constante. Após esse tempo, o aluno assina o caderno de atrasos para registro interno e aguarda o início da 2ª aula. Após o terceiro registro de atraso neste caderno, a Direção da Escola entra em contato com a família do aluno para comunicar os atrasos, verificar o problema e tentar saná-lo.

As saídas antecipadas podem ocorrer em casos de atendimento médico ou psicológico. O aluno deve apresentar um bilhete com autorização do responsável para sua liberação antecipada, devendo trazer no dia seguinte o comprovante de comparecimento do serviço de saúde.

Alunos que necessitam realizar acompanhamentos de saúde, psicológicos ou psicopedagógicos semanais dentro do horário de aula, só podem ser liberados se trouxerem uma declaração deste serviço na qual conste a necessidade, o dia e o horário do atendimento fixo. Mas antes de autorizarmos a saída semanal do aluno, sempre tentamos com a família e o serviço a possibilidade de mudança do horário de atendimento, a fim de que não condiz com o horário da aula.

## **9 Normas Disciplinares**

1. Em caso de depredação do patrimônio por parte do aluno, o responsável terá por obrigação consertar o bem danificado ou arcar com as despesas para o conserto do mesmo.
2. Se o aluno for pego com celular ou outro equipamento eletrônico nas dependências da escola fazendo uso do mesmo sem a autorização do professor para atividade específica, este será recolhido e o responsável deverá retirá-lo na Escola.
3. Diante de casos de comportamento inadequado, serão aplicadas as seguintes normas disciplinares:

1º) Advertência Verbal;

2º) Advertência por escrito e assinatura do aluno no livro de Ocorrências;

3º) Advertência por escrito e convocação do responsável para comparecer à escola no dia seguinte ao fato ocorrido;

4º) Advertência por escrito e convocação do responsável para comparecer à escola no dia seguinte ao fato ocorrido e se necessário suspensão do aluno por 3 dias.

5º) Se o comportamento inadequado persistir o Conselho de Escola será acionado para tomar decisões e providências cabíveis ao aluno.

### **9.1: Outras Disposições:**

A escola não se responsabiliza pelo educando antes e depois do seu horário escolar e no trajeto feito entre escola/residência e vice-versa, sendo de responsabilidade dos responsáveis o acompanhamento do mesmo neste trajeto e nos respectivos horários de entrada e saída.

Ex alunos possuem livre acesso à escola para visitação esporádica e com tempo determinado, podendo permanecer nos espaços de convivência, mediante sua identifica o na Secretaria. Somente os alunos que integram o Núcleo Especial de Formados e Formandos poderão participar das aulas de Ballet Clássico e Dança Contemporânea durante a semana.

A escola não se responsabiliza pela perda e sumiço de objetos e pertences do aluno.

**ANEXO C- LISTA DE EVENTOS, OFICINAS EXTRACURRICULARES E APRESENTA OES DOS QUAIS ESTUDANTES E EDUCADORES DA EMD PARTICIPARAM E QUE FORAM FUNDAMENTAIS PARA O PROCESSO**

- Cortejo de Carnaval – Samba enredo em homenagem aos 20 anos da EMD, fev. 2022;
- Mês Elza Soares – Dia Internacional da Mulheres, apresentação “O que se cala” – Centro de Referência da Mulher “Heleith Safiotti” Prefeitura Municipal de Araraquara, mar. 2022;
- Mostra “Gabinete Modernista: a Passagem de Mário de Andrade por Araraquara. Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, Araraquara, mar. 2022;
- Sons à prevenção da dependência química – Um papo aberto sobre o uso de drogas e suas consequências – Música, poesia e vivência – com Tadeu Marcato de Willian Chacal, mar. 2022;
- Cortejo dia do Circo, participação da EMD, abr. 2022;
- Aula Inaugural EMD, abr. 2022;
- Dia Internacional da Dança, Teatro de Arena, apresentação “O que se cala”, abr. 2022;
- Cia Pé na Tábua – Espetáculo “Atalho’s”. SESC, 2022;
- Key Zetta & Cia – Espetáculo “Risos”. SESC, 2022;
- Festival Internacional de Videodança Sans Souci, EMD, abr. 2022;
- 19ª edição do evento do Território das Artes de Araraquara “À procura de Muyrakitã”, Palacete das Rosas, jun. 2022;
- Exposição fotográfica “Amazônia” de Sebastião Salgado, SESC- Pompéia, São Paulo em jun. 2022;
- Projeto Educativo da São Paulo Cia de Dança com “Desassossegos” de Henrique Rodovalho e “Infinitos Traçados” de Willian Pereira e Inês Bogêa, Theatro São Pedro, São Paulo, jun. 2022;
- Festival Varilux de Cinema Francês, Cine Lupo, 2022;
- Desfile Cívico do aniversário da cidade com o tema: “205 anos de Araraquara – 22 de agosto comemora a Semana de 22: celebrando a vida com Educação e Cultura”, apresentação “A EMD ecoa o modernismo aos filhos e netos de Makunaima”; ago. 2022;
- Exposição fixa "Invencionices de Mario no Ninho da Luz" e visitação da Chácara Sapucaia. Araraquara, ago. 2022;
- 22º Festival Internacional de Dança de Araraquara -FIDA, Apresentação: “Ciranda dos sonhos: Historiografias dançadas”, set.2022;
- Festa de Aniversário de 20 anos da EMD, com Coletivo Tocaya, out. 2022;

- Dia do idoso- Lar São Francisco (Asilo de Mendicidade), Apresentação: “Ciranda dos sonhos: Historiografias dançadas”, out..2022;
- Exposição SESC Araraquara “Ausente Manifesto”;
- Grupo Chama Poética – Espetáculo “Histórias de Macunaíma”, nov. 2022;
- Contação de histórias indígenas - com Cristino Wapichana, nov. 2022.
- IV Mostra Cultural da Educação Integral do Município de Araraquara, nov. 2022.
- Estreia videodança “Júlia” mais bate papo com a escritora Aline Bei, SESC, 2022;
- Projeto Educativo da São Paulo Cia de Dança “O quebra nozes- no mundo dos sonhos”, Teatro Sérgio Cardoso, São Paulo, dez. 2022;
- Projeto “Circularidades SESC- Araraquara”, dez. 2022;
- Formatura dos estudantes da EMD, “Entremundos – eu sou, porque nós somos”, dez. 2022.

#### **OFICINAS:**

- Técnica Silvestre - com Vera Passos (PRODAN) Salvador – BA, out. 2021 e abr. 2022;
- Improvisação Música e Dança - com Lucas de Gal (PRODAN) Salvador – BA, nov. 2021;
- Criação de figurinos – com Aline Carvalho (PRODAN) Salvador -BA, nov.2021;
- Semana do Sapateado – com Érica Oliveira Ibaté- SP e Derick Jacinto São Paulo – SP, mai. 2022;
- Danças Afro-Brasileiras - com Rose Bárbara (PRODAN) Salvador -BA, jun. 2022;
- Encontro SESC de Capoeira – com mestres da BA e PE, ago. 2022;
- Chão de Capoeira – com Alisson Lima, Recife – PE/ São Paulo-SP – Instituto Brincante, ago. 2022;
- Processo de (re)criação de figurino – com Muca Rangeu, Araraquara-SP, ago.-set. 2022;
- Residência Selvagem – Calungas & Mungangueiros: uma insolência para um rei mal coroado – com Denny Neves, (UFBA) Salvador -BA set. 2022 – FIDA.

## **ANEXO D – CLIPPING DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA EMD NO PERÍODO DE FEVEREIRO A DEZEMBRO DE 2022**

Carnaval 2022:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/fevereiro/25/alunos-da-emd-lancam-samba-enredo-em-homenagem-aos-20-anos-da-escola>

Visita biblioteca professores Gabinete de Mário:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/fevereiro/22/professores-da-emd-visitam-201cgabinete-modernista201d>

Semana do Dia Internacional da Mulher:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/marco/07/programacao-dedicada-aos-mes-da-mulher-tem-inicio-nesta-terca-feira-8>

Território das Artes:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/maio/31/territorio-da-arte-de-araraquara-exposicoes-e-programacao-educativa-se-encerram-nesta-semana>

Dia Internacional da Dança: Oficina Vera Passos:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/abril/26/alunos-da-emd-participam-de-oficina-virtual-de-tecnica-silvestre>

Oficina Rose Barbara:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/junho/14/alunos-da-emd-participam-de-oficina-de-dancas-afro-brasileiras>

Semana do Sapateado:

<http://araraquara.sp.gov.br/noticias/geral/alunos-da-emd-sapateado-e-destaque-nesta-quinta-feira-261250>

Passeio SP Sebastião Salgado e SPCD:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/junho/03/emd-comeca-junho-com-diversas-atividades>

Oficina Alisson Lima:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/agosto-1/03/alunos-da-emd-recebem-bailarino-pernambucano-alisson-lima>  
[vídeo no instagram](#)

Desfile de 22 de agosto:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/agosto-1/18/desfile-civico-propoe-celebrar-a-vida-com-educacao-e-cultura>

Passeio Chácara Sapucaia:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/setembro/15-1/alunos-da-escola-municipal-de-danca-visitam-a-chacara-sapucaia>

Visita ao Museu:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/setembro/01/alunos-da-escola-municipal-de-danca-fazem-visitas-monitoradas-em-espacos-publicos>

Oficina Muca Rangeu:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/setembro/15-1/escola-municipal-de-danca-desenvolve-projeto-para-recriar-figurinos-e-aderecos>

FIDA: Diploma de Honra ao Mérito:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/setembro/27-1/camara-municipal-homenageia-20-anos-da-escola-municipal-de-danca-iracema-nogueira-1>

FIDA Quilombo rosa

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/setembro/21-2/quilombo-rosa-recebe-programacao-do-fida-nesta-sexta-23>

Festa Aniversário de 20 anos “Iracema Nogueira” coletivo Tocaya:

<https://www.instagram.com/p/CjmA3DGIIsT/?igshid=YTY2NzY3YTc%3D>

Palestra Cristino Wapichana:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/outubro/21/alunos-da-emd-participam-de-atividade-com-tematica-indigena-e-a-sua-influencia-em-201cmaunaima201d>

Divulgação do Espetáculo:

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/novembro-1/16/alunos-da-emd-estream-201cmakunaima-reflorestando-mentes201d>

Passeio SPCD nov. 2022

<https://www.araraquara.sp.gov.br/noticias/2022/dezembro-2/06/alunos-da-emd-assistem-201co-quebra-nozes-no-mundo-dos-sonhos201d-em-sao-paulo>

**ANEXO E – FOTOS DA AVALIAÇÃO DAS/DOS ESTUDANTES AO LADO DAS WAZAKAS (ÁRVORES DA VIDA) POR ELAS/ELES CONSTRUÍDAS (NOV. 2022)**



Foto: Avaliação Wazaká - Arquivo EMD, dez. 2022



Foto: Avaliação Wazaká - Arquivo EMD, dez. 2022



Foto: Avaliação Wazaká - Arquivo EMD, dez. 2022



Foto: Avaliação Wazaká - Arquivo EMD, dez. 2022

**ANEXO F – PROGRAMA DO ESPETÁCULO: MAKUNAIMA: REFLORESTADO MENTES**

**ESPETÁCULO**



**MAKUNAIMA:**  
REFLORESTANDO MENTES  
17 E 18 DE NOVEMBRO DE 2021  
19H30

**MAKUNAIMA:**  
REFLORESTANDO MENTES

*Morri ewaron, sou Makunaima  
Sou como uma bananeira  
Me crio e recrio em mim mesmo  
Sou transmutação  
Passo  
na volta  
venho transformando  
o que transformei na ida  
Já fiz pedra virar touro  
Gente virar pedra  
Já fui capa de livro  
Filme  
Estive em muitas línguas  
Diversas bocas  
Muitas versões  
Várias formas/estados  
Assim sou eu  
Escolho ser/estar dessa forma  
Porque assim atravesso o tempo  
E como uma corredeira  
Esparramo pistas  
de como devemos pisar suavemente  
nesta Mãe Terra  
Sem deixar marcas  
Para a cura  
Nossa cura  
Sendo parte de um todo  
Sou seu avô Makunaima  
Pai de Macunaima  
Sou parte de todos  
e somos todos parte de um só  
Proseguimos criando  
cocriando...  
Semeando sonhos  
e transmutando mundos.*



*Este espetáculo é uma homenagem ao artista Jaider Esbell  
(1979-2021)*

# MAKUNAIMA: REFLORESTANDO MENTES

## Elenco:

### O Sonho de Mário de Andrade - 1º I e 2º II

Ana Laura Da Costa Nery, Alyne Mendes Fernandes, Eduanyelis Kamila Solis Salaverria, Ellis Vitoria Nascimento Da Silva, Gabrieli Frederico Dos Santos, Gabriely Moraes Romera, Isabele Aparecida Nunes De Barros, João Pedro Lombardi, Lazaro Miguel Shen De Andrade, Lorena Emanuely Loyola, Maria Clara De Almeida Soares, Olyver Rafael Do Nascimento, Sophia Dos Santos Vieira, Sophia Sgorlon Moura Da Silva, Wendell Willian Oliveira Dos Santos.

### Rató - a Cobra Mítica e a Cobra de Metal - 6º II

Ana Beatriz Santaniel, Ana Julia Soares, Ana Laura Uchoa, Anna Clara Campos Santos, Evelyn Ferrareze Cappato, Gabriely Da Silva Gregório, Jordana Nardini Sabino, Júlia Cavalcante Vassalo, Rafaely E. Dos S. Camargo, Rakelli Nataly Da Silva, Samiry Stefany Da Silva, Verônica De Souza Parodi.

### Floresta de concreto - 1º II e III

Agatha Beatriz De Moraes Macena, Amanda Lopes Da Silva, Ana Clara Anzolin, Ana Julia Teixeira Dos S. Nazario, Anna Beatriz Dos Santos Tomas, Anna Laura Do Nascimento, Beatriz Pereira Borotto, Carolina Corrêa Do Prado Rezende, Heitor Dos Anjos Lima, Isabelly Barbosa De Souza, Isabelly Batista De Jesus, Isadora De Oliveira Da Silva, Isadora Nalin Dos Santos, Laura Cunha Dos Santos, Livia Lopes Querubim, Lorena De Oliveira Santos, Luis Roberto Bosco Marques, Mariana Xavier Oliveira, Michelly Araujo De Souza, Nycole Pereira De Assis, Pedro Henrique Santos Souza, Sophia Vitoria Nunes De Mello, Thaila Fernandes Rodrigues, Yasmim Pereira Mazzoni.

### Macunaíma - 6º I

Júlia Ferreira Correia, Luana Soares Santos, Poliana Almeida Jacob

### Operários- 4º II e 5º II

Kauã Arcanjo De Souza, Miguel Rodrigues Da Silva, Miguel Tiago Rocha Da Silva Nero, Wallace Rodrigues Marques.

### Cada um por si - 2º IV

Agnes Stefanini Luiz, Ana Julia Alves Biffe, Ana Laura Ribeiro Pereira, Arthur Santos Souza, Cristiana Caroline Marins, Gabriely Vitoria Pezzolato Barbosa, Gael Barbosa Cabrini, João Furtado Zavaglia, Maria Julia Cremonesi, Nicolý De Souza Neves, Raphael Henrique Ribeiro R. Chaves, Raquel Alves Bretan Rabelo

### Invisíveis - 3º II e III

Alice De Lima Presotto, Alice Vitória De Freitas Camargo, Andrey Douglas Rodrigues Leite, Carina Coutinho Dutra, Clarice Coutinho Dutra, Danielle Alves Da Silva, Eduardo Mattos Zavatin, Eloise Francisco De Oliveira, Emmanuele Joaquim De Almeida, Gabriela De Castro Silva, Giovana De Oliveira Napoleão, Giovana Leite De Souza, João Lucas Ibelli Tavares E Silva, Karol Letícia Palombo Nicolau, Lorena Lima Gardinassi, Maria Clara Mendes Do Amaral, Nathali Rodrigues Varavalho, Olívia Maria Souto Ferreira, Yasmin Gabrielle Bento Ferreira.

### A Comunidade - 2º III

Ana Clara Carvalho Sarandi, Ana Clara Gonçalves Dos Santos, Eloah Andrade Santos, Emylee Andrade Santos, Ingridy Cristina Israel, Isabelly Gabriella Marçal De Moraes, Julia Celi Destro, Lara Gonçalves Da Rocha, Livia Ginatto Rocha, Luana De Freitas Melges, Nadja Garcia Gonçalves, Stéfany Priscila De Souza Aléscio

### Enchente - 2º I e 3º I

Allana Vitória Moreira, Ana Beatriz Gomes De Camargo Campos, Anahy Do Nascimento, Bianca Men Camerlengo Gomes, Gabriel Santos Silva, José Elton Saraiva Dos Santos, Lais Nocera Do Amaral Machado, Maria Eduarda Sanches Lopes, Murilo Ferreira Leandro, Vinicius Rafael Assis, Vitória Barros Cabrio, Vitória Fernanda Da Silva Gomes Pereira, Yasmim Caroline Cappato

### Quanto vale? 4º II e 5º II

Alicia De Onofre Souza, Alicia Favero Bueno, Ana Júlia Chagas, Anna Livia De Oliveira, Bárbara Rebelo Prevato, Eloah Cristina M. De Oliveira, Evelyn Beatriz Matias De Oliveira, Gustavo Da Silva Malheiros, Kauã Arcanjo De Souza, Layane Carolina Inocêncio De Souza, Marcela Oliveira Marques Da Silva, Miguel Rodrigues Da Silva, Miguel Tiago Rocha Da Silva Nero, Vitoria Aparecida Carvalho, Wallace Rodrigues Marques.

### Desmatamento- 4º I e 5º I

Anna Beatriz Modesto Da Silva, Beatriz Helena Rodrigues Dos Santos, Carlos Sperti, Christopher Lima Desidério, Diego Souza Neves, Estefânia Luiza De Castro Melo, Giullia Santos Gomes, Gustavo Henrique De Souza, Isadora Celino Rigotto, Isadora Fernanda L. De Carvalho, João Paulo De Miranda, Kauany Vitória Barbosa Alves, Kerolin Luiza Dias, Luiz André Damazio, Maria Clara De Souza Ribeiro, Mariana Fernandes Ribeiro, Maria Rita Faria Rodrigues, Matheus Henrique L. Machado, Micaella Rebelo Dos Santos.

### Demarcação já e Makunaimã- 6º II

Ana Beatriz Santaniel, Ana Julia Soares, Ana Laura Uchoa, Anna Clara Campos Santos, Arthur Henrique De G. Andrade, Evelyn Ferrareze Cappato, Felipe Henrique Guidelli, Gabriely Da Silva Gregório, Jordana Nardini Sabino, Júlia Cavalcante Vassalo, Nicolas Kenzo Sakai, Rafaely

E. Dos S. Camargo, Rakelli Nataly Da Silva, Samiry Stefany Da Silva, Verônica De Souza Parodi.

**Piai'mã – o preparador de Xamãs - 5ºII**

Ana Júlia Chagas, Bárbara Rebello Prevato, Eloah Cristina M. De Oliveira, Kauã Arcanjo De Souza, Miguel Rodrigues Da Silva, Wallace Rodrigues Marques.

**A cura - Núcleo de Formados e Formandos**

Ana Clara Campos Santos, Ana Julia Soares, Ana Luiza Miranda Teodoro, Bárbara Laize Pinha, Bárbara Moretto Ferreira, Bianca Caroline Vassalo Silvério, Carolina Vega, Cecília Bertolucci Schimitd, Ellyn Lago Paulino, Felipe Henrique Guidelli, Giuliano Dos Santos, Isabelle Aparecida Dos Santos, João Pedro Ferreira, Júlia Ferreira Correi, Júlia Helen Leopoldo, Maria Eduarda Stock Pachiega, Maria Caroline Luiz Antonio, matheus Silva, Poliana Almeida Jacob, Rafaely E. Dos S. Camargo, Rakelli Nataly Da Silva, Rodrigo Canela, Samiry Stefany Da Silva, Vinícius Eduardo Rocha Da Silva Nero, Vitória Da Silva Jovino.

*Esta obra é resultado de um processo de criação colaborativa e coletiva e teve como principais referências as obras visuais de Jaider Esbell, e seu artigo: "Makunaima, o meu avô em mim!", (2018), o livro de Mário de Andrade: "Macunaima, O herói sem nenhum caráter", (1928), do livro coletivo "Makunaimã - o mito através do tempo", (2019) e das obras de Ailton Krenak.*

**Ficha técnica:**

**Concepção e produção:** Equipe Escola Municipal de Dança "Iracema Nogueira"

**Colaboração especial:** Rosana Silva  
**Direção artística:** Geórgia Palomino

**Criadores:** Aline Escamilha, Ana Paula Picco, Carlos Fonseca, Dani Lázaro, Denise Torres, Geórgia Palomino, Henrique Bisetto, Janayna Marcatto, Inaiá Braghini, Liliana Jóia, Maza Tidei, Paula Delbon, Pamela Pires, Priscila Lopes, Renata Pestana, Renato Cabrini, Rodrigo Canela e Vivian Tavares.

**Narração e colaboração especial:** Leonardo Camillo  
**Concepção colaborativa de Figurinos:** Muca Rangeu e equipe  
**Confecção de figurinos:** Lilian Pirolla  
**Cenografia colaborativa:** Denise Torres, Maza Tidei e equipe  
**Assistentes de cenografia:** Dani Lázaro, Ivani Rocha e Nelma Falcoski  
**Operador de luz:** Ana Paula Picco  
**Operador de som:** Henrique Bisetto  
**Edição de áudio e vídeo:** Henrique Bisetto e Ana Paula Picco  
**Filme e fotografia:** Inaiá Braghini

**Equipe da Escola Municipal de Dança**

**Diretora Escolar:** Vanessa C. C. de Santana  
**Coordenadora pedagógica:** Lucia Krepski  
**Coordenadora técnica/artística:** Geórgia Palomino

**Educadores:**

**Artes Visuais:** Denise Ianuskievics Torres e Maza Tidei  
**Audiovisual:** Inaiá Braghini  
**Balé clássico:** Carlos Fonseca, Liliana Jóia e Paula Delbon  
**Capoeira:** Henrique Bisetto e Rodrigo Canela  
**Dança contemporânea:** Ana Paula Picco, Carlos Fonseca e Renata Pestana  
**Danças Urbanas:** Aline Escamilha, Janayna Marcatto e Vitão Dancer  
**Música:** Priscila Lopes e Renato Cabrini  
**Sapateado:** Aline Escamilha, Janayna Marcatto e Vivian Tavares  
**Teatro:** Dani Lázaro e Pamela Pires  
**Agente administrativo:** Rosemara Alves Penha  
**Agentes educacionais:** Ivani Rocha, Lilian Pirolla e Nelma Falcoski  
**Agente escolar:** Lidiane Sant'anna Campos  
**Agente operacional:** Adriana Cristina Veltri, Fábio Cesar Marcelino  
**Agente social:** Maria de Lourdes Peres Tossato, Marisa dos Santos Antônio, Marco Túlio da Silva Ferreira.  
**Serviços gerais:** Maria Lúcia Gonçalves de Brito  
**Zeladora:** Telma Suely da Silva

Este material teve o custo unitário de R\$ 0,88. Foram fabricadas 500 unidades. Custo total: R\$ 440,00.



**ESCOLA MUNICIPAL  
DE DANÇA  
"IRACEMA NOGUEIRA"**

Av. Vicente Jerônimo Freire, 22 - Vila Xavier

Secretaria Municipal  
da **Educação**



Prefeitura Municipal  
de **Araraquara**

